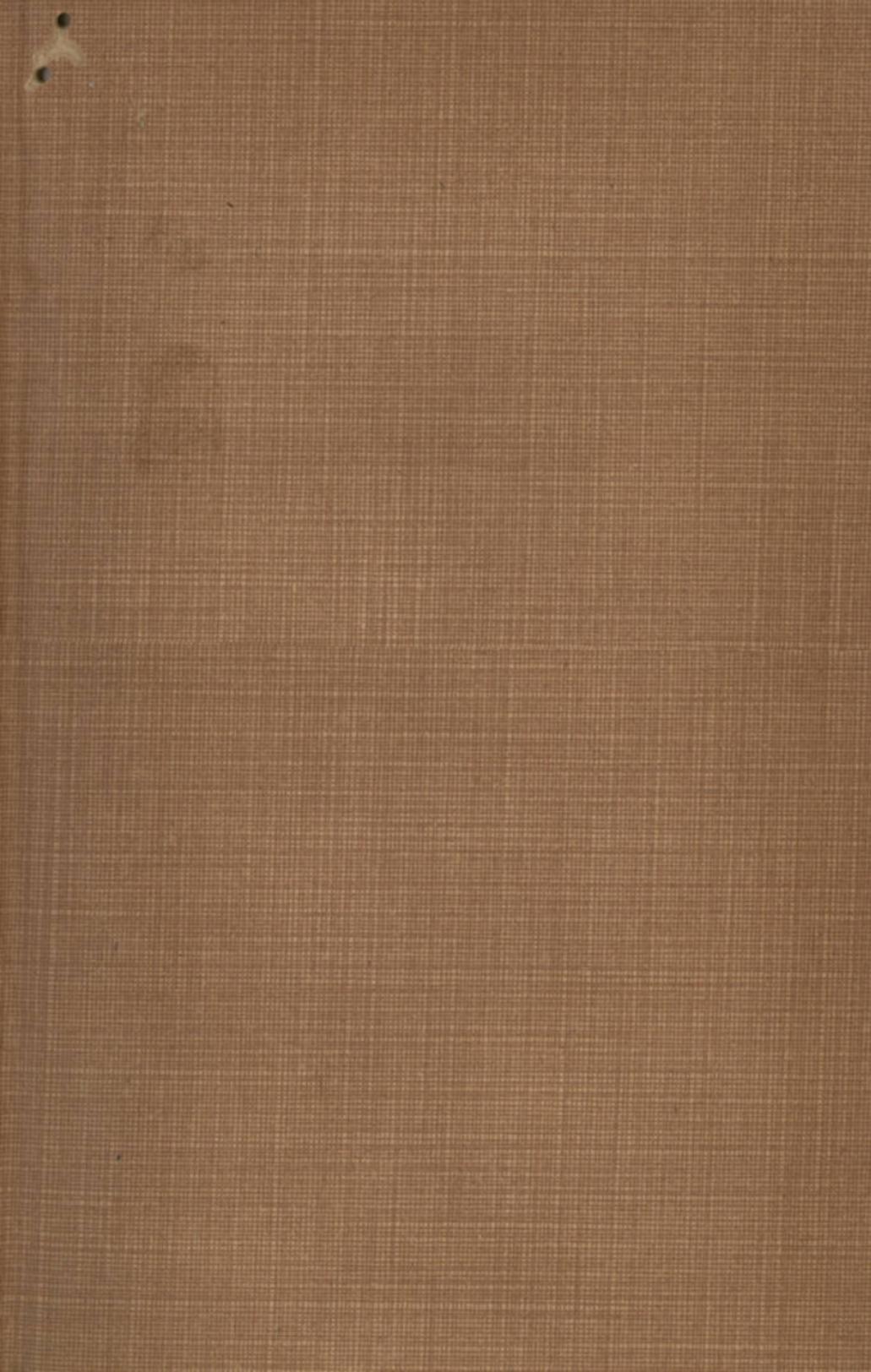


D. Virginia de Castro e Almeida

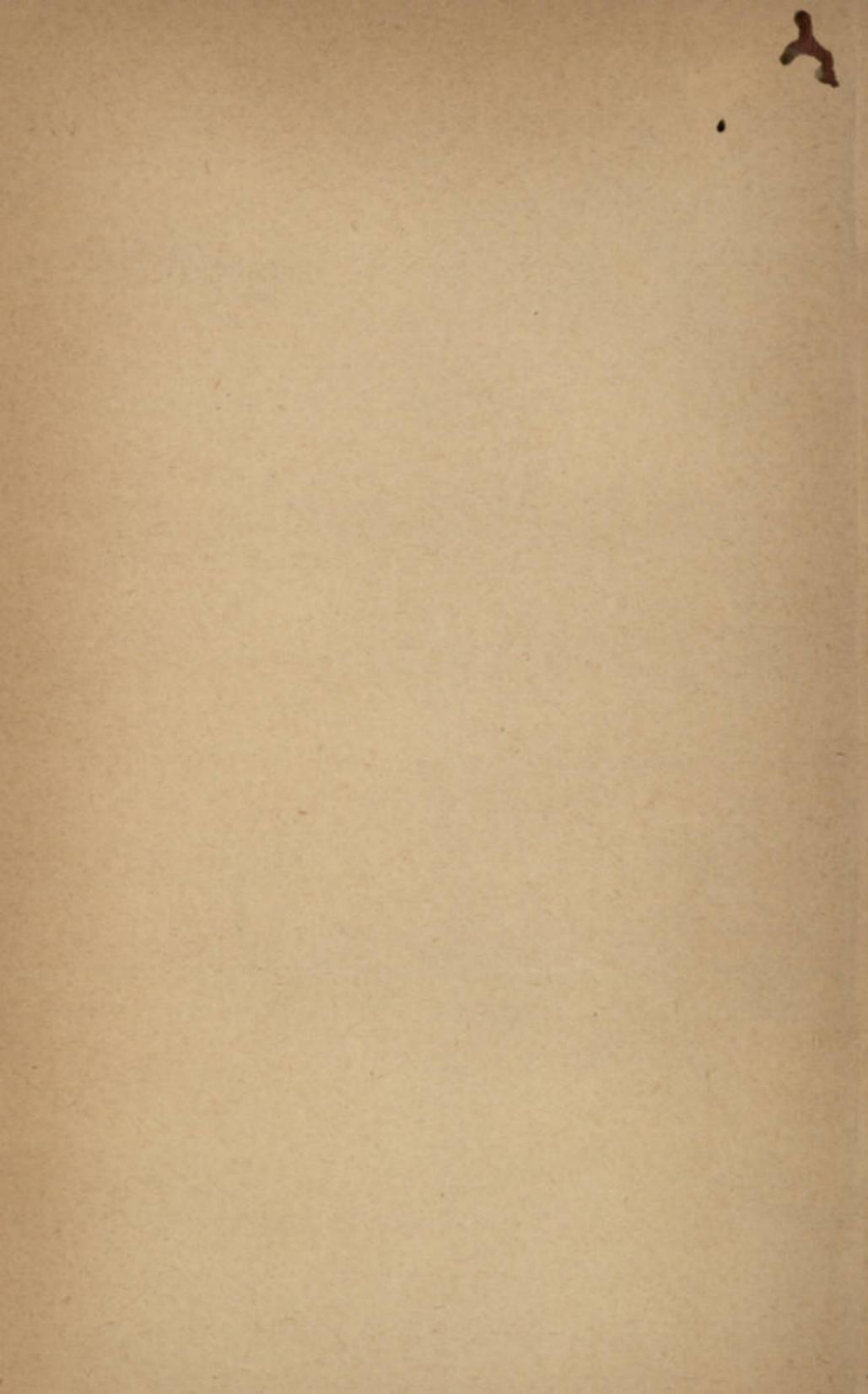
A Praga











A Praga

TYPOGRAPHIA SANTOS

62, Rua das Flores, 64

— ◊ ◊ ◊ ◊ — PORTO — ◊ ◊ ◊ ◊ —

20411



VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

Numero na estante 78 —  
Biblioteca Movel-Tipo 9.º n.º 20  
S. E. P.

# A Praga

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

DE

A. M. TEIXEIRA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17



R  
20411  
V.

2720



LISBOA 1917



L  
96485

INCORPORAÇÃO

358323

821

DA MESMA AUTORA:

|   |      |
|---|------|
| A FADA TENTADORA, livro para creanças, 1 vol.<br>ilustrado . . . . .  | \$70 |
| COMO DEVO GOVERNAR A MINHA CASA, adap-<br>tação e modificação do livro italiano de G. F.<br>Tamburini, 1 vol. ilustrado . . . . . | \$80 |
| COMO DEVEMOS CRIAR E EDUCAR OS NOS-<br>SOS FILHOS, 1 vol. ilustrado . . . . .   | \$80 |
| TERRA BEMDITA, romance, 1 vol. . . . .  | \$60 |
| TRABALHO BEMDITO, romance, 1 vol. . . . .   | \$60 |
| CAPITAL BEMDITO, romance, 1 vol. . . . .  | \$60 |
| FÉ, romance, 1 vol. . . . .   | \$60 |
| COISAS QUE EU PENSO, 1 vol. . . . .   | \$60 |
| CARTAS DO FABRICIO, 1 vol. . . . .  | \$60 |
| A MULHER, 1 vol. . . . .  | \$70 |
| INNOCENTE, novellas, 1 vol. . . . .   | \$60 |

DA « BIBLIOTHECA DOS MEUS FILHOS »

|   |      |
|---|------|
| CEU ABERTO, 1 vol. ilustrado . . . . .                                      | \$70 |
| EM PLENO AZUL, 1 vol. ilustrado . . . . .                                   | \$60 |
| PELA TERRA E PELO AR, noções de entomolo-<br>gia, 1 vol. ilustrado. . . . . | \$60 |
| AS LIÇÕES DO ANDRÉ, noções de sciencias, 1 vol.<br>ilustrado . . . . .      | \$40 |

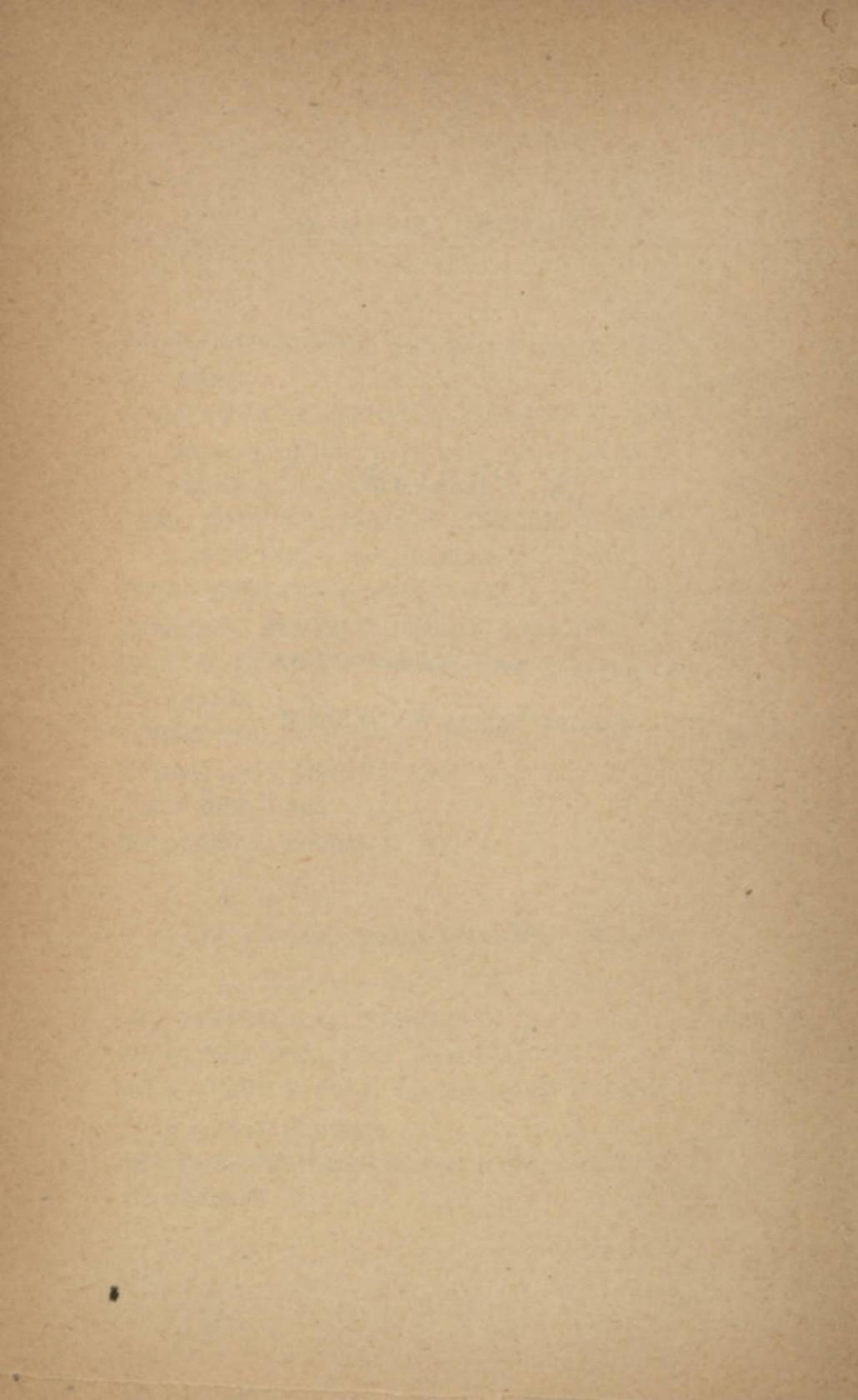
H 97069<sup>el.</sup>



# A PRAGA

AO MEU ILLUSTRE E EXCELLENTE AMIGO

MANOEL VIEIRA NATIVIDADE



.....  
*Mas se o sabio ha mister, para fundas meditações,  
de graves assumptos, intrincadas questões onde  
mais ostente sua erudição, o povo, menos pensador  
mas mais poeta talvez, prefere na historia o drama  
ao facto descarnado e sem interesse para o coração;  
pede que lhe deixem o entendimento em socego e só  
quer o que lhe pode exaltar a imaginação o mover  
a sensibilidade: ouve distrahido a narração circuns-  
tanciada das transacções diplomaticas das côrtes e  
as reflexões de alta politica que a acompanham;  
emquanto que entre soluços e lagrimas escuta os  
ternos amores e triste fim da linda Ignez, e no seu  
enthusiasmo parece mais actor d'esse drama lacri-  
moso, do que simples ouvinte e ignorante.*  
.....

ANTHERO DE QUENTAL

(Do estudo por acabar sobre o Infante D. Henrique



## PRIMEIRA PARTE

Manhãzinha.

O sol ainda não galgara as collinas ramalhudas da estrada das Caldas; doirava apenas ao de leve as casas mais altas da villa que trepavam pela encosta da Vestearia e branquejavam por cima das copas redondas do pomar.

A Joaquina sahiu de casa, atravessou o quintal e, poisando na borda do tanque o alguidar com roupa que levava apoiado na ilharga, principiou a lavar.

Cantarolava a meia voz.

Era no mez de Julho. A manhã estava muito limpida, o ceu claro. Pela borda do rio coaxavam rãs e havia uma grande chilrada de passaros no arvoredos.

No caminho da fonte, do outro lado do muro alto da propriedade, soavam os passos dos traba-

lhadores e operarios que vinham dos seus casaes para os serviços da villa.

Um d'elles parou á cancella; levantou a aldrava, mas o ferrolho estava corrido. Espreitou pelas grades para dentro e viu a rapariga a lavar roupa.

Gritou:

«Olhe lá, ó menina!»

A Joaquina voltou-se.

«Qu'é que vomecê quer?»

«Sou o home que vem por via de cavar. Deram-m'o recado honte».

A Joaquina approximara-se.

«O patrão nã m'entregou a chave», disse ella «e ê nã n'o vou accordar assim de manhãzinha qu'elle escama-se».

Encarava o homem. Atravez das ripas da cancella via um rosto magro, tisonado pelo sol; o queixo aguçado, as maçãs do rosto salientes, os olhos muito azues; o bigode, de um loiro queimado, pendia dos lados da bocca seria.

«Lá por via d'isso nã haja duida». respondeu elle.

A cancella era alta e as ripas que a formavam, postas a prumo, terminavam em pontas aguçadas.

O homem atirou por cima d'ella a enxada, a jaleca e o saquitel de chita com o farnel e, chegando-se para o muro que tinha perto de duas varas d'altura, lançou-lhe as mãos ao topo, ergueu-se á força de braços, passou as pernas para



a banda de dentro e, armando um salto, cahiu de pé no quintal.

«O demo é o home!» murmurou a Joaquina cheia de admiração.

Mas elle puxou o coz das calças para cima, apertou a cinta que se desenrolara e perguntou tranquillamente:

«Qu'é da terra qu'é pr'a cavar?»

Levando-o até junto do tanque, a Joaquina apontou-lhe um pedaço de chão que não via ferro havia muitos annos.

«O patrão quer aqui uma cava bem funda», disse ella. «É para uma horta. Agua não lhe falta».

O homem lançou ao chão um olhar entendido e respondeu:

«Hum!... Ha-de gastar bom dinheiro com estercos; a terra está rija e crua».

Tirou o colete, puxou o carapuço mais para as orelhas, cuspiu nas mãos e principiou a cavar.

A Joaquina voltou para o tanque e, pegando n'uma peça de roupa, recomeçou o seu trabalho interrompido.

A espuma de sabão cobria-lhe as mãos, salpicava-lhe os braços nús. A saia, apanhada e entalada entre os joelhos, desenhava-lhe a forma das pernas direitas e rijas, descobria-lhe os tornoselos delgados. A blusa que puxara adiante e prendera no coz da saia deixava perceber as curvas suaves dos seios.

« Han!... Han!... » arquejava o homem ao atirar com força a enxada contra o chão duro, depois de a erguer bem alto curvando para traz o dorso enxuto e musculoso.

As duas pontas luzentes do enxadão cravam-se na terra e o torrão despegava-se com estalidos surdos. As enxadadas succediam-se, certas, com intervallos regulares, sem uma pausa.

« Parece uma *mánica* » pensava a Joaquina.

Ella tambem não descançava. Ia ensaboando e esfregando a roupa, batia-a, agitava-a na agua limpida que, a pouco e pouco, se tornava leitosa.

Era preciso despachar aquelle serviço depressa; d'alli a nada tinha que ir varrer, depois aquecer o café, fazer compras á praça, pôr a meza para o almoço dos patrões, lavar loiça... Ah! louvado Deus! o seu corpo não criava bolor. Quando chegava a hora de se deitar, atirava-se para a cama, cançada, moida que nem a azeitona debaixo das galgas.

Havia mais de sete annos que viéra lá da terra para aquella casa, só pelo comer e vestir. Ia então nos quinze; era uma cachopita brutinha e palonsa e mal sabia falar, porque o seu officio até alli fôra andar na serra com o gado e não tinha outra habilidade senão fiar a estopa da sua roca o dia todo atraz das ovelhas e trazer para casa, ao anoitecer, o poceirinho cheio de maçarocas.

Orphã de pae e mãe, vivia com a madrinha tão pobre como ella e guardava o gado de um vi-

sinho pelo comer e vestir. Quando a madrinha morreu veio servir para a villa; não tinha mais ninguem no mundo.

Na casa do senhor Gonçalves aprendera quanto sabia. Era, a bem dizer, para todo o serviço; havia o moço que tratava do cavallo e do jardim e a ti Anna, a mulher que vinha a dias coser e passar a roupa a ferro; mas o resto ficava-lhe todo em cima.

A senhora da casa tinha um genio variavel; era obesa e alimentava-se quasi exclusivamente com chá, pão e muita manteiga; passava dias inteiros no quarto, entregue alternadamente a practicas religiosas e a ataques de mau genio que não raro acabavam em xeliques e flatos.

O patrão, dyspeptico e expansivo nas suas iras, empregava a riqueza penosamente adquirida no Brazil fazendo-a fructificar na lavoura e em varios negocios. A politica era a sua grande paixão; a politica e o filho absorviam-lhe o melhor dos rendimentos.

O menino, o Zézinho, andara nos estudos em Coimbra e voltara doutor em leis e cheio de desprezos pela casa e pelos paes. Bebia e jogava que era um espanto, tinha amor pelos cavallos, vocação de toireiro e andava mettido com más mulheres. O pae trabalhava nas politicas para o fazer deputado.

A Joaquina achava bons os patrões e era-lhes dedicada como um cão fiel.

«Defeitos, todos os teem;» dizia ella com Deus e comsigo «e é o pão d'elles que eu como. Pr'aqui vim acase nua; vestiram-me, sustentaram-me, ensinaram-me. Agora dão-me tres coroas de soldada. Que mais quero?».

Às vezes lembrava-se do futuro. Se encontrasse um bom rapaz que a quizesse... Gostaria de ter uma casita sua, um arrimo para a velhice. Mas... havia de ser o que Deus quizesse.

.....

«Han!... Han!...» arquejava o cavador atirando a enxada á terra.

«Raio d'home!» scismou a Joaquina «sempre tem um folego!»

O sol fôra subindo no ceu; apparecia já por cima das collinas onde era d'antes a matta dos frades, doirava as arvores redondas do pomar, brilhava na agua quasi dormente do rio entre os tufos de juncos. As casas da villa que subiam pela encosta da Vestearia, alvejavam com reflexos vermelhos nas vidraças como se estivessem a arder.

A roupa estava lavada: as peças bem torcidas amontoavam-se no alguidar. A superficie da agua, azulada e turva, engelhava-se ainda agitada e, pelas bordas do tanque, juntavam-se flocos de espuma.

A Joaquina endireitou-se, enxugou ao avental as mãos vermelhas; relanceou um olhar curioso

ao cavador que interrompera o trabalho para enrolar um cigarro, e reparou que a camisa velha, poida e ensopada em suor se lhe colava ao corpo.

O homem metteu no bolso o livro das mortalhas e a onça de tabaco e preparava-se para de novo erguer a enxada quando os seus olhos encontraram o olhar da Joaquina.

Immovel, fitou-a longamente com a expressão concentrada de quem faz um esforço de memoria. E ella, sempre tão modesta e envergonhada, não desviou d'elle a vista.

«Inda qu'eu mal prégunte», disse o homem «com'é a sua graça?»

«Sou Jaquina.» respondeu ella a tremer.

E de repente baixou os olhos sem saber se havia de rir ou de chorar, balbuciando:

«Alé, credo!»

O homem, encostado ao cabo da enxada, insistiu:

«Adonde é a sua terra?»

«Turquel.»

O cavador endireitou-se, empurrou para traz o carapuço.

«Hom'esta agora! Raios me partam se tu não és a Jaquina da ti Rosaira!»

A Joaquina escondeu a cara no avental e desatou a chorar.

«Ah! Manel! Ah! Manel!...» suspirava ella entre soluços.

E não encontrava mais nada para dizer e elle tambem não.

Nos cerebros simples atropelavam-se recordações que tinham surgido de subito, vindas de muito longe, dos tempos quasi esquecidos da infancia.

Pastora de ovelhas, pastor de cabras... o tlintar doce das campainhas dos rebanhos... o aroma acre do rosmaninho e do alecrim... a terra aspera e pedregosa que estalava sob o passo miudinho das rezes... o matto rijo, curto e bravo... a erva tenra dos vallados... a vastidão... o silencio... a liberdade e a solidão sob o ceu enorme que se abaulava por cima da serra...

O presente desaparecia; não havia patrões, não havia roupa molhada para estender nem terra dura para cavar. Uma lufada vigorosa daquelle ar tão fino de outro tempo varrera as coisas de agora como o vento varre o fumo de uma fogueira. E o passado revivia, resplandecia como um alvorecer de Paschoa; e as saudades acudiam, vibravam no ar em torno d'elles como as badaladas do sino lá da sua igreja de Turquel.

Durante os mezes das pastagens na serra, encontravam-se por lá os dois todos os dias. Eram tão pequenos ainda! Tremiam de emoção á passagem de um lagarto; procuravam o *alacral* de unha revirada e venenosa e riam de prazer ao esborrachal-o sob uma pedra; quando as grandes trovoadas os surprehendiam e os rebanhos se

juntavam em torno d'elles, medrosos, de focinhos baixos, uniam as vozes e gritavam o Bemdito com todas as forças dos pulmões para os *espritos* os ouvirem. Ao meio dia migavam a brôa no leite morno e comiam-n'a com as colheres de pau, na mesma tigela.

O tempo fôra passando. A Joaquina tinha quatorze annos e o Manoel dezesete. Ella fiava o dia inteiro; elle, sentado no chão ao seu lado, recortava com a ponta da navalha afiada, labores symbolicos e minuciosos n'uma haste de choupo que viria a ser uma roca e que era destinada á Joaquina como presente de noivado. Lá estavam gravados os dois corações unidos e chammejantes, a chave do amor que os abriria e o peixe, symbolo do Christo que havia de os abençoar.

Partiam para a serra ainda de noite; e quando o sol apparecia, voltavam-se para elle e, de mãos postas, o Manoel com o barrete no hombro e ella de joelhos, resavam-lhe um Padre Nosso e uma Ave Maria porque assim lhes tinham ensinado e era o uso da terra.

Falavam de coisas serias. Tinham resolvido casar um dia e faziam projectos. E, muito castos na sua inconsciente communhão com a santidade da terra, não sentiam a necessidade de uma caricia; tinham o instinctivo pudor das plantas que vão crescendo juntas e sabem esperar a hora suprema, sem um desejo.

Depois foi a separação. A madrinha da Joaqui-

na morreu; ella foi servir. Nunca mais se tinham visto, nunca mais tinham sabido um do outro.

.....

«Má peste leve as mulheres que se largam a chorar sem saber porquê!..» resmungou por fim o Manoel com os olhos razos de lagrimas.

Mas a Joaquina enxugara já os seus e principiava a sorrir.

«Alé credo!» repetia ella «Inté uma pessoa fica toda aquella! Parece mêmo que me deram um murro na bocca do estamago.»

Remiravam-se de novo em silencio.

«As voltas qu'ô mundo dá!» murmurou o Manoel.

As palavras acudiam-lhes lentas e raras. As ideas eram vagarosas e encadeavam-se com difficuldade.

Só depois de um longo silencio a Joaquina se lembrou de perguntar:

«A com'é que vieste aqui ter?»

E então elle contou como, nas sortes, tirara um mau numero e fôra soldado para Africa; á volta encontrara os paes mortos de um mal que tinham bebido ambos n'um poço á ida para um cyrio. A irmã perdera a vergonha, abalara de casa do marido com um negociante de gado e deixara tres filhos pequenos!..

«Nossa Senhora»... murmurou a Joaquina juntando as mãos e baixando os olhos.

«Com a morte a gente póde;» proseguiu o Manoel «Deus dá a vida e dá a morte e a gente assujeita-se que é a obrigação que tem. Mas com a vergonha é qu'ê nã posso nem nunca hê-de poder. Foi por via d'isso que vendi a minha parte da herança do pae e vim cá pr'á villa á cata de trabalho.»

A Joaquina contou-lhe tambem a sua vida, falou dos patrões...

O Manoel não tirava os olhos d'ella; reparava-lhe nos modos socegados, no asseio, no fato bem remendado e limpo. Achava-a linda e muito do seu gosto.

«E derricko? Tens derricko?» perguntou elle de repente.

«Valha-te Deus c'os derrickos!» exclamou a Joaquina affogando-se toda «Homes são peores qu'as maleitas e pr'a ralações já me bastam as que tenho.»

Pensou em lhe fazer a elle a mesma pergunta mas não se atreveu.

No primeiro andar da casa, entre os festões de uma bougainvillea, abriu-se uma janella e appareceu um homem em mangas de camisa com os olhos piscos e o cabello esgrouviado como quem acaba de se levantar da cama.

«Olá ó Joaquina!» gritou elle «Já arranjaste conversado, hein?»

«Válha-me Deus qu'ê o menino!» murmurou a pobre rapariga toda afflicta.

E pegando no alguidar cheio de roupa molhada, abalou quasi a correr para o estendal que era longe, ao fim do pomar.

Os patrões gostaram do trabalho do Manoel. Chamaram-n'o mais vezes. A pouco e pouco foram ganhando confiança; encarregavam-n'o d'isto e d'aquillo; mandavam-lhe dar um copo de vinho ou um prato de sopa á hora do jantar. E por fim, como elle era serio, bom trabalhador e entendido em todas as coisas da terra, entregaram-lhe o cuidado da horta e do pomar.

Assim a Joaquina via o Manoel a miudo. Conversavam pouco ou nada, que o tempo não lhes sobrava, cada qual occupado com o seu serviço.

Mas não se ralavam. Conversar para quê? Já tinham dito o que havia para dizer e, nem um nem outro era de muitas falas.

«Bons dias, Manel».

«Deus te salve, cachopa».

Mais nada; e bastava-lhes.

Só uma vez...

Estava o Manoel a rachar lenha á porta da arrecadação.

A Joaquina passou com o tacho de comida para as gallinhas.

«Olha lá...» disse o Manoel largando o machado que ficou entalado n'um toro de pinho.

«Qu'ê que tu queres?»

O Manoel não respondeu logo. Tirava com

muita atenção uma lasca de madeira que se lhe metterá n'uma unha.

«Diz o que tens pra dizer, home! O vagar é pouco».

«É uma sapatia que m'anda cá na idea».

«Que sapatia?»

O Manoel resolveu-se.

«O filho do patrão faz-se fino contigo? Diz a verdade, mulher!»

Uma onda de sangue inundou o rosto da Joaquina.

«Fino commigo, o menino?!... Fino commigo?...»

Faltavam-lhe as expressões, gaguejava, suffocada de indignação.

«Lá por via d'ê ser prove e filha de prove, cudas que sou acom'essas cavallonas que nã têm vergonha na cara? Cudas que me deixava aqui ficar s'elle se fizesse fino commigo?...»

As palavras acudiam-lhe agora em tropel; soltava-as sibiladas entre os dentes cerrados; palavras violentas e brutaes dos seus tempos de zagala na serra; palavras que esquecera e que dormiam no fundo da sua existencia silenciosa como no fundo de um lago e que agora vinham á superficie turvando a tranquillidade das maneiras apprendidas.

O Manoel fitava-a com uma extranha expressão. Empallidecera. Nos olhos claros accendera-se-lhe um clarão de prazer selvagem.

Interrompeu-a:

« Cala a bocca. Nã merece a pena tanto banzé ».

E acrescentou pegando no machado e erguendo-o acima da cabeça com o grosso toro de pinho enclavinado no ferro.

« É que... s'elle se estivesse, ê cá rachava-l'a cabeça como racho isto ».

E tal foi a pancada do toro no chão que o machado, separando-o em duas metades, se enterrou no solo.

Desanuviada, a Joaquina disse a rir:

« Nã sejas parvo, home! »

E afastou-se com o coração a estalar de alegria sem saber bem porquê.

Quando despegou do trabalho, o Manoel dirigiu-se como de costume para a taberna do Dionisio, alli no principio da estrada das Caldas.

Seguia o caminho da fonte onde áquella hora passavam as raparigas com os cantaros.

As raparigas riam, tagarelavam, perseguiram-se em correrias fazendo um tropel com os pés nús e levantando nuvens de pó, respondiam com dicheitos ou descomposturas ás graçolas dos soldados sentados em correnteza no muro baixo á entrada da ponte.

O Manoel comparava-as com a Joaquinã, tão socegada, tão seria; e dizia comsigo, cheio de desprezo:

« Rebanho de cabras! Vá lá um home fiar casa e filhos e estepores d'estes! »

Entrou na taberna.

«Bôas noites ti Doniso mal a companhia!»

«Bôas noites, Manel!»

Arrumou a enxada, comprou um pataco de pão e uma sardinha assada e, sentando-se n'um canto, principiou a cear.

Estavam mais freguezes na taberna; operarios, cavadores, um carroceiro de galeras que tinha corrido muitas terras e era tido por bem falante.

Os homens chalaceavam a respeito das cachopas que passavam para a fonte.

«A mulher é com'ó gado», disse com sabedoria o carroceiro. «Só despois d'engatada é que s'ella conhece. N'uma feira vão-se os olhos da gente n'um alimal galhardo e, a mór parte das vezes, não tem senão manhas. Despois da cólheira posta é qu'um home sabe o que vale uma besta. Tanto monta pr'á mulher como pr'ó gado... é um calhar. Mas cá pr'a mim antes quero as qu'arreganham os dentes...»

«Diz bem», acudiu um tal Bernardo, cavador do seu officio e mal encarado como Judas. «Má peste são as mulheres todas, mas as sonsas vão pr'a pata qu'as poz, qu'antes quero ver adeante de mim a Brazabú! Anda por hi uma tal Jaquina... diabos a levem! Não dá trela aos homes e passa pela gente c'os olhos no chão... Mas s'eu quizesse...»

«Se tu quizesse o quê?... meu mal amanhado qu'andas pr'ahi a cahir da bocca aos cães?!»

berrou o taberneiro «Cá adeante de mim nã quero graças c'a Jaquina. Nã faltam pr'ahí das outras pr'andarem na bocca dos homes. Uma mulher séria é uma mulher séria».

O taberneiro era um homem obeso e possante; pachorrento nas ideas e nas falas mas de coleras abruptas e terriveis.

O Bernardo resmungou encolhendo os hombros e lançando-lhe um mau olhar:

«Ando a cahir da bocca aos cães?... Talvez nã seja por muito tempo!»

«Bem t'entendo!» exclamou um outro homem rindo. «Cudas que já tens na barriga o logar do mestre de S.<sup>to</sup> Izidro, hein? Nã é pr'ó tê dente».

«Travalho lá no lagar vae em tres annos», respondeu o Bernardo. «Agora qu'o mestre espichou, o patrão ha-de querer quem entenda...»

«Vae pr'ó diabo! Tu entendes mas é da pinga!...»

Falou-se então do desastre que succedera na vespera; o mestre do lagar do Sr. Gonçalves ficara esborrachado debaixo de um comboio na estação do Vallado.

O Manoel que acabara de cear, accendeu o cigarro e abalou.

A estrada poeirenta que vinha das Caldas estendia-se pela villa entre casas baixas e caiadadas. A lua cheia illuminava tudo como se fosse dia. Havia gente pelas portas a tomar o fresco e a conversar.

« Raios o partam! » pensava o Manoel seguindo o seu caminho e todo preocupado ainda com as conversas da taberna. « Pois não hades ser mestre de S.<sup>to</sup> Izidro, meu estepor! E estreves-t'a falar da Jaquina!... Se nã fosse o ti Doniso, dava t'eu uma estalada que morrias de fome no ar. Um cão vadio, um mal amanhã sempre a cahir de bebedo e nã sabe onde tem a cara!... »

A pouco e pouco foi socegando. Porque não havia de ser elle o mestre no lugar do que tinha morrido? Sabia d'aquillo que já tinha trabalhado em lagares; e o Senhor Gonçalves gostava do seu serviço...

« Ah! rapazes! » pensou o Manoel cheio de alegria « Atãõ é qu'eu ind'este anno era capaz de telhar a casa! »

Com o dinheiro da herança comprara uma courella de terra lá no caminho da Vestearia e começara a construir uma casita. Um seu amigo, o Carlos pedreiro, ia-lhe fazendo a obra barato a troco d'elle, aos domingos e ás sextas, lhe amannhar a fazenda de graça.

E o Manoel privava-se de tudo para ir juntando alguma coisita afim de comprar material e pagar a mão d'obra.

A sua casa!

Era um sonho tão antigo! E o Manoel via-a já na sua imaginação a branquejar na encosta, com vidros na janella e chaminé...

«Pranto-l'á porta uma latada de vinha pr'á mulher coser á sombra...»

E pensava na Joaquina.

Estava agora no Rocio defronte do mosteiro.

O luar illuminava a fachada enorme e as duas torres apontadas ao ceu.

No adro uns rapazes cantavam á guitarra canções obscenas; e, á claridade da lua, o Manoel reconheceu entre elles o filho do patrão.

«Os tempos vão maus...» disse elle comsi-go «Os que mandam sã peores qu'á arraia miuda. Não respeitam nada; nem egrejas nem nada.»

Vagamente, veiu-lhe a idea de subir a escadaria e varrer do adro com o cabo da enxada aquellos bebedos que estavam para alli, sem vergonha, affrontando Nosso Senhor.

Mas lembrou-se que o menino podia conhecê-lo e escamar-se; e então... adeus lagar de S.<sup>to</sup> Izidro!

«Ná...» resmungou elle «O prove nã veiu á terra pr'a endireitar o qu'está torto. S'alevanta a grimpa pr'ó rico, sahe-l'ó gado mosqueiro.»

Devotamente, ao passar defronte do portico, benzeu-se. E, dobrando a esquina do convento, seguiu direito a casa.

No dia seguinte a Joaquina contou ao Manoel que os patrões iam passar dois dias á Nazareth com uns primos, que a casa ficava fechada e que ella ia entretanto para a companhia da ti Anna,

a mulher a dias, casada com o Dionisio taberneiro.

O Manoel, que acabava de rachar a lenha á porta da arrecadação, coçou a cabeça longamente e disse:

«Está a calhar. Domingo, que vem a ser depois d'amanhã, tenho qu'ir ter c'o Grigoiro por via d'uns pinheiros qu'elle vae cortar lá pra riba e que le quero comprar pr'á casa. Elle disse que esperava por mim, de manhãzinha, na eira.»

Interrompeu-se, hesitou, e por fim concluiu:

«Vem d'hi mais eu inté ao atalho.»

A Joaquina corou.

«Parece mal.» disse ella.

«Diz á mulher do ti Doniso pr'a vir mal a gente.»

«S'ella quizer...»

No domingo, ainda o sol vinha em Castella quando o Manoel bateu á porta do taberneiro.

Foi a Joaquina que lhe appareceu, já prompta. A ti Anna dissera que sim, que iria na sua companhia.

A ti Anna era uma mulher redonda, de buço grisalho, sem papas na lingua e tão desembaraçada nas falas e nos gestos, que não havia peixeira da Nazareth que lhe levasse a melhor nos dias de mercado.

Apenas se metteram a caminho, poz-se logo muito á vontade com o Manoel, explicou-lhe que até lhe dava gosto passear assim um bocado e

falou-lhe da Joaquina gabando-a como se a rapariga não estivesse presente.

«Vá-se com esta, su Manel,» dizia ella ajudando-se com os dentes para apertar o nó do lenço e saracoteando-se toda, com as saias muito franzidas avolumando nas ancas bojudas. «Va-se com esta; n'uma casa mais vale o bom juizo e o arranjo de uma mulher do que muitos haveres. O que seria do mê Doniso, se não fosse eu? Olhe qu'apezar dos cabellos brancos e do raio do rhemático, a minha casa inda não deixou d'andar assejada que se póde ver.»

«Lá isso póde,» confirmou a Joaquina. «Nã é por vomecê aqui estar, mas lá isso póde.»

Olhava disfarçadamente para o Manoel, toda presumida de o ver tafulo, com as calças de bombazina muito justas nas pernas e a jaleca preta de alamares.

O rio acompanhava a estrada com a sua corrente quasi morta; do leito pouco fundo irrompiam tufos de juncos; os choupos e as faias remiravam-se-lhe na superficie tranquilla.

O Manoel principiou a falar da sua vida ás duas mulheres. A courella comprada, as obras da casa...

«Um home emquanto é novo» concluia elle «deve trabalhar para acolher um tecto seu em riba da cabeça e pisar terra sua antes de morrer. Passar a vida toda a cavar o chão dos mais e nunca poder dar uma enxadada em terra que cha-

me sua, parece-me cá a mim um desprezo, Deus me perdõe, p'ra um home que nã seja aleijado.»

A ti Anna escutava-o acenando com a cabeça approvativamente e dando cotovelões na Joaquina. Aquelle homem enchia-lhe as medidas; achava-o serio, de bõas falas e de grande pensar.

A Joaquina ouvia, calada, a conversa dos dois; olhava pela estrada adeante como se não fosse nada com ella. Ia andando, muito direita, com o peito a arfar sob os franzidos da blusa, uma ponta da saia de chita entalada debaixo do cotovelo mostrando o carmezim da saia de castorina toda enfeitada na borda com fita de lã verde.

O Manoel disse:

«A casa ha-de-se fazer. Mas... com'o outro... ponho-me ás vezes a scismar...»

E de repente perdeu toda a loquacidade, engasgou-se, relanceou um olhar perplexo á Joaquina.

«A scismar no quê, home?» perguntou a ti Anna fazendo-se desentendida mas percebendo que a conversa amadurecia.

«A scismar... Deus me perdõe», respondeu por fim o Manoel «qu'o coelho nã faz a toca pra lá assistir sósinho».

A Joaquina virou a cara para a banda do rio, mas a ti Anna bem viu que ella corava até á raiz dos cabellos.

Houve um momento de embaraçoso silencio que a ti Anna cortou bruscamente.

«Credo!» exclamou ella desatando a coxear. «Atão não se metteu o dianho dum calhau dentro do sapato!»

Tinham deixado a estrada; iam já no atalho em terras do Gregorio, no começo da matta de medronheiros.

A ti Anna, que sabia muito, como o diabo, por ser velha, sentou-se deliberadamente no chão e piscou o olho á Joaquina.

«Vão andando, vão andando... qu'ê cá tenho que tirar este escommungado d'este sapato... Vão andando qu'ê já os alcanço».

Os dois affastaram-se devagar; deram alguns passos sem abrir a bocca, enleitados, com as gargantas seccas.

N'uma volta do atalho a Joaquina parou. Não queria perder de vista a ti Anna; parecia-lhe mal.

Curvou-se, apanhou uma espiga de rosmaninho e começou a apertal-a e a torcel-a entre os dedos.

O Manoel, cravando os olhos no chão, esmi-galhava as folhas seccas do caminho com a ponta ferrada do varapau.

Estas occupações absorviam-n'os por completo; parecia que não tinham vindo alli com outro fim.

A ti Anna mudara de logar; sentara-se n'um talude, mais confortavelmente, alizara o cabelo por debaixo do lenço, compuzera as pontas do chale e, espreitando entre a folhagem, divertia-se

a ver passar lá em baixo, na estrada, a gente para a feira da villa. De vez em quando, disfarçadamente, relanceava um olhar curioso ao Manoel e á Joaquina que se conservavam calados, sem atar nem desatar; e resmungava entre dentes abarrotando de philosophia :

« Os homes sã todos o mêmo, vão pr'o diabo qu'os carregue!... Primeiro nã se estrevem a levantar pr'á gente a menina dos olhos; depois é que les vem o desembaraço... inté de mais! »

Entretanto o Manoel, depois de limpar o suor da testa e de esguichar para longe um jacto de saliva, ganhou algum animo e repetiu:

« Pois é acom'ê te digo, Jaquina: o coelho nã faz a tóca pra lá assistir sósinho. »

« Olha a grande avaria! » respondeu ella « Ha por hi coelhas em barda. »

O Manoel seguiu agarrado á sua metaphora como a uma taboa de salvação:

« Os homes sã com'ós coelhos, Jaquina. »

« S'é de ti que falas », disse ella « escolhe companhia. Quem te pega? Não faltam cachopas. »

« Só achei uma azada. As outras... vão pr'á pata qu'as poz! »

Acrescentou, mais baixo:

« Já lá vae um rôr d'annos e inda nã mudei de pensar. »

Levantou os olhos para ella. Viu-lhe a cara affogueada, as mãos que tremiam esmigalhando a espiga de rosmaninho. Ganhou coragem.

« Ah! Jaquina! O mê coração é com'ó tronco d'um choupo. O choupo era novito acando le escreveram um nome; mas o nome escrevido nunca mais s'apagou. »

« O' tempo que lá vae », murmurou a Joaquina « acantas cachopas nã hades ter cubiçado! »

Com um grande juramento pela alma da sua mãe que lá estivesse em descanso no ceu, o Manoel assegurou-lhe que não. Nunca tivera outra conversada; e, se não era verdade, que a terra se abrisse e elle fosse alli mesmo engulido para as entranhas do inferno.

Calaram-se outra vez até que o Manoel disse:

« Ando só pr'o mundo que nem um cão. »

« E eu? . . . » suspirou ella.

« S'adoeço », tornou Manoel « nã tenho quem me trate; se me rompo, nã tenho quem m'arremende. . . »

Enterrompeu-se, calou-se um momento e por fim, com as mãos cruzadas no topo do varapau, o queixo fincado nas mãos, os olhos erguidos para ella:

« Queres ser a minha companha? »

A Joaquina disse com humildade:

« Sou uma prove de Christo e tu tens alguma coisita; podes escolher mulher que te leve de seu ».

Mas elle obstinou-se, levantando a voz, já mais senhor de si:

« Queres ou não queres? »

Então a Joaquina olhou para elle e respondeu simplesmente:

«E proque nã havia ê de querer?»

Um silencio.

Não fizeram um movimento que os approximasse. Não lhes veiu a idea de uma caricia. O amor, perturbado apenas pela ausencia, reapparecia tão casto como d'antes, revestido da mesma força tranquillia. O ar da serra, livre e agreste, que o tinha gerado, purificara-o para sempre.

Em volta d'elles os medronheiros seculares torciam-se negros, rugosos, rijos, rompendo do chão muito juntos, levantando-se muito alto n'uma ancia de luz, emmaranhados em matto antigo e robusto que tornava a brenha impenetravel; e a folhagem subia, sombria e lustrosa, abaulando-se em tunel por cima do caminho, mostrando aqui e além, agglomeradas, as espheras pequeninas, duras e asperas dos fructos ainda verdes.

«Diabos te levem, cachopa!» exclamou de repente o Manoel a rir. «Deitaste-m'a perder! Por via de ti passou-me a álembança das horas e o Grigoiro lá na eira ha-de estar escamado á espera. Deixa-m'ir!»

Deu alguns passos quasi a correr pelo atalho acima; depois parou, voltou-se:

«Esperas por mim aqui?»

«Nã espero que já sã horas da ti Anna ir fazer o almoço pr'ó home».

« Atão adeus! »

« Adeus, Manel ».

A feira de S. Bernardo estava bôa no dizer dos entendidos.

Todo o enorme Rocio d'Alcobaça se apinhava de gente e, do mesmo modo, o mercado do gado, o da fructa e hortaliça, e o do peixe.

As barracas de lona pejavam o largo de lado a lado em longas correntezas; fazendas, ourivesaria, quinquelharia, saltimbancos, barracas manhosas de jogo só com uma ponta da lona levantada a um canto a servir de porta; e o povo circulava, vagaroso e pasmado, entre as côres e os reflexos dos estendaes, estonteado e encantado com a musica estridente dos realejos e dos solidós desafinados.

Depois eram os bancos onde os bufarinheiros espalhavam as mercadorias vistosas e onde os homens do Minde amontoavam as pesadas mantas listradas, os alforges de *riscadilho* e a *lãzinha* azul para saias, tudo fiado e tecido pelas mulheres da Serra.

Quem chegava do lado das Caldas via logo á direita os tons quentes de cobre e de oiro fulvo de carradas e carradas de cebolas empilhadas, as interminaveis correntezas de saccoes cheios de batatas e o estendal dos utensilios da eira, talhados na brancura eburnea do choupo.

Defronte das vendedeiras de limonada, um es-

paço enorme, á sombra, occupado pelas melancias, espheras de porphyro verde, e pelos melões ovaes de oiro pallido; e, resplandecendo em pleno sol, a olaria e a loiça. Os barros da região, de formas esbeltas e variadas onde se adivinha a ascendencia arabe, de côr desmaiada, manchados de negro pelo beijo ardente do fogo; os barros lividos de Leiria; os vidrados amarellos e verdes das Caldas vestindo as tijelas atarracadas e as almotolias pançudas, de gargalos estreitos e de bocca ageitada em forma de trevo; as loiças d'Alcobaça pintadas á mão com a estylisação ingenua das azas abertas e da penna de pavão e a persistencia dos lindos azues claros e dos roxos vinosos.

Defronte das antigas *hospedarias* do convento, luziam artigos de cutelaria; os queijos pequenos de cabra e de ovelha enchiam os poceiros arrendados cobertos por alvissimas toalhas.

No mercado do peixe a gente fervilhava em torno das canastras e das gamellas do peixe fresco e salgado. O peixe miudo espalmado e secco ao sol tinha reflexos de oiro velho e cahia para dentro dos alforjes com uma farfalhada de papel amarrotado.

Subindo com difficuldade a escadaria monumental do templo cheia de gente que viera de longe e descançava nos degraus entre os alforjes abarrotados de farneis e de mercas, a ti Anna, o

Manoel e a Joaquina encaminhavam-se para a porta da igreja.

As duas mulheres que tinham ido á feira fazer compras, lá encontraram o Manoel e, agora, antes de voltarem para casa, a Joaquina queria entrar na igreja para pagar uma promessa a Santa Umbelina.

A' porta estava o sacristão, o senhor Francisco. Conhecia muito bem a ti Anna e a Joaquina, mas não se lembrava de ter visto o Manoel.

«E' parente aqui da menina Joaquina?»

«Nada, não senhor.» respondeu ella, corando. A ti Anna largou-se a rir.

«Gente nova, su Cisco!... Que quer vomecê? Nã s'acaba o mundo.»

«Já entendo. Antes assim, antes assim! O que eu lhes desejo a ambos é muito bõa sorte!»

O senhor Francisco sorria. Tinha um sorriso infantil e bom. Era baixo e gordo. Os annos abaulavam-lhe as costas. Usava a cara toda rapada e a careca luzidia rodeava-se de cabellos brancos de neve. Vestia de preto com muita decencia. Discreto nas suas maneiras, falava baixo, pausadamente, com a correcção de um excellent cicerone e com uma certa unccão religiosa. Havia n'elle o que quer que fosse de sacerdotal.

Vendo o embaraço da Joaquina, mudou de conversa:

«A feira de S. Bernardo não está má este

anno. O tempo ajudou. Affluio muita gente e consta-me que se tem feito muito negocio.»

«E' uma feira d'alto lá com ella!» exclamou o Manoel com admiração estendendo a vista pela vastidão do Rocio apinhado de povo, resplandecente de çôres e de reflexos e agitado pelo movimento incessante da multidão.

«E'», respondeu o senhor Francisco «Mas se vossemecê a visse no tempo dos frades!»

Interrompeu-se um momento e logo continuou reparando na attenção com que o escutavam:

«O que acudia aqui de gados, fazendas, generos, tudo quanto ha... nem a gente hoje pode imaginar! A região era riquissima. Os frades ensinavam os lavradores a trabalhar a terra e até os ajudavam com o que era preciso. Não havia em Portugal melhores barros, cutelaria, ferragens e tudo o mais, do que nesta nossa terra e suas redondezas. Ainda me lembro de ouvir o meu avô falar dos frades; era como se falasse de Nosso Senhor, Deus lhe perdõe e o tenha na sua santa gloria. Dizia elle que as feiras aqui em Alcobaça, tanto esta de S. Bernardo como a de S. Simão, eram coisas de espantar. Não havia quem se não maravilhasse, por muitas terras que tivesse corrido, de ver uma tal fartura e riqueza.»

O Manoel ouvia boquiaberto; achava que o senhor Francisco falava como um livro.

«Os frades, diz qu'eram ricos em barda,» observou elle olhando o sacristão com respeito «e que podiam muito.»

« Se eram ricos! Se podiam muito! » acudiu o senhor Francisco. « A sua riqueza e o seu poder estendiam-se por leguas e leguas da terra de Portugal; iam desde o mar até para além da serra dos Molianos. Tudo que a vista abarca lá do alto da Vestearia e mais era, a bem dizer, d'elles. Mandavam e julgavam no povo de treze villas e suas redondezas. »

Enthusiasmava-se; subia-lhe a côr ao rosto, brilhavam-lhe os olhos. O mosteiro com as suas recordações de esplendor eram a gloria e a paixão do senhor Francisco.

« Os frades d'Alcobaça » continuou « podiam mais que o rei. »

Encontrando o olhar pasmado do Manoel e certo da admiração incondicional do seu auditorio, expandia-se:

« E não cuide vossemecê, seu Manoel, que faziam mau uso da sua riqueza e do seu poder como alguns por ahi rosnam sem saberem sequer onde teem a cara. Não quero dizer que, entre quatrocentos que elles aqui chegaram a ser contando monges, noviços, criadagem, não houvesse algum que fosse menos virtuoso; mas qual é o rebanho onde não apparece uma ovêlha ranhosa? Nunca por estes sitios o povo foi mais feliz do que n'aquelle tempo. Os frades eram os paes dos pobres, e se a sua meza causava a admiração de quantos a viam taes eram os manjares, a fartura e a riqueza das baixellas e de tudo o mais,

tambem nenhum desgraçado alli batia áquella porta que não fosse soccorrido.»

E o sacristão estendia o braço curto e apontava com a mão branca e papuda a escada das *hospedarias* do convento.

«Nenhum viajante aqui passava, fosse rico ou pobre, que não achasse agasalho de graça e sustento nas hospedarias do mosteiro. Todas as semanas os frades davam de esmola um moio de pão cosido. Um moio, seu Manoel! Fóra as esmolas de comer que eram distribuidas na portaria todos os dias a tanta gente que nem se lhe sabe a conta. Nos annos em que a novidade era má, as esmolas do convento augmentavam. Só para S. Martinho do Porto d'aquí foram de uma vez carregamentos e carregamentos de milho, de trigo e de centeio para dar aos pobres.»

«Os tempos mudaram!» suspirou a ti Anna que puzera no chão o poceiro com as compras e se sentara no degrau do portico tufando em volta de si a roda volumosa das saias.

«Se mudaram!» murmurou nostalgicamente o senhor Francisco.

O Manoel não se atrevia já a falar; a sabedoria do sacristão embuchava-o, tal era o respeito que lhe inspirava.

«Atão se queres ir lá dentro pagar a promessa», disse a ti Anna á Joaquina «vae mal'ô tê Manel qu'ê aqui fico a tomar conta nas mercas.»

«Este rapaz ainda é dos de bôa raça»; obser-

vou o senhor Francisco depois que o Manoel e a Joaquina se sumiram para dentro da igreja «vestiu a jaleca antes de entrar. Já não se vê muito d'isto. A gente nova perdeu o respeito pela casa de Deus e, por isso, tudo vae como vae. Eu cá nunca me metto em politicas, nem as entendo; politicas não são para os pobres entenderem. Mas... os tempos estão mudados, ti Anna, os tempos estão mudados. A miseria é cada vez maior e a riqueza espalha-se ninguem sabe como e ninguem a aproveita.»

«Ninguem a aproveita;» resmungou a ti Anna «nem pequenos nem grandes.»

«Grandes?!» exclamou o sacristão encolhendo os hombros «Já não ha grandes. Os grandes, ti Anna, morreram todos; os melhores estão sepultados na Batalha e aqui. Já não ha grandes capazes de fazerem votos de levantar mosteiros como estes nem mercedores de tumulos eguaes aos que estes muros abrigam. Mortos e mettidos nos tumulos, a gente ainda tem deante d'elles mais respeito do que deante dos vivos d'agora por muito altos que estejam. E, se quizer qu'eu...»

A ti Anna interrompeu-o bruscamente:

«Olhe, alli vem gente fina ver a igreja.»

Acrescentou com ares entendidos:

«Estes não le deixam menos d'uma corôa, su Cisco; e mais... veremos se m'engano.»

Tendo apeado de um automovel de luxo, um

homem e uma senhora subiam a escadaria parando a miudo e olhando em volta, com interesse, para o aspecto da feira.

A senhora trazia na mão um grande ramo de soberbas dahlias brancas.

Vendo o sacristão em cabello á porta da egreja, os visitantes perguntaram-lhe se era elle quem mostrava o monumento e, recebendo resposta affirmativa, entraram com o senhor Francisco no templo enorme.

Foram andando devagar pela nave central. Dos dois lados as columnas de singelos capiteis enfileiravam-se n'uma longa e solemne perspectiva, subiam muito alto no seu impulso de adoração, ramificavam-se lá em cima lançando a robustez airosa das nervuras na curva das abobodas, ligeiramente quebrada.

Era o gothico das primeiras epochas; o gothico puro, ingenuo e grave que ainda ignora a ogiva, o arcobotante e a ascensão quasi infinita das linhas mas que, n'um recolhimento austero, se concentra e se prepara para o advento do milagre.

O sacristão fazia notar aos visitantes a belleza robusta e a bella ordenação das grossas columnas romanicas que guarnecem a charola e que um emplastro de pessima renascença encobre e avilta.

Mas elles não prestavam attenção ás palavras do senhor Francisco e declararam que só queriam ver os tumulos, porque tinham pressa.

Encaminharam-se então para o pantheon.

«Entrem, podem entrar...» disse o senhor Francisco ao Manoel e á Joaquina que se encontravam junto da porta gradeada quando elle a abriu.

Entraram a medo, cosendo-se com as paredes, envergonhados, invadidos por um vago e supersticioso terror que lhes vinha da proximidade dos grandes tumulos; nunca os tinham visto senão de longe, atravez das grades da porta, envoltos no mysterio das coisas sagradas e inaccessiveis.

O sacristão ia explicando a significação das figurinhas gothicas que vivem na santidade da sua ingenua belleza, talhadas entre os labores minuciosos e perfeitos da pedra dos tumulos.

Era a dolorosa paixão do Christo; era o dia de Juizo com os extasis da bemaventurança eterna e os requintados horrores do inferno medieval; eram milagres de santos, scenas intimas da vida dos reis; e, finalmente, na maravilhosa rosacea á cabeceira de D. Pedro, toda a pungente historia de amor.

O Manoel e a Joaquina escutavam e entendiam todas as palavras do sacristão; e a historia de D. Inez encherá de lagrimas os olhos da Joaquina.

Quando o Francisco acabou a sua explicação, a senhora pediu-lhe que rojasse o escadote para junto do tumulo de D. Inez e, subindo os degraus, espalhou o ramo de dahlias aos pés da grande figura jacente.

«Ahi a tens,» disse-lhe o seu companheiro «coroadada de rainha e com baldaquino de santa.»

«Santa Inez de Castro...» murmurou ella contemplando a figura de pedra que parecia dormir emquanto os seis anjos carinhosamente a guardavam, incensando-a e amparando-a com tanto amor.

O Manoel e a Joaquina mal se atreviam a erguer os olhos para as estatuas tão grandes e tão solemnes deitadas sobre os tumulos.

Sentiam-se humildes como as pedras dos caminhos. Os seus corações eram os mesmos d'aquelle povo que D. Pedro governara e seduzira, ora bailando com elle pelas ruas da cidade durante as suas noites de insomnia, ora fazendo-lhe justiça como um pae, mas de latego em punho.

Ignorantes e candidos, o maleficio do progresso não os attingira. Eram os mesmos corações submissos e rudes, presos á terra, confundindo a divindade e a realza n'um só apaixonado impulso de adoração e de temor.

«Deixem-se estar, deixem-se estar...» disse-lhes o senhor Francisco quando ia sahindo com os visitantes «Vejam tudo com o seu socego que eu vou alli até á porta do claustro com estes senhores e já volto.»

O Manoel e a Joaquina ficaram sós no panteon.

Os ruidos exteriores não chegavam alli. Ouvia-se o leve murmurio da agua corrente no ca-

nal que passa por debaixo do pavimento da sacristia.

A Joaquina ajoelhou defronte do tumulo de D. Inez e juntou as mãos para rezar.

«Qu'ê que tu estás a fazer?» bichanou o Manoel «Aqui nã ha altar nenhum.»

«Pois não ouviste os senhores a dizerem qu'ella era santa?» respondeu a Joaquina «Elles sabem melhor qu'á gente.»

O Manoel relanceou um olhar circunvago e medroso pelo pantheon, hesitou um momento, perplexo; depois, a sua alma confiante cedêu.

Só corpos de santos podiam estar dentro d'aquelles tumulos enormes e tão ricos. E a sua imaginação viu-os lá dentro, inctactos, vestidos com tecidos de oiro e prata, cobertos de joias, com as suas corôas reaes na cabeça.

Estendeu o carapuço nas lages, ajoelhou ao lado da Joaquina e, juntando as mãos, pediu com fervor a Santa Inez de Castro e ao senhor rei D. Pedro (que Deus tivesse na sua santa guarda) para se lembrarem d'elle, pobre peccador, seu servo; que lhe dessem saude e bõa sorte para elle acabar a obra da sua casita, lá em riba, no caminho da Vestearia e para poder viver dentro d'ella mais a sua Joaquina, ambos em paz e no temor de Deus, sem fazerem mal a ninguem.

.....

Quando o Manoel e a Joaquina se afastavam do Rocio na companhia da ti Anna, deixando atraz de si o ruido e o movimento da feira, depararam com uma agglomeração de povo rodeando o Bernardo que, muito bebedo, discursava com abundancia de gestos no meio do seu divertido auditorio.

Apenas o malandrin viu a Joaquina, abriu violentamente caminho entre a gente que o cercava e, correndo para ella, tentou abraçal-a.

Um valente empurrão do Manoel atirou-o estonteado contra a parede; mas, menos bebedo na realidade do que parecia, o Bernardo vibrou ao defensor da Joaquina uma cacetada tão certa que lhe teria rachado a cabeça se o Manoel não fosse o eximio jogador de pau que era. Para se defender da pancada, levantara bruscamente o varapau onde o outro resvalou e, n'este brusco movimento, a ponta ferrada e aguda roçando na testa do Bernardo, deixou-lh'a em sangue.

O miseravel atirou-se ao chão gritando que o tinham morto. Acudiu a policia juntou-se muita gente e, depois de varias explicações, o Bernardo seguiu preso para a administração.

«Deixa estar, que m'as hades pagar todas juntas!» berrava o bebedo voltando-se ainda para o Manoel, espumante de raiva, emquanto a policia o levava para longe.

E como a ti Anna tivesse um riso triumphante de troça, o Bernardo enfurecido mais ainda, ati-

rou-lhe um insulto que a fez empinar como um cavallo esporeado.

E então é que foram ellas!

Plantada no meio da estrada, de mãos nas ilhargas, as pontas do lenço desatadas, obesa, enorme, rubra, a ti Anna deixou jorrar da bocca escancarada a mais espantosa torrente de injurias.

O povinho escutava-a com admiração. Era uma virtuose na arte violenta da descompostura e a sua fama bem estabelecida e vastissima, constituia uma das principaes glorias do Dionisio.

«Deixe lá, ti Anna, deixe lá...» dizia o Manoel tentando acalmal-a. «O que o damna é a inveja...»

Mas ella, no seu arrebatamento, nem o ouvia. E assim, longamente, no entardecer calmo de Agosto, entre o ruido confuso da feira, se espalharam no ar os clamores da ti Anna fazendo maravilhosas variações ás pragas e insultos mais desbragados que enriquecem a lingua portugueza.

E como, entre o publico, uma mulher se benzesse, o marido aconselhou-a a não ser palerma porque, disse elle, as pragas assim rogadas só da bocca para fóra eram *um desabafo do bôfe* e não faziam mal a ninguem; e só quando quem as roga tem o diabo no corpo e quer mal do fundo das entranhas, é que ellas são perigosas.

---

## SEGUNDA PARTE

Desde que ouvira aquelles senhores dizerem, lá na igreja do convento, que D. Inez de Castro era santa, a Joaquina abrazara-se de devoção por ella; e, quando ajoelhada á porta de grades, lhe rezava e punha os olhos no grande tumulo recordando toda a paixão e dor que elle encerra, não podia suster as lagrimas.

Sentia então uma funda tristeza.

«Santa Inez me acuda! Santa Inez me defenda!...»

Não sabia bem de que males queria ser defendida.

Era um susto que lhe vinha alli, n'aquella sombra da igreja, uma afflicção de morte.

Lá fóra, á luz do dia, o terror passava-lhe. Sentia-se tão feliz!

Vivia na casita nova com o seu Manoel havia

já mais de dois annos; e, graças a Deus, o marido tratava-a muito bem, tinha saude e nunca ficava sem trabalhar. Era homem que não punha os pés n'uma taberna para beber ou pegar em cartas e quanto ganhava, tudo entregava á mulher.

Tinham acrescentado á casa um alpendre, um gallinheiro e uma possilga; a horta medrava que era um regalo. Prosperavam e eram estimados por toda a vizinhança.

«Mulher», dizia o Manoel muitas vezes «o qu'ê mais peço a Deus é que me livre de tentações e que me possam metter debaixo da terra sem que ninguem m'atire á cara seja com o que fôr. Um nome honrado p'ra um home, Jaquina, vale mais que muitas geiras de terra; e se fosse preciso pra defender o meu, botar fogo á casa, botava-o; e inté te matava a ti, Deus me perdôe!»

Quando elle dizia estas coisas, a Joaquina ainda mais amizade lhe tinha e pensava com Deus e comsigo que era capaz de se deixar cortar em pedaços para livrar o bom nome do seu Manoel de qualquer mal.

Junto d'elle sentia-se feliz e segura como no ceu; mas... apenas ajoelhava defronte dos tumulos punha-se a tremer.

«Santa Inez de Castro me defenda...»

Vinha-lhe aquella freima, não sabia porquê.

O Manoel socegava-a:

«Isso são flatos, mulher! Pensa no trabalho, anda-me direita e não t'amofines.»

A Joaquina ganhava animo e a nuvem desfazia-se.

O peor eram os mezes da safra d'azeitona.

O Manoel realizara o seu desejo e com aquelle, era já o terceiro anno que a Joaquina o via abalar para o lagar de S.<sup>to</sup> Izidro, lá para as bandas dos Molianos para tomar conta da labutação do azeite.

Por lá se demorava dois, tres mezes, conforme a safra. A Joaquina ficava em casa e todas as semanas se mettia a caminho e ia levar ao seu homem roupa lavada e farnel.

Eram duros de passar, aquelles mezes. Inverno; havia mais chuva que sol, frio de rachar e saudades. Mas a maquia era bôa e no fim o Manoel voltava com uma data de mil reis no bolso.

Ora aconteceu n'aquelle anno que, ahi pelo meio da safra, a Joaquina appareceu no lagar toda afflicta.

A patrôa adoecera com uma pneumonia e o patrão mandara-lhe recado: que fosse lá para casa tratar d'ella. Offerecia-lhe dois tostões por dia ou mais, o que ella quizesse. A doente não fazia senão chamal-a e o medico dizia que o mal era de perigo.

O Manoel ouvia tudo isto perplexo. E a casa? E as gallinhas? E o bacoro? Quem havia de tra-

tar d'essas coisas? Quem havia de lhe cuidar da roupa e do farnel?

Mas a Joaquina achava resposta para tudo e o Manoel cedeu. A mulher tinha razão; a gente não está cá n'este mundo senão para ajudar quem precisa.

A Joaquina foi para casa dos patrões tratar da senhora.

Cuidados de todas as horas, noites perdidas, comer de corrida, mal e sem horas certas, trabalho de matar.

O patrão não queria saber de coisa alguma. De dia cuidava dos negocios e da politica e de noite resonava; puzera a Joaquina a tratar da mulher, pagava o medico e a botica, achava que era bastante.

O menino continuava com a sua vida de patuscadas e de estroinices. A maior parte dos dias entrava e sahia de casa e nem pela mãe perguntava. Às vezes havia grandes berreiros entre elle e o pae; o senhor Gonçalves não queria pagar as contas que eram de metter medo. E a Joaquina fechava as portas cautelosamente para a senhora não ouvir.

Depois de tres semanas, a doente melhorou. O medico disse que estava livre de perigo, mas que precisava de muito socego.

N'essa noite, por volta da uma hora, cahiu n'um somno tranquillo como ainda não tivera desde o principio da doença. Deram as duas e as

tres e a Joaquina, immovel e attenta, sentada aos pés da cama, regosijava-se de lhe ouvir a respiração egual e de a ver tão descançada.

Por fim, ganhando confiança n'aquelle repouso, encostou a cabeça á parede e deixou-se adormecer.

Sonhou que andavam ladrões em casa e, accordando em sobresalto, ouviu um ruido estranho no gabinete do patrão que tinha porta para o quarto da senhora.

Tonta com somno, cuidou ao principio que eram ratos. Mas o ruido continuava e agora percebia uns estalidos metallicos e um ranger como de ferro forçando uma fechadura.

Era n'aquelle gabinete, n'um rijo armario de castanho, que o patrão guardava o dinheiro.

A lamparina estava a morrer. Levantando os olhos, a Joaquina viu atravez dos vidros foscos da bandeira, uma tenue claridade.

Estava gente no gabinete!

A pobre rapariga, tremendo como varas verdes, levantou-se, aproximou-se pé ante pé da outra porta que dava para o corredor.

A sua idea era ir accordar o patrão. Não queria gritar para não assustar a senhora.

Mas apenas sahiu do quarto parou, aterrada.

No vão da outra porta do gabinete que tambem dava para o corredor, appareceu um homem apertando um embrulho contra o peito e, na mão direita, segurando uma lanterna.

A Joaquina soltou uma exclamação abafada:

«O menino!»

A visão excedia em horror tudo que ella puderá prever.

O menino!

O rapaz estacou, deitou-lhe um olhar esgazado que mettia medo. Pasmaram um para o outro em silencio durante alguns instantes, com umas caras do outro mundo.

Depois elle aproximou-se da rapariga, gaguejou n'um bichanar entrecortado e ameaçador:

«Se abres a bocca, eu digo que foste tu, ouviste? E ferro contigo na cadeia... Digo que vi, que te apanhei. Agora grita, anda!»

E passou por ella, foi andando pelo corredor fóra, sem ruido, subiu a escada para o seu quarto, sumiu-se como um phantasma.

A Joaquina, no escuro, ficou immovel, com a cabeça vasia. Cobriu-se de suores frios; pensou que ia morrer e, escorregando ao longo da parede, cahiu por terra sem sentidos.

A outra criada, que se levantava ainda de noite, ao vir do seu quarto para a cosinha com um coto de vella acceso na mão, deu com o corpo da pobre Joaquina estendido no corredor.

«Credo! Nossa Senhora! Qu'é isto?...»

E abaixando-se, viu a pallidez da companheira, achou-a gelada, cuidou que estava morta.

Era novita, um pouco aparvalhada; desatou a fugir pelo corredor fóra, aos gritos.

O patrão saltou da cama, acudiu.

A criada sumira-se para a cosinha; no corredor estava apenas a Joaquina, cahida no chão.

Deu-lhe com a ponta do pé, a medo.

A Joaquina gemeu; voltava a si vagarosamente.

«Que é isso, cachopa?»

Não sabia; não podia responder; doia-lhe a cabeça, doia-lhe o corpo todo.

«Quem gritou?»

«Não sei. . .»

«Como está a senhora? Ha alguma novidade?»

A Joaquina sentou-se no chão, diligenciou ordenar as ideas. De repente lembrou-se de tudo, escondeu a cara nas mãos com um grande estremeção de horror e desatou a chorar.

O patrão, aborrecido com um presentimento de morte, dirigiu-se ao quarto da mulher, aproximou-se da cama, viu que dormia um somno profundo e resmungou com mau humor:

«Irra! Cuidei que a tinha levado o diabo!»

Zangado, voltou para o corredor onde já encontrou a Joaquina de pé, encostada á parede, pallida como uma defunta.

«Fala, estepor! Não tens lingua? Que te aconteceu?»

Mas a Joaquina balbuciou que não sabia, que sahira do quarto da senhora para ir beber agua á cosinha e que, no corredor, lhe dera assim um mal na cabeça. . . Não se lembrava de mais nada.

«Diabos levem as mulheres com os flatos e as tonturas!» resmungou o patrão.

E voltou-lhe as costas.

Ao passar pelo gabinete, reparou na porta aberta; ia para a fechar quando, de subito, com um ronco de fera se precipitou para dentro.

«Joaquina! Joaquina!»

E ella foi, cambaleante, livida, alagada em suores frios.

«Arrombaram-me o armario! Roubaram-me um sacco de libras!» berrava o homem, furioso, com os olhos injectados de sangue e a bocca espumante «Quem foi o ladrão, desgraçada, quem foi o ladrão?...»

Agarrara-lhe um braço dava-lhe safanões com uma força brutal.

A Joaquina deixou-se cahir de joelhos; erguia as mãos para o patrão, de cabeça perdida, implorando:

«Ah! patrão! Ah! Patrão! Pela saude da senhora, pela salvação da su alma... nã queira saber, nã queira saber!...»

Mas elle nem a ouvia; e de repente principiou a acusal-a. Era ella a criminosa, a ladra, a grande cadella que o roubara, desavergonhada! Ia ferrar com ella na cadeia, olé! Havia de lhe pôr para alli as suas libras ou elle a estoirava debaixo do tacão das botas!

«Eu! Eu!...» rugiu a Joaquina.

Erguera-se; com um repelão furioso sacudira

a mão que a segurava. Toda a humildade desaparecera n'uma onda immensa de indignação e de revolta.

Fitava o patrão com olhos de fogo; e ia dizer-lhe a verdade, atirar-lh'a á cara como uma bofetada quando, por detraz d'elle, alguém surgiu no vão da porta, com um terrível gesto de ameaça.

«O que foi? Que barulho é este?» perguntou o menino.

O pae voltou-se, contou-lhe o que succedera n'uma catadupa de palavras que se atropelavam; apontou a Joaquina com os dois indicadores curtos e roliços espetados como dois canos de pistolas, acusando-a n'uma torrente de injurias.

Mas o rapaz arrastou o pae para o vão da janella.

«Deixe-me só com ella. Eu cá lhe falo; com esses disparates estraga tudo. Eu tenho mais geito, verá.»

Empurrou-o para o corredor, fechou a porta, voltou para junto da rapariga.

«Tu, ouve bem o que eu te digo e lembra-te que não sou para graças; se te calares, não te deixo ir presa, mas se deres com a lingua nos dentes vaes para a cadeia por ladra enquanto o diabo esfrega um olho. E nem Deus Nosso Senhor te salva. Agora, governa-te.»

A Joaquina não respondeu. Cravara n'elle uns olhos parados de somnambula.

Vagamente, ouviu a voz da senhora que ac-

cordara com o barulho e chamava em vão havia que tempos. Pela força do habito, obedeceu; sahiu do gabinete sem uma palavra, sem um pensamento, com um canção tão grande que lhe appetecia deitar-se no chão para morrer.

.....

O Zézinho, receando que a Joaquina lá na administração, apertada pelos interrogatorios, deixasse escapar a verdade, tratou de levar o pae a desistir da queixa. Empregou dois argumentos fortissimos: primeiro, fez-lhe ver o partido que os inimigos politicos tirariam do seu acto nas proximas eleições que estavam á porta, accusando-o de ingratição e de crueldade para com uma criada tão antiga, sentimentos bem contrarios *aos generosos ideaes democraticos, etc*; segundo aconselhou-o a pensar na força e na valentia do Manoel que, enfurecido, seria capaz de lhe fazer uma espera e de lhe rachar a cabeça com uma d'aquellas magnificas cacetadas que elle tão bem sabia vibrar.

O senhor Gonçalves admirou a prudencia e a sensatez do filho e cedeu ás suas razões. Contentou-se com a satisfação de pôr fóra a Joaquina n'esse mesmo dia dizendo-lhe em berros que se não a denunciava á justiça (raios a partissem, grandessissima ladra do inferno!) era unicamente por caridade christã.

A Joaquina sahiu com a sua trouxa debaixo

do braço e foi pedir á ti Anna para a deixar ficar lá aquella noite pois não tinha forças de ir até casa.

Sentada n'um canto da cosinha, enovelada e triste como um cão doente, contou que houvera um roubo na casa do patrão e que d'esse roubo a accusavam injustamente. Do menino, não disse uma palavra.

A ti Anna escutava-a de mãos nas ilhargas, meneando a cabeça, muito apprehensiva.

«Ora o dianho! Ora o dianho!...» repetia ella.

Não encontrava outra coisa para dizer. O sentimento dominante era o assombro; mas... n'um fundo ainda turvo de prudente raciocinio, a ti Anna abstinha-se de expansões.

Na taberna á tarde não se falava de outra coisa; a criada do senhor Gonçalves tagarelara pela visinhança e a historia enriquecida com espantosos pormenores, correrá a villa inteira.

Como o escaravelho rolando sobre o escremento a sua bola de escremento a vae augmentando em volume e perfeição, assim a opinião publica, tomando conta da mentira a foi rolando sobre mentiras até a transformar n'um acontecimento sensacional.

A' tarde chegaram á taberna do Dionisio uns pescadores da Nazareth que os temporaes não deixavam ir para o mar e andavam pedindo esmola. Como dissessem que seguiam d'allí para os

Molianos onde esperavam obter algum azeite dos lagares, o Dionisio encarregou um d'elles de levar recado ao Manoel para vir a Alcobaça falar-lhe sem demora.

A essa hora já muitas pessoas na villa asseguravam que a Joaquina sempre fôra ladra e que o Manoel não valia mais que a mulher.

A magnanimidade do senhor Gonçalves e familia subia n'um côro de louvores e nunca a candidatura do Zézinho estivera tão bem parada.

O dia fôra de estafar lá no lagar de S.<sup>to</sup> Izidro. Era um lagar com moenda a vapor e uma correnteza de mediocres prensas d'alavanca. Mas a construcção conservava-se a mesma dos tempos em que as prensas eram de vara e a moenda a sangue. As paredes grossissimas tinham sido levantadas pelos frades e não havia terramoto que as abalasse. A casa do motor construida ao lado e feita de tijolos, entalava-se entre uma das paredes do lagar onde se abria uma porta de comunicação e uma alta ribanceira que subia a prumo para o lado da serra.

Como o antigo edificio ficava n'uma baixa, a terra amontoara-se-lhe em redor e já se desciam tres degraus para lá entrar. Não havia luz senão a que vinha da porta. O chão de terra batida era escuro, as paredes escalavradas e negras de sujidade, o tecto de telha-vã enfuscado pelo fumo e forrado com teias de aranha.

A solidão era alli completa. A povoação mais proxima ficava a tres kilometros do lagar.

O Manoel andava arreliado. Parecia que alguem lhe deitara mau olhado aquelle anno no lagar. Tudo lhe sahia torto e os desastres succediam-se aos desastres.

Um dos seus dois lagareiros fôra para a vida militar e o Bernardo tanto fizera que lá arranjava modo de ir para o logar d'elle. E desde que aquelle diabo lá entrara...

N'aquelle mesmo dia houvera desarranjo na moenda. Durante mais de tres horas tinham ficado as galgas emperradas; e a azeitona por moer, estendida na vasa, e as tulhas a encherem-se!

«Mánicas do diabo!» resmungara o Bernardo todo emboldreado em borras, com as mãos doriadas de forçar porcas e desenclavinhar á bruta as peças de ferro da moenda. «Vão pr'o raio qu'as parta mal'ós estepores qu'as empregam!»

«Cala a bocca!» acudiu o Manoel cuja irritação contra o lagareiro augmentava de dia para dia. «O patrão é o patrão. Nã quero cá ditos contra elle.»

«A gente tem de s'assujeitar.» observou o segundo lagareiro, o Raphael da Mouca, homem socego e de poucas falas.

«Caes cá assujeitar nem meio assujeitar!» tornou o Bernardo cuja bilis subia por dá cá aquella palha. «Assujeitar inté c'os ricos montem em riba da gente como em riba de bestas, não é?»

E largou-se a blasphemar, acusando os patrões de beberem o sangue de quem trabalha, rindo dos que acreditam em Deus e soffrem tudo como borregos, por amor d'Elle. . .

Interrompeu-o de subito um trovão que abalou a terra.

«Santa Barbara!. . .» murmurou o Raphael.

O Manoel, muito pallido, cresceu para o Bernardo.

«Já te disse que calles a bocca!. . . Se t'estreves a attentar a Deus qui ó pé de mim, racho-te em duas amétades nem que fosses um pau de lenha!»

O outro deitou-lhe um olhar de esguelha mas embuchou.

Continuaram a trabalhar em silencio.

Mas quando conseguiram pôr a moenda em movimento, tiveram de acudir a uma das prensas; o esparto da ceira de baixo rebentara.

«Anda aqui hoje o espirito malino. . . Deus me dê paciencia» murmurou o Manoel.

O Raphael bichanou-lhe:

«Foi aquelle alma damnada qu'ó chamou.»

Por fim, ao escurecer, tiveram algum descanso.

A moenda trabalhava que era um regalo; as tres galgas, gemendo, avançavam primeiro devagar por cima da azeitona fresca fazendo-lhe estalar os caroços; depois, á medida que o fructo se empastava e o oleo, escapando-se dos tecidos dilacerados, amaciava a massa, as grandes mós de

pedra, iam accelerando o seu movimento, corriam cada vez mais velozes umas atraz das outras, esmagando, triturando, reduzindo o fructo a uma pasta negra, ensanguentada, onde o azeite rebrihava com scintillações de mica.

Os castellos de ceiras bem aprumados nas prensas, depois de largarem as ondas de agua russa, cobriam-se com longas cabelleiras de oiro fluido que ia escorrendo quasi sem ruido para as tarefas de barro mettidas no chão.

Os trovões continuavam; ora estoirando com um estalar secco de loiça quebrada, ora rugindo como liões em clamores tão altos que nem se ouvia o roncar do motor, ora rosnando, arrastando os echos, sem fim, pelas quebradas da serra.

«Ah! rapazes! Isto é qu'ê chuva!» exclamou o Raphael que accendia o lume para a ceia.

A chuva cahia em torrentes; batia nas telhas como um martelar continuo de matraca; jorrava lá fóra dos beiraes para a terra, em catadupas; escorria pelos caminhos com um marulhar de regatos.

«Parece o cabo do mundo.» disse o Manoel emquanto migava umas couves para dentro da panella de barro.

O Raphael relanceou o olhar ao outro lado do casarão; ahi as prensas alinhavam-se n'uma parte mais elevada do pavimento para onde se subia por cinco degraus de pedra. Tocou no cotovelo do Manoel:

«Olhe pr'acólá su Manel.» segredou elle «Raios me partam s'aquelle home tem alma christã!»

O Manoel olhou para onde elle apontava e viu o Bernardo que fôra ao pavimento das prensas deitar azeite na candeia.

O homem segurava na mão a lampada de barro em cujo bico ardia uma lasca de pinho ensoxada em azeite. A chamma fumosa e inquieta, estampava clarões intermitentes na face do iagareiro deixando-lhe o corpo na sombra; e como essa face era feia, torturada e n'ella transpareciam as paixões más da sua alma, a visão tinha o que quer que fosse de diabolico.

O mestre bem o sentiu; mas para o Raphael não cuidar que elle tinha medo, encolheu os hombros e gritou rudemente ao Bernardo:

«Larga-m'essa candeia, diabo! Bóta a mão acolá á alavanca d'aquella prensa. Não vês qu'o azeite já não escorre?»

O outro respondeu sem se mecher:

«Bota tu! O azeite não escorre proque está cólhado.»

«Mau!» retorquiu o Manoel «Amodos qu'andas a mangar commigo! Mas olha qu'ê nã sou pra mangações!»

O Bernardo não largava a candeia; os olhos luziam-lhe de raiva.

«Vaes ou não vaes?» berrou o Manoel.

E por fim caminhou para elle:

«Quem manda aqui?»

O outro acobardou-se e foi.

A candeia que pendurara n'uma trave, illuminava-o agora todo. Com as mãos fincadas na alavanca, o corpo curvado, os sapatões escorregando no chão viscoso, ia dando volta á prensa com mau modo, aos sacões, resmungando palavras que os outros não podiam ouvir.

O castello de ceiras humedeceu-se, começou a largar um pouco de agua russa mosqueada de oiro.

O homem largou a alavanca, avançou até ao cimo da escada.

«Olha lá, ó Manel!» disse elle com um extranho tremor na voz. «Tu tens bom geito para mandar mas'ê inda tenho melhor geito qu'a ti e inda t'hei-de mandar pr'ó inferno. E nã tenho medo de ti nem de trinta com'a ti e tu ind'hades ter medo de mim!»

Direito, no alto da escada, parecia crescer.

Soprava como um gato açanhado; os olhos muito juntos e negros luziam-lhe com um brilho mau; as suissas pretas e hirsutas buliam a cada palavra dos dois lados da face ossuda e livida, como se fossem moitas de urzes arrepeladas pelo vento. Viam-se-lhe os dentes brancos entre os beiços delgados, arregaçados pela colera e pelo odio n'um riso medonho.

«Socegue, home!» interveiu o Raphael a medo. «A gente cá semos lagareiros; élle é o mestre. E' preciso sempre haver quem mande.»

Mas o Bernardo nem para elle olhou. Estendeu o braço ameaçador para o Manoel e levantou muito a voz que se ouvia sibilante, acima da chuva e dos trovões:

«E cuda no qu'ê te digo, Manel! Muitos avantam que vendi a alma ao diabo e talvez nã seja mentira! Nã hades mandar aqui muito tempo e hades sahir d'este lagar arrastado que nem um ladrão!... Assim ê seja agora mesmo aqui asombrado s'isto nã fôr verdade!»

Houve um curto silencio.

Os dois homens, cá em baixo, supersticiosos, vergavam, aterrados, sob o peso maldito da praga.

De repente o Manoel correu para elle de cabeça perdida:

«Ah! malandro!»

O Raphael e o fogueiro que acudira, agararam-n'o, trouxeram-n'o á força para junto da lareira.

«Deixe lá, home, socegue!» disse o Raphael pallido como um defunto «Nã se metta com elle. Aquillo tem coisa má no corpo. A gente nunca sabe pr'onde anda o malino. A trovoadá está brava e a gente pode morrer aqui hoje sem confissão.»

O fogueiro deitou os olhos ao Bernardo que recuara e agora accendia um cigarro á chamma da candeia, com um riso de escarneo.

«Ê cá, se fosse a vomecê, su Manel,» bicha-

nou elle «tratava mas é de pôr com dono aquelle excommungado. Inda faz pr'ahi alguma disgracia.»

Mal o fogueiro acabava de falar, ouviram-se passos chapinhando lá fóra na lama e alguém levantou a aldrava da porta.

«Deus os salvé!» grunhiu uma voz rude.

Entraram uns dez homens descalços, com as calças largas de castorina atadas nos tornozelos, franzidas na cintura. Alguns traziam enfiados nas cabeças os capuzes ponteagudos de varinos curtos que lhes pendiam dos hombros com as mangas desenfiaadas e pingando agua no chão.

Um d'elles tirou uma almotoia de barro do alforje e perguntou:

«Quem é aqui o mestre?»

O Manoel levantou-se do canto da lareira, pegou n'uma medida de litro, dirigiu-se á talha onde guardava o azeite de terceira para as esmolas, destapou-a e enfiou-lhe o braço pela bocca dentro.

Ouviu-se o choque da medida na superficie do liquido e depois o ruido surdo e continuo do fio que escorria.

Os homens approximaram-se e foram desfilandó deante do Manoel que lhes enchia as almotoias até ao gargalo.

Nenhum agradecia. Impassiveis, altivos, recebiam a esmola como coisa devida.

«Do pão do mê compadre grande fatia ao mê

afilhado.» disse o Bernardo em voz bem alta para o Manoel ouvir.

Este, acabando de encher a ultima almotolia, respondeu sem se alterar:

«Toda a gente que tem alma christã sabe que, seja acando fôr qu'um prove peça n'um lagar uma pinga d'azeite, tem que se le dar. E' assim o costume antigo e a vontade de Deus.»

«Hum!...» resmungou o Bernardo «E' com essas cantigas que se roubam os patrões e se sustentam os ralaças...»

Mas o homem do varino voltou-se para elle n'um rapelão e exclamou na toada cantante da gente da Nazareth:

«Ralaças! Raios o limem a você tantas vezes acantas o mar dá voltas á pedra de Guelhim! Assim a Senhora da Nazareth me salve sempre como já duas vezes me salvou da morte no mar, a como ê queria ver você em riba das ondas e com um remo nas unhas n'um dia de temporal! Ah! cães damnados da terra que só têm corage pra pegar no cabo d'uma enxada!»

Principiara a falar com impeto, mas terminou n'um tom baixo, quasi plangente.

Murmurou:

«Na semana passada o mar inguliu trint'hommes.»

«Pois trabalhem na terra cando tiverem medo d'ir pró mar.» tornou o Bernardo com mau modo. O outro olhou-o com assombro.

«Trabalhar na terra?!... A gente?...»

E, encolhendo os hombros com desprezo, voltou-lhe as costas.

Entretanto um dos outros pescadores chamara o Manoel de parte e dera-lhe o recado do Dionisio.

«Hom'essa agora!» exclamou o Manoel «Que diabo me quer elle?»

«Diz qu'era coisa de pressa.» respondeu o pescador.

«Você não sabe o qu'é?»

O outro hesitou e depois disse:

«Talvez seja pro via da su mulher... Nanja qu'o Doniso dissesse, mas proque lá na taberna ouvi alumiar.»

«A minha mulher?! Alguma disgracia?»

«E' qu'ella foi posta fóra de casa dos patrões pro via d'um roubo... Diz qu'elles não fizeram queixa mas toda a gente fala... Vomecê bem sabe, quem é prove, tudo le carrega...»

Os outros pescadores que já tinham sahido e se encontravam fóra, á chuva, gritavam pelo companheiro. O homem embrulhou-se no varino e abalou.

O Manoel ficara immovel encostado á parede com a bocca aberta, os olhos esgazeados, pallido como a cal da parede.

O Raphael chamou por elle:

«Ah! su Manel! Venha cear, home!»

O mestre approximou-se, tomou o seu lugar

do costume á lareira, despejou a panella no prato.

Levou a colher duas vezes á bocca; depois arredou a ceia para longe de si e com os olhos fitos no lume, a testa enrugada, os dentes cerrados, ficou-se esquecido a scismar.

O Bernardo comia em silencio remirando-o de soslaio e os outros dois acotovelavam-se e bichanavam entre si as suas apprehensões, sentindo já no ar, com um vago terror, os effeitos da praga.

«A minha Jaquina, ladra!...» pensava o Manoel.

Podia lá crer! Mais depressa duvidaria dos santos do ceu, Deus lhe perdoasse! Podiam arrancar-lhe as pernas e os braços, rachar-lhe a cabeça em duas metades, não o fariam acreditar em tal mentira.

Lembrou-se da praga, passou-lhe uma nuvem deante da vista. Erguendo os olhos viu os do Bernardo que o observavam.

«Nã m'hades ver baixar a grimpa adeante de ti, grande malandro!...» pensou o Manoel.

E erguendo-se de subito, abeirou-se da moenda.

«A massa está bôa pra enceirar, rapazes!»

E o trabalho do lagar continuou.

O temporal recomeçara, mais bravo. Levantara-se vento. Fazia um frio!

Noite velha, depois de carregarem pela ultima vez as prensas, os lagareiros estenderam-se na

palha das tarimbas, embrulhados nas mantas, e accommodaram-se para dormir.

Mas o Manoel deitou mais lenha na lareira e sentando-se na sua tripeça, com os cotovelos fincados nos joelhos e o queixo nas mãos, alli ficou, pasmado para o lume.

Fazia um grande esforço para ordenar os pensamentos mas a pobre intelligencia, pesada, sem habito de raciocinios longos e complicados, cançava-se. As ideas emmaranhavam-se-lhe no cerebro; doia-lhe a cabeça.

«Valha-me Nossa Senhora!» murmurou elle.

E voltava sempre ao ponto de partida.

Quem teria levantado aquella calumnia? Quem podia querer mal á sua Joaquina? Uma pobre mulher que não se mettia com as vidas alheias, que só cuidava do arranjo da sua casa. . .

A sua casa!

O Manoel pensava na sua casa com um bater desordenado do coração.

«Ah! minha Nossa Senhora!»

Tirou o barrete, coçou desesperadamente a cabeça.

De repente conjecturou o que se estaria passando n'aquelle momento em Alcobaça.

E se a Joaquina estivesse presa?

A Joaquina presa por ladra!

Esta idea monstruosa surgindo-lhe no pensamento pela primeira vez, attingiu um tal grau de

horror que, apesar do frio, grossas bagas de suor lhe apontaram na testa.

Esgazeou-se-lhe o olhar; apertaram-se-lhe tanto os queixos, que até os dentes lhe rangeram.

Vinham-lhe ideas violentas; queria ir á administração com o varapau ferrado, rachar cabeças, fazer justiça por suas mãos, limpar o seu nome á cacetada como se varre uma feira. . .

Uma gargalhada curta, guttural, de um estranho som que não parecia d'este mundo, vibrou no silencio do lagar; o Bernardo sonhava.

Erguendo-se com um salto de animal ferido, o Manoel ficou de pé, immovel, fitando o vulto do lagareiro estendido na tarimba.

Retiniam-lhe nos ouvidos as palavras da maldição:

«Hades sahir d'aqui arrastado. . .»

A praga fructificara; a peçonha sahida d'aquella bocca damnada tinha derrubado n'um instante o laborioso trabalho de annos e annos de vida honrada.

«E s'eu o matasse?»

Este pensamento atravessou como um relampago o pobre cerebro atordoado pela desgraça.

«E' o malino qu'anda ás voltas commigo.» murmurou o Manoel benzendo-se.

Foi accordar o Raphael que, estremunhado, se ergueu n'um repelão de susto. Depois reconheceu o Manoel e reparou-lhe no rosto livido e nos olhos esbugalhados.

« Qu'é isso, home? Qu'é que vomecê tem? »

O mestre levou-o para junto da lareira.

« Assenta-t'aqui, Raphael. »

E, baixinho, contou-lhe tudo.

Concluiu:

« Fui-te chamar proque tive medo qu'o diabo m'attentasse... qu'elle anda hoje pro qui bravo em redor da gente. »

O outro, ensomnado ainda, com a barba e o cabello esgrouviados, o rosto ingenuo estarecido de medo, escutava-o relanceando um olhar de pavor, em redor, pelo escuro do lagar.

De repente levantou-se uma grande ventania.

Algumas telhas arrancadas pelo tufão escorregaram ao longo do telhado e despenharam-se do beiral cahindo na terra encharcada com o estalar secco do barro esmigalhando-se.

As ratazanas enxotadas pelo sabbat do furação lá dos seus esconderijos entre os madeiros velhos do tecto, desceram pelo reboco aspero das paredes e, endoidecidas de susto, correram pelo lagar, refugiando-se nos recantos entre os cascos e as talhas e sob o monte de lenha.

Lá fóra ia o inferno.

« Vomecê nunca viu um lobishome, su Manel? » perguntou o Raphael.

Que não; nunca tinha visto.

« Pois olhe... tã certo acom'ê qui estar, s'a gente agora abrisse aquella porta, logo vomecê via um ror d'elles. »

« Cala a bocca. Nunca s'ouviu alumiar qu'elles pro qui passassem.»

O Raphael apontou para a tarimba.

«E' aquelle excommungado qu'os chama.»

O fogueiro accordara com o barulho do temporal e viera, com a manta pelos hombros, sentar-se junto dos outros dois, ao lume.

«Má hora em qu'aquelle alma damnada veiu cá pró serviço do lugar.» disse elle «Tem o diabo no corpo e anda com má vontade á gente. Isto d'aqui não sae coisa bôa e talvez a gente pro via das sortes d'elle qu'anda mettido c'as bruxas, nã veja o dia d'amanhã.»

«Olha lá s'elle accorda!» resmungou o Raphael.

«S'o maldito tivesse almã christã, nã podia dormir com um banzé d'estes.»

O vento abrandara.

«Ê cá d'antes nã me queria acarditar em certas coisas,» continuou o Raphael «Mas desne que vi o qu'aconteceu ao Zé Malhado lá na minha terra...»

«Cal Zé Malhado?» perguntou o fogueiro.

«Aquelle qu'assistia n'uma casa lá no cabeço... Era um home d'uma canna, honrado, e amigo de trabalhar. Fez a casa á poder de muitos annos d'incolomias; e d'hi casou com uma rapariga que lh'a trazia assejada qu'era um regalo. Aquillo mettia gosto. Tudo le medrava.»

O Manoel suspirou.

«Mas um dia,» tornou o Raphael «pro via lá

d'um matto, pegou-se á bulha com um vadio d'um cantoneiro da estrada nova, home de fóra, o diabo sabe d'aonde. O gajo rogou-le uma praga e d'hi pro deante desandou-le tudo. Deu-l'ó mal no bacoro, a mulher morreu-le com um bicho no estamago e elle pouco durou; deu-le uma peste d'uma inchação negral qu'inté mettia medo. Cando o padre veiu com Nosso Pae, o Zé atirou um berro que s'ouviu por aquellas redondezas; estoirou-l'a barriga e morreu preto que nem um tição. Ninguem se estrevia a amortalhal-o; deixaram o corpo pr'alli... Mas naquella noite a casa largou-se a arder e ninguem foi senhor d'apagar o fogo. Só ficaram as pedras. Ardeu tudo. O fumo cheirava a enxofre qu'inté derrancava as tripas da gente e o corpo sumiu-se que nunca se l'encontrou nem um osso.»

«Tu estavas lá?» perguntou o Manoel depois de um silencio.

«Fui ê que l'interrei o bacoro e vi a mulher a finar-se... Aquillo é qu'ella gritava a pedir que le tirassem o bicho que tinha lá dentro!»

«E estavas ó pé d'elle cando veiu Nosso Pae?»

«Nã estava. O berro ouvi ê, mas lá do esteiro foi o mê tio que contou á gente.»

O Manoel suava em bica, n'uma agonia de pavor.

«E a casa?...» perguntou elle «Vistel'arder?»

«Com estes.» respondeu o Raphael appoiando os dois indicadores sobre as palpebras.

«Esta-se mesmo a ver que foi a praga que le botaram.» disse o fogueiro gravemente. «S'elle tivesse moido o outro com pancada pra le fazer sahir o diabo do corpo e pr'ó espantar d'aquelles sitios, nã le tinham acontecido essas disgracias.»

Levantou-se outro pé de vento acompanhado de tal chuva e trovões que mettia medo. As vigas do tecto estalavam; parecia que vinha tudo abaixo.

O Raphael desbarretou-se, juntou as mãos:

«O' minh'alma, magnifica, engrandece o Senhor...» murmurou elle.

«Mais de riço, home!» commandou o Manoel «qu'ê pr'ós espiritos ouvirem.»

E as vozes dos tres homem ergueram-se unidas:

«O mê espirito s'alegrou em Dês, mê Salvador...»

O Bernardo, a dormir, agitou-se na tarimba e gemeu.

Interrompendo a reza, o fogueiro observou:

«Olha acom'elle se troce, o maldito, por ver a gente apegar-se a Deus!...»

De repente ouviu-se um estrondo medonho no cubiculo do motor. Uma das paredes novas que aguentava a ribanceira, cedera ao peso da enxurrada, viera abaixo arrastando o tecto; e a agua barrenta carreando torrões e pedregulhos, engolfava-se pela porta, inundava o lagar.

Mais alto que os ruidos sinistros do desmoro-

namento, mais alto que os clamores bravios da tempestade, levantaram-se os gritos dos homens endoidecidos de pavor:

«Cruzes! qu'ê o diabo!»

«Vamos a elle, rapazes!»

Desvairados, atiraram-se os tres ao Bernardo, moeram-n'ô de pancada com achas de lenha.

O homem uivava, regougava pragas, estrebuxava como um possesso, embaraçado na manta, aos coices, aos urros, dorido e já todo ensanguentado como um lazaro.

«Fóra d'aqui! Grande, cão tinhos!. . .» berrou o fogueiro com os olhos a luzirem como lume na face enfarruscada «Pr'á rua! qu'ô espirito malino te leve!»

Arrastaram-n'ô embrulhado na manta até á porta que abriram; n'um arranco brutal atiraram o fardo maldito para o escuro da noite.

O baque surdo do corpo cahindo no charco, um espernear raivoso entremeado de gemidos e de imprecações. . .

A porta fechara-se com violencia, correrá-se o ferrolho, fixara-se a tranca.

As vózes furiosas do temporal abafaram o resto.

No dia seguinte, quando o Manoel ia chegando á villa, encontrou o pedreiro que lhe ajudara a fazer a casa.

«Deus te salve, ó Calros!»

O outro estendeu-lhe a mão, enfiado.

«Cudê que estavas lá pr'ós Molianos».

«A trovoadá d'agua foi tamanha esta noite que se esbandalhou a casa da mánica e o lagar ficou parado».

O Carlos hesitou; depois disse:

«Vens em má hora, home».

Percebendo que ella já sabia, o Manoel fez-lhe perguntas, a tremer.

O Carlos vinha da taberna do Dionisio e não se falava lá d'outra coisa. Não se falava d'outra coisa em toda a villa. Os pobres rosnavam contra o senhor Gonçalves que era homem sem religião e nunca punha os pés na igreja; muitos não acreditavam que a Joaquina tivesse roubado. Mas ninguém se atrevia a falar alto porque o homem era rico, dava que fazer a muita gente e podia muito.

«Mê amigo», concluia o Carlos com sabedoria «com'ó outro... com tê amo nã jogues as peras. O prove é prove e nã se pode escamar c'o rico. E d'hi praquê? Vozes de burro nã chegam ó ceu».

Tambem havia quem carregasse na Joaquina, quem se espantasse do patrão não ter ferrado com ella na cadeia. O mundo é assim, e, em havendo zaragata, cada cabeça cada sentença e a mór parte da gente no que mais cuida é em chegar a braza á sua sardinha... e os mais *que se havenham*.

O peor de tudo era o Bernardo que apparecera de madrugada todo ferido á porta do hospi-

tal, a berrar que o Manoel e os outros lagareiros o tinham querido matar. . .

O Carlos calou-se de repente ao avistar um cavalleiro que se approximava.

«Olha,» disse elle «é o Zésinho!»

O menino ao conhecer o pedreiro, metteu o cavallo a passo.

«Vê se vaes lá por casa. A enxurrada deitou abaixo o muro da horta.»

«Vou lá amanhã.»

«Não te esqueças.»

la já a afastar-se quando, voltando-se para traz, acrescentou:

«Cuidado com as más companhias, ó Carlos! . . . Olha que a policia pode-te deitar a unha.»

E esporeando o cavallo, abalou a galope.

O Manoel, que se desbarretara á passagem do patrão, ficara esgazeado, boquiaberto.

O Zésinho não lhe falara nem fizera menção de o conhecer. A ultima phrase atirada ao Carlos, affrontara o Manoel como uma chibatada.

Encaixou o carapuço pela cabeça abaixo, teve um arremeço de furia, muito pallido, com as narinas dilatadas, as duas mãos fincadas no varapau:

«Ah! rrrapazes! . . .»

«Atão Manel! . . .» acudiu o Carlos «Deixa lá. Com'esta hades ouvir muitas. Já uns gajos lá na taberna aventaram qu'agora é que tu campavas; qu'a coisa nã ia pr'á justiça e tu ficavas mas era a rir-te c'as libras no bolso! . . .»

Reparou no Manoel que tinha os olhos injectados de sangue; olhou em volta, apprehensivo:

«Com'ássim vou-m'andando qu'ind'essa canalha é capaz de m'alevantar alguma pro via d'ê aqui estar mais tu. Vae com Deus, home, e tem paciência qu'ê do qu'o prove mais precisa na terra.»

O Manoel perguntou:

«Adonde está a minha Jaquina?»

«Está em casa do ti Doniso desd'honte.»

Separaram-se.

O Manoel atravessou a villa. Se lhe tivessem esnocado a cabeça com um cacete, não a levaria mais atordoada.

Foi direito a casa do patrão. Queria falar com elle por causa da Joaquina e contar-lhe o que se passara no lagar.

Mas á medida que se approximava, as ideas tornavam-se-lhe cada vez mais confusas. Ora se esquecia d'uma coisa, ora d'outra...

O patrão recebeu-o á porta da cosinha.

Embruhlado no chambre, com os pés mettidos em chinellas, a face pastosa rubra de colera mal contida, começou por lhe dizer que o Bernardo entrara no hospital em estado miseravel e que elle, Manoel, havia de dar contas á justiça de o ter querido matar e roubar, como um ladrão que era.

E á medida que falava, enfurecia-se a mais e mais, não deixava o pobre homem abrir a bocca

para se defender; dizia-lhe em gritos que nunca mais lhe puzesse aos pés no lagar nem lhe apparecesse defronte da vista se não queria ir parar á cadeia mais a grandessissima ladra da Joaquina. Nem cuidasse que ia receber a soldada, nem elle nem a mulher, que pagos e repagos estavam com as libras que lhe tinham levado.

E gaguejando, n'um paroxismo de raiva, levantava tanto a voz que se ouvia na estrada; entornava, babando-se, catadupas de improperios, de palavrões grosseiros; acabou por fechar a porta com estrondo na cara do Manoel declarando lá dentro em berros e já defendido pela solida fechadura, que não tinha medo nem do diabo e que estava farto de fazer papel de tolo.

No quintal, o Manoel ficou um momento como assombrado.

«Nã sei o que tenho na cabeça...» pensava elle.

Lembrava-se da historia que o Raphael lhe contara e não sabia, ao certo, se fôra a casa do outro ou a sua que ardera...

Por fim sahiu para a estrada, dirigiu-se a casa do Dionisio.

Pelo caminho pareceu-lhe ouvir a voz do Bernardo a chamal-o. Mas logo cahiu em si e percebeu que não podia ser.

Na taberna, alguns operarios e cavadores, comiam e bebiam.

O Manoel não entrou; deu volta, cosendo-se

com os muros, empurrou o portão do pateo e foi ter á cosinha onde a ti Anna andava a lidar.

«Credo!» exclamou ella «Que cara vocemecê traz, su Manel!»

«Vá dizer ao ti Doniso que chegue aqui. Preciso falar mais elle.»

E deixou-se cahir n'um banco; encostou os cotovelos á meza e escondeu a cara nas mãos.

«Qu'ê lá isso, home?» perguntou o Dionisio d'ahi a um instante, entrando na cosinha.

O Manoel contou-lhe o que se passara com o patrão. Invadia-o a pouco e pouco uma grande colera.

Queria ir para a administração com uma queixa contra o patrão que lhe acusava a mulher de ladra e que os arrazava, o maldito! As coisas não podiam ficar assim. Elle não era milho na eira para lhe malharem d'aquelle feitio. De que servia a justiça? Se os homens honrados podiam ser tratados como ladrões, mais valia uma pessoa deitar-se a afogar.

«Vomecê, ti Doniso», concluiu elle «que pr'os modos já teve uma questã na justiça, bote pr'ahi as boltas qu'ê hei-de dar pra fazer a queixa».

O Dionisio mandou a mulher para a taberna acudir aos freguezes, e sentou-se á meza defronte do Manoel com um ar solemne.

«Olha, home», começou elle «se queres o meu conselho... deixa-te d'essas cantigas. Sabes o qu'ê a justiça? É a manêra qu'os ricos teem de

roubar os proves sem irem pr'á cadeia. A justiça, Manel... sabes o qu'é a justiça? É bosta. Se não sabias, fica sabendo. A justiça é bosta, é o qu'ella é».

Perante esta declaração inesperada, o Manoel embuchou.

O Dionisio foi continuando:

«Tive uma questã na justiça, é verdade. Má raios me partam se me metto n'outra! Ê é que tinha razão. Foi pro via d'umas augas de rega... Mas o outro era doutor, andava nas politicas e tinha um rôr de botes nas eleições. Sabes que mais? Perdi as augas e perdi tudo; e se me não tiraram a pelle do corpo foi proque nã puderam. Se fosse hoje...»

«O qu'é que vomecê fazia, ó ti Doniso?» perguntou o Manoel esperando uma solução para o seu caso.

«O qu'ê fazia? Esperava o doutor, de noite, n'uma volta da estrada e rachava-le o melão com um cepo».

«E ia pr'á cadeia» respondeu o Manoel.

O Dionisio reflectiu uns instantes, petiscou lume, accendeu o cigarro e disse:

«Talvez fosse».

Depois atirou um murro acima da meza e concluiu:

«Mas ficaval-o melão rachado, áquelle malandro!»

O Manoel baixara a cabeça, pensativo.

«O qu'hê-de ê fazer?» murmurou elle.

«Isso é comtigo. O qu'ê te digo é que, se tens juizo na bóla, nã te mettas na justiça. Olha, ê, se fosse a ti, abalava».

«Abalar!»

E a casa? E a fazendita?

Partir á tôa com a Joaquina como se tivessem feito algum mal e fossem fugidos?

Mais valia morrer.

E não disse mais nada. Ficou para alli com a bocca entreaberta e os olhos fixos emquanto pensamentos variados e turvos lhe revolteavam na cabeça.

Quando se levantou viu que o Dionisio voltara para a taberna; reparou que a ti Anna lhe puzera na meza um naco de pão, um queijo de cabra, uma tijela de café e que falava, sentada n'um banco ao seu lado. Mas nem comeu nem percebeu o que ella dizia.

Perguntou pela Joaquina. A ti Anna respondeu-lhe que ella já fôra para casa.

E então o Manoel partiu; levava um tremor no corpo como se tivesse uma sezão.

Durante umas duas horas vagueou por um lado e por outro. Foi falar com o Gregorio, o que lhe vendera os pinheiros para o tecto da casa; com um antigo patrão que o tratara bem n'outros tempos; com varias pessoas suas conhecidas e que sempre o tinham estimado. Queria ver se lhe davam um conselho, se o ajudavam a defender-se.

Mas todos lhe falavam do mesmo modo: que tivesse paciência, que se sujeitasse á sua sorte; que o senhor Gonçalves e o filho andavam nas politicas e que não se mettesse com elles; que calasse a bocca; que fechasse a casa e abalasse; que deixasse falar as boccas do mundo porque atraz de tempo, tempo vem. . .

E acabavam por despedil-o, uns com boas palavras, outros com impaciencia, incommodados ou aborrecidos com a sua presença, desejosos de se verem livres d'elle.

O sol vinha já baixo quando o Manoel se poz a caminho de casa. Não comera nada em todo o dia nem provara vinho; mas parecia-lhe que ia bebado.

Antes de chëgar ao Rocio tornou a ouvir a voz do Bernardo.

« Bem sei o que tu queres. . . » resmungou o Manoel com um calafrio. « É pra me dizer que podes mais qu'a mim ».

Soltou um grande suspiro.

« E pensar a gente que tanto monta um home ser honrado com'a não! . . . »

Ao passar defronte do Mosteiro, o sacristão que se encontrava á porta da igreja, chamou por elle.

O sacristão estava muito serio; perdera aquelle sorriso que de costume lhe illuminava o rosto cõr de rosa.

« Entre, su Manel ».

E apenas os dois se encontraram dentro da igreja, indicou vagamente o cruzeiro:

«A sua Joaquina está acolá».

Foram andando entre os renques de columnas na penumbra do templo.

O Manoel, cabisbaixo, não falava; levava os olhos cravados nas lages.

«Então, homem, coragem!» disse o senhor Francisco. «Não esmoreça. A verdade vem sempre ao de cima. Ha muita gente bôa por ahi que não acredita... Eu, cá por mim, tenho-os a você e á sua Joaquina na mesma conta em que sempre tive. Deus é pae de misericordia».

«Deus le pague, su Cisco», murmurou o Manoel.

Quando chegaram ao cruzeiro, o sacristão apontou á direita, a porta gradeada do pantheon.

Era sol posto e todas as coisas se devisavam já mal dentro da igreja.

O Manoel viu um vulto escuro no chão; podia ser um fardo de roupa, um monte de trapos.

Approximou-se a medo, com o coração aos saltos dentro do peito.

Resoou um grito abafado:

«Ah! Manel!»

A Joaquina que estava sentada nas lages com os joelhos á bocca e a cara escondida nas mãos, tentou erguer-se, faltaram-lhe as forças e cahiu de joelhos agarrada ao marido.

E principiou a falar, sem gritos nem soluços,

n'uma toada baixa e monotona, de um desalento infinito :

Tinha vindo pedir a Santa Inez de Castro que a matasse alli ao pé d'ella antes de tornar a ver o seu Manoel. Aquella santa é que podia saber as fezes do seu coração porque tambem tinha soffrido por males que não fizera e tambem, a ella, ninguem a quizera ouvir. Mas Santa Inez não a escutara e deixara-lhe vida ainda para passar por aquella má hora de ver o seu Manoel, assim tão carregada de vergonha, que não sabia como os olhos lhe não cahiam da cara só de os levantar para elle!

«Então, então... sua Joaquina!» interveiu o sacristão tentando socegal-a «Tudo que Deus faz é pelo melhor. Não se fala em morrer. Agora já aqui tem o seu homem para a amparar...»

«O mê home! Melhor fôra para elle que nunca me tivesse arrecebido!»

O Manoel que se conservara immovel e sem encontrar palavras que traduzissem a sua emoção, afastou-se de repente da mulher, atirou com violencia o carapuço ao chão e exclamou:

«S'inda te nã tivesse arrecebido, mulher, arrecebia-t'agora! Nenhum home s'acarditou nunca n'uma mulher com'ê m'acardito em ti! E s'isto nã é verdade, qu'um raio me parta!»

«Seu Manoel!» acudiu o sacristão «lembre-se onde está!»

« A igreja é a casa da verdade ». respondeu o Manoel. « Esta mulher foi Deus que m'a deu. Indes que viessem todos os diabos do inferno falar mal d'ella, nã era o filho do mê pae qu'arrecuava adeante d'elles! »

Mas a Joaquina suspirou:

« Qu'é que tu podes, Manel? As vozes do mundo sã mais fortes qu'a ti ».

E apontava para os tumulos:

« Olha pr'áquelles qu'alli estão... Elle era rê e nã poude nada; canto mais tu! »

E repetia baixinho, agarrada ás grades:

« Morrer, morrer... Santa Inez me defenda de viver arrastada!... »

Por fim lá conseguiram leval-a para fóra da igreja.

Despediram-se os dois do senhor Francisco atravessaram o Rocio deserto onde ainda se espalhava o crepusculo do entardecer.

« Vamos pr'a casa ». disse o Manoel.

Era o refugio unico, a salvação.

Vinha-lhe de repente uma ancia de lá chegar, á sua casa, de atravessar o terreiro muito limpo, de accender um bom lume na lareira e de fechar a porta isolando-se assim e á sua Joaquina, da gente hostile...

Sob a chuva miudinha, com a jaleca pela cabeça, andando depressa, seguido pela mulher embuçada no chale, foi trepando pela encosta, caminho da Vestearia.

De repente parou, voltou-se. Ouvira uma voz conhecida:

«Hades andar arrastado...»

Disse á Joaquina que fosse andando para casa e tornou para traz... Vira o vulto de um homem que se escondia detraz de um vallado. Approximou-se, procurou... Nada.

Benzeu-se.

Eram tentações do diabo; o Bernardo estava no hospital.

Foi andando.

Quando avistou a casa, reparou que a porta estava fechada. A Joaquina ainda não teria chegado?

Em volta havia gente que se atrevera a entrar na fazenda e que atirava pedras ao telhado e ás paredes, gritando:

«Fóra a ladra!»

Veiu-lhe uma tontura, fechou os olhos um momento... Quando os abriu, tudo tinha desapparecido.

Dirigiu-se para a porta, levantou a aldrava, chamou pela Joaquina que logo lhe respondeu.

Quando poz o pé no limiar, ouviu a voz do Bernardo:

«É nã te disse... qu'havias de ser arrastado?...»

Voltou-se e viu-o... viu-o alli mesmo, na sua fazenda, agarrado ao tronco de uma oliveira.

Passou-lhe uma nuvem pelos olhos, precipi-

tou-se para dentro de casa, pegou na espingarda, voltou de roldão com ella para o terreiro.

Mas o homem sumira-se.

«Qu'ê que tu tens, Manel?» perguntou a Joaquina a tremer.

«Nã viste aquelle excommungado? Nã viste o Bernardo... acolá?...»

Mas ella não vira, não ouvira coisa alguma.

O Manoel entrou para casa, fechou a porta á chave, sentou-se com a espingarda entre os joelhos.

«Larga isso, Manel». disse a Joaquina.

Mas elle não fez caso. Agora examinava a arma. Era uma espingarda que tinha havia muitos annos; comprara-a lá na terra a um hespanhol que a trazia de contrabando. Uma arma valente de dois canos; estava atafuhlada com zagalotes. Carregara-a no verão por causa de um texugo que lhe andara no milho e que elle se fartara de espreitar de noite sem nunca o apanhar...

«Manel!...» gritou uma voz rouca pelo buraco da fechadura «Arrastado!... Arrastado!...»

O Manoel ergueu-se n'um repente, correu para a porta, escancarou-a...

Ninguem.

Voltou para a Joaquina a cara livida, inundada de suor.

«Nã ouviste agora?»

A Joaquina, aterrada, murmurou que não.

Depois chegou-se a elle, poz-lhe a mão no hombro.

«Isse é fevre que tu tens. Se calhar inda nã comest'hoje».

Não comera. Não podia comer. Pediu-lhe café, esperou que ella lh'o preparasse, bebeu-o soffregamente, a escaldar.

Socegou mais. Contou o seu dia.

A Joaquina, desolada, ouvia. Depois falou por sua vez, devagar, com uma voz baixa como se estivesse na igreja. Disse tudo que succedera na noite do roubo, as ameaças do menino, as violencias do patrão...

Ella bem sabia. A vergonha já ninguem lh'a tirava. Podiam fazer o que quizessem... nunca mais ninguem os trataria como gente honrada. E então... de que servia viver? Deus não queria que ella vivesse; bem sabia que ella não podia viver arrastada, com a alma que tinha.

Juntava as mãos, levantava os olhos para o marido:

«Ah! Manel! Se tu quizesse!...»

Acrescentava:

«Lá no ceu não ha mentiras; e Deus bem sabe qu'a gente nã fez mal a ninguem».

Na memoria do Manoel reconstituia-se a scena do lagar, a praga... Recapitulava a historia do Raphael... O que podia um pobre homem fazer? Fosse para onde fosse, a maldição iria com elle.

Pegou na mão da mulher, apertou-lh'a tanto que até os ossos lhe estalaram. Mas ella não se

queixou; tinha os olhos enxutos, a bocca entreaberta n'um sorriso:

« Se tu quizessees, Manel! »

Lembravam-se da serra onde tinham guardado cabras e ovelhas, onde não chegava a maldade do mundo, onde se sentiam tão perto de Deus.

Tinham a visão ardente da serra n'aquella hora de agonia, como os santos, momentos antes de morrer, teem a visão do paraizo.

« Ah! Manel! » suspirou ainda uma vez a Joaquina « Se tu quizessees! »

Que idea accordou por fim no espirito do Manoel aquella phrase tantas vezes repetida, que subia para elle, supplicante, e se lhe enroscava a mais e mais no coração? Que porta aberta de salvação lhe appareceu de repente?

Sahiram os dois de casa e foram para o alto da sua fazenda onde as oliveiras torciam os troncos torturados e arredondavam as copas cinzentas.

Divisava-se lá em baixo o casario da villa onde brilhavam já algumas luzes e que o vulto gigantesco do Mosteiro dominava. E, pela vastidão dos campos, a perder de vista, até á grande mancha alongada da serra dos Molianos, o cinzento do anoitecer inundava tudo.

Cessara a chuva. Por uma aberta, entre as nuvens, apparecia o azul escuro do ceu onde se accendiam as primeiras estrellas.

O Manoel ergueu a espingarda, apontou...

Ouviu-se um tiro... e logo outro.

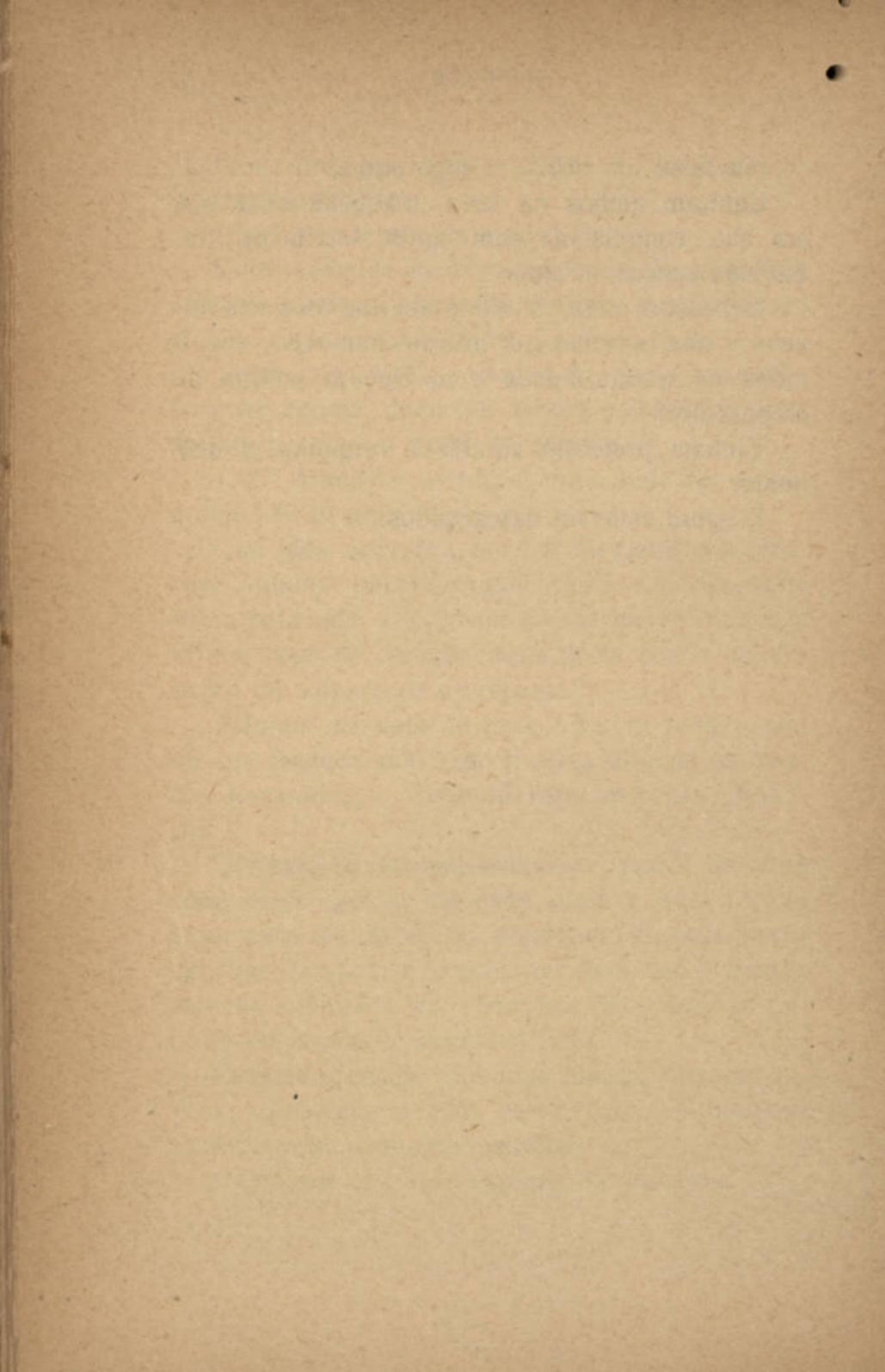
Cahiram ambos na terra, n'aquella terra que era sua, conquistada com tantos sacrificios, trabalhada com tanto amor.

De costas, com os olhos abertos fitos nas nuvens e nas estrellas, alli ficaram immoveis, envolvidos na tranquillidade e na doçura infinita do crepusculo.

Tinham preferido aquillo á vergonha, á des-honra.

*E agora* estavam descançados.

---



OBRA DO DEMONIO

OPRA DO DEMONIO

## Obra do demonio

O guarda do convento, Guilherme Trancoso, homem de formidavel arcaboço, moço de forcado amador e grande entendedor de bestas, fôra havia pouco nomeado para aquelle cubiçado logar onde o ordenado pequeno era compensado pela bôa habitação e terra d'horta, assim como pelas gorgetas dos numerosos visitantes e pelo *dolce far niente*.

Tinha o Guilherme a alcunha de *Muar* que herdara de seu pae, ferrador e alveitar de fama, celebre na villa e suas redondezas como tratador e conhecedor de toda a qualidade de cavalgaduras. Ninguem por aquelles sitios considerava esta alcunha offensiva; significava a admiração popular pela força herculea, pela obstinação da vontade; e o Guilherme nunca a renegara e d'ella se orgulhava como de um brazão d'armas.

Além das qualidades do seu pae, o Guilherme

possuia uma eloquencia abundante, infinitamente expressiva, pobre de grammatica e riquissima de pittoresco. Este dote, que lhe grangeara a admiração da *rapazeada fina* da terra, amadora de toda a especie de estroinices, tornava a sua presença indispensavel nas tibornas, diafas, ceias offerecidas a toireiros ou comicos de passagem, em todas as patuscadas bravias em que o vinho subia ás cabeças e desencadeava a loucura.

Os filhos de familias ricas ou fidalgas, que assim entendiam ocupar os seus ocios, precisavam de um bobo. Encontraram-n'o alli. Aquelle Hercules violento e bruto, inexgotavel palrador, possuidor de um espantoso vocabulario, exuberante de gestos, cheio de prosapias, era o que lhes convinha.

E assim o Guilherme, ao contacto de taes amigos cujas relações o envaideciam, principiou a achar a sua situação inferior aos seus merecimentos.

Entrou com elle o demonio da ambição. Trabalhar parecia-lhe coisa indigna do seu valor; assaltou-o a má febre portugueza do emprego publico.

«Um nicho, Muar;» diziam-lhe os amigos «um nicho onde se ganha sem canceiras. És um homem de talento».

Perdeu o gosto pelo seu officio de albardeiro, pelo seu negocio de alquilador.

E por fim, elle que nunca pedira nada a nin-

guem e que vivia independente e livre como o vento, ganhando bem pelo trabalho das suas mãos, mendigou as influencias dos amigos e conseguiu o logar de cicerone e guarda no velho ninho d'aguias dos Templarios cujas muralhas encerravam tambem o arrendado convento dos freires de Christo.

Nos primeiros tempos da sua investidura, entristeceu; pesava-lhe a solidão, o silencio, a sombra fria dos muros carregados de seculos. Detestava as antiguidades que tinha de explicar e que não entendia; asphyxiava-o aquelle *cheiro a defuntos*, como elle dizia; affrontavam-n'o as numerosas figuras de pedra, immoveis e caladas, pasmando sem fim para a exuberancia da sua vida que se comprazia nos excessos e no tumulto.

Mas era empregado publico; e este pensamento compensava-o de tudo. Tinha situação de gente; evocava os deveres e responsabilidades do cargo official que a pouco e pouco iam tomando no seu espirito proporções consideraveis.

A casa que habitava era comprehendida nas dependências do convento de Christo construidas sobre uma parte arruinada do alcacer dos Templarios. Á direita erguia-se a grande torre de menagem da cidadella assentando sobre a rocha, no alto do monte que as extensas muralhas ameiadas abraçavam.

Quando o Guilherme subia á torre da rainha D. Catharina e via lá em baixo no sopé do monte

branquejar o casario da villa como um brinquedo de creanças, considerava a sua intimidade com todas aquellas grandezas historicas visitadas por gente que vinha de longe admirar-as, pensava na importancia da sua situação e a vaedade trasbordava-lhe da alma.

«Deixem-se de contos que isto sempre é outra cantiga», pensava elle com satisfação. «Qual cá albardeiro nem meio albardeiro! Leve o diabo o negocio de alquilador! Ser empregado do governo... digam-me d'essas! E que emprego! Rosnem lá o que quizerem; monumento nacional como este ainda está para nascer. E' castello, é cidadella, é convento, é egreja, é quartel... é tudo quanto ha. Por aqui passaram reis, frades, moiros, hespanhoes, o diabo a quatro! O edificio mette medo; vê-se de toda a parte, uma pessoa perde-se dentro d'elle e a pedra que para aqui está junta, dava para fazer uma cidade. E eu sou o guarda! Irra, que já é alguma coisa! Eu é que explico tudo a toda a malta que ahi vem e que ouve o que eu digo de bocca aberta... gente fina e tudo. Ah! su Muar, su Muar d'uma canna!... Isto não é metter bastas em albarda, hein, su mariola?!»

E ria sósinho, triumphante.

Levantava-se tarde, como um fidalgo. Da janella do quarto olhava para a horta com indifferença e desprezo. As couves definhavam nos canteiros symetricos dos dois lados da alameda de

nespereiras que ia ter ao escadorio monumental.

Tratar da terra parecia-lhe coisa mesquinha.

No verão quasi todos os dias vinha gente visitar o convento. E o Guilherme, seguro de si, empavezado, certo de desempenhar com brilhantismo as funcções do seu cargo, percorria a fabrica enorme á frente dos visitantes assombrados, trocando as datas, embrulhando as tradições e as lendas, confundindo os estylos, estropiando os nomes, deturpando a historia, expansivo, copioso, exuberante, importantissimo, accordando com o vozeirão formidavel, os velhos echos espavoridos.

Ao sol posto fazia a sua ronda, fechava cuidadosamente as portas, e descia para a villa demorando-se por lá com os amigos, bebendo mais do que é permittido a um christão e voltando para casa muitas vezes fóra d'horas.

Todos os domingos, quer de verão quer de inverno, em o relógio da torre batendo a meia hora depois das seis, ouvia-se ranger a fechadura da poterna que ficava por debaixo do caminho de ronda no fim da alameda de nespereiras; e a figura alta e esguia do padre Fragoso encaminhava-se para a casa do guarda.

O Guilherme, que o esperava, gritava-lhe da janella:

«Bons dias, senhor padre Fragoço!»

«Bons dias, Guilherme. Como vae essa má cabeça?»

«Vae indo com a graça de Deus».

«Ah! Guilherme, Guilherme!... Quando te verei eu tomar juizo?»

«Já agora, senhor padre Fragoso, quando as gallinhas tiverem dentes».

E com estas conversas, subiam os dois a escadaria do convento, atravessavam o pateo vastissimo onde a erva crescia irrompendo pelas juntas das lages denegridas e dirigiam-se para o portico ma-noelino do templo.

Então o Guilherme escolhia a chave com um grande trincolear, entre as do chaveiro que levava comsigo, corria a lingueta na fechadura enorme e entravam os dois.

Na igreja quasi sempre deserta, o padre celebrava o officio da missa, acolytado pelo guarda.

Ora uma vez, subindo o padre Fragoso a ingreme calçada que vae da villa ao convento, cruzou-se a meio caminho com um vulto embuçado de mulher.

Aquelle domingo era vespera de Natal. Chovia. Soprava uma nortada rija. O alvor da madrugada, entre a cerração, tornava-se apenas perceptivel.

Os passos da mulher não faziam ruido nas pedras da calçada; mas o padre ouviu uns soluços abafados, apezar do sussuro da chuva e do ramalhar das arvores açoitadas pelo vento.

«Quem vae ahi?» perguntou elle parando e voltando-se para traz.

Mas a mulher desatou a correr, sumiu-se no crepusculo espesso e gelado.

O padre continuou o seu caminho; lá em cima, na torre, a voz gasta do relógio annunciara a meia hora depois das seis.

Mergulhou no tunel da poterna; porém, ao approximar-se da porta, deu com o pé n'um objecto extranho.

Abaixou-se, estendeu o braço, tocou em qualquer coisa que lhe pareceu um fardo de roupa. Foi apalpando, no escuro... O embrulho estava quente; o padre sentiu nos dedos o contacto de uma pelle morna e macia; ouviu um vagido.

Logo se lembrou da sombra que passara junto d'elle momentos antes e percebeu que tinha nas mãos uma desgraça.

«A miseria é tão grande!» pensou elle.

Pegou com geito na creança e, aconchegando-a bem a si para lhe transmittir o proprio calor, dirigiu-se quasi a correr para a casa do guarda.

Este que, na vespera voltara altas horas de uma ceia lautamente regada, dormia ainda a sono solto.

O padre Frágoso puxou com força a corda da sineta e gritou:

«Sou eu, Guilherme! Abre pelo amor de Deus, que é pressa!»



O guarda, estremunhado, saltou da cama, embrulhou-se no gabão.

«Que traz ahí?» perguntou elle, desconfiado, apenas viu entrar o padre.

Estava de mau humor. Ficara-lhe, da noitada da vespera, um gosto a ferros velhos na bocca e o estomago doente.

«A consoada que Deus te manda», respondeu o padre desembaraçando a creança das roupas molhadas que a envolviam e mettendo-a no calor da cama que o guarda acabava de deixar.

«Para que trouxe isso para aqui?» tornou o Guilherme rudemente. «Cuida que vou guardar essa prenda?»

A creancinha que chorava nos braços do padre, roxa de frio, calara-se agora no conchego da cama.

O padre contou o que succedera e terminou dizendo:

«Querias que a deixasse morrer ao abandono?»

«Olha a grande perca!» resmungou o Guilherme enquanto se vestia. «Fazem as asneiras e os mais é que hão-de pagar as favas».

Approximou-se da cama, debruçou-se; a creança adormecera. Pensou: «Tão pequenita!... Cinco reis de gente».

A cabeça da creança enterrada na almofada não lhe parecia maior que uma laranja; reparou que em sonhos a boquinha rosada fazia o movi-

mento de mamar. O Muar disse consigo: «Cuida que está ao peito da mãe...»

Deu duas voltas no quarto sem saber bem o que queria e, por fim, pegou no chapéu e dirigiu-se para a porta.

«Onde vaes tu?» perguntou o padre.

Respondeu bruscamente, já do limiar, voltando-se n'um repelão:

«Onde quer que eu vá? Vou além, ao casal do Manoel Antonio. A mulher teve uma creança ha dez dias. É preciso que alguém dê de mamar a esta cachopa».

E desceu a escada de roldão.

Debaixo de chuva e chapinhando na lama, o Guilherme ia rosnando entre dentes:

«Quem pode dizer para que um homem está guardado! Uns comem os figos, outros rebentam-lhes a bocca... O que vale é que tenho uns pataquitos ao canto da gaveta...»

Não lhe passava pela cabeça a idea de regeitar a creança abandonada.

«A Misericordia...» pensava elle «a gente sabe o que aquillo é. Dão os fedelhos a criar por dez reis de mel coado seja a quem fôr; a maior parte leva-os o diabo. Ná... Já agora deixar estar o que está. Depois veremos».

A engeitada que o padre Fragoso baptizara com o nome de Bemvinda e que o Muar dera a

criar, pagando bem, á Leonor do Manoel Antonio, voltou para casa do guarda com a edade de tres annos.

O Manoel Antonio morrera deixando a viuva, na miseria e com uma creança nos braços; e o Guilherme, que precisava de quem lhe tratasse da filha adoptiva, tomou a pobre mulher para sua casa.

Assim a Bemvinda se foi criando entregue aos cuidados da ama e na companhia do irmão de leite, um desgraçadinho, idiota e disforme que ia crescendo em estupidez e fealdade emquanto ella crescia em vivacidade e belleza.

Quando attingiram os sete annos, o padre Fragoso principiou a dar lições de leitura e doutrina á Bemvinda que apprendia com rara facilidade; a ama ensinou-lhe a coser.

O idiota que articulava apenas algumas palavras, só poude fixar na memoria o estribilho de uma imbecil canção de revista que o Guilherme cantarolava:

« Ai, traliró, liró, liró. . . »

E tanto o repetiu que lhe ficou o nome de Traliró.

O pobre Traliró nada mais conseguiu apprender, apezar dos pacientes esforços do padre Fragoso.

Os annos ao passar não desenvolveram as faculdades do cerebro, não accenderam a mais pequena faúlta de intelligencia. A mentalidade do

Traliró, semelhante á de um animal inferior, conservou-se a mesma pela vida fóra.

Vivia na sombra do convento e do castello de onde nunca se afastava e na communhão constante com os santos e os guerreiros de pedra, com a flora dos ornatos estylizada, crystallizada na sua eterna immobilidade e no seu profundo silencio. Exceptuando a mãe, o Guilherme, a Bemvinda e o padre Fragoso, toda a gente lhe inspirava pavor. O ruido amedrontava-o. Á chegada de visitantes, fugia e escondia-se.

Só no inverno dormia em casa; o resto do anno ficava por fóra entre as ruinas, imitando o piar das aves nocturnas, o uivar dos cães, o andar cauteloso dos gatos sobre os muros escalavrados.

Em compensação era de uma robustez e de uma agilidade pouco vulgares. Trepava pelas columnas lisas e pelos austeros e sobrios ornatos renascença do claustro dos Filippes, até aos entablamentos; subia pelas algas e cordagens da symbolica janella do Capitulo e, pelos complicados labores da pedra, achava caminho até á cruz de Christo que encima os botareus manoelinos; dava cambalhotas pela beira dos telhados altos e apparecia na crista das muralhas do castello, aos pinchos, como um vivo demonio. Espreitava do cimo das cornijas do templo, avançando o corpo sobre o abyssmo e fazendo horriveis esgares á semelhança das gargulas e, pendurado pelas mãos nos

capiteis das columnas gothicas no claustro do Cemiterio, entregava-se aos mais extravagantes exercicios.

Preparava-se a Bemvinda para a sua primeira communhão, quando o Guilherme recebeu de surpresa a noticia da morte de um tio, que fôra para o Brazil havia um ror d'annos e de quem nunca mais ouvira falar. O Muar era o unico herdeiro de tres contos de reis que o pobre homem deixara.

Ao ler esta carta ao padre Fragoso, o Guilherme reparou na Bemvinda cujas pupilas negras, dilatadas, lustrosas, o fitavam.

«Tres contos de reis é muito dinheiro, não é, Padrinho?» perguntou ella gravemente.

Os seus doze annos viam n'uma brusca apothese, vestidos e chapéus á moda como os das meninas da villa e broches, pulseiras, brincos...

O Guilherme desatou a rir.

«Ou tu não fosses femea!» exclamou elle. «Isto é o diabo, não é rapariga, senhor padre Fragoso!»

Passou a mão pelo cabello crespo e negro da pequena e acrescentou:

«Deixa estar que vão ser para ti os tres contos, descança!»

Mas o padre Fragoso reprehendeu mansamente a Bemvinda, dizendo-lhe que não devia ter pensamentos cubiçosos, muito menos em vesperas de receber no seu coração a visita de Nosso

Senhor que sempre desprezou todos os bens da terra.

A Bemvinda mordeu os beiços carnudos e vermelhos como sangue e, baixando os olhos, afastou-se com uma aparente humildade. Seguindo com a vista a sua figura alta e esbelta, de movimentos ondulados, onde havia o que quer que fosse de felino, o padre abanou a cabeça, descontente:

«Esta pequena ás vezes inquieta-me, Guilherme. É preciso muito cuidado. É... é... bonita demais, ambiciosa, cheia de orgulho, muito fria...»

O Muar encolheu os hombros.

«Cantigas, senhor padre Frágoso! É creança como as mais. Defeitos ha-de tel-os; é mulher e basta! E a respeito de boniteza... queria que fosse um estafermo?»

Mudaram de conversa e discutiram sobre o emprego dos tres contos.

Visto o Guilherme destinar esse dinheiro á Bemvinda, o padre aconselhou-o a pôr a sua herança a render até á maioridade da pequena ou até ao seu casamento.

Mas o Muar não o quiz ouvir.

«De que serve isso?» perguntou elle com desdem «Mais vale empregar já os patacos do tio em dar uma bôa educação á rapariga. Oiro é o que oiro vale».

E por mais que o padre fizesse para lhe tirar

aquella idea da cabeça, o Muar resolveu mandar a Bemvinda para um collegio de Lisbôa.

Era o mesmo sentimento que outr'ora o levara a largar o officio e o negocio que desempenhava bem e com proveito, pelo emprego publico tanto em desharmonia com os seus gostos e aptidões.

Na nossa terra cada um quer ser o que não é; e troca-se vulgarmente marfim pôr contas de vidro, como fazem os cafres.

O ideal sensato do padre, que era tornar a Bemvinda uma simples, honesta e trabalhadeira mulher de casa, temente a Deus e de poucas letras para garantia de bons costumes no meio ignorante e limitado em que estava destinada a viver, não seduzia o Muar.

«Ha-de falar francez e tocar piano!» berrou elle por fim atirando um murro acima da meza «Ha-de ser educada e ter prendas. Irra! Para cavalgadura basto eu!»

E não houve demovel-o do seu intento.

Quando a Bemvinda voltou do collegio, tinha dezeseite annos.

Sabia tocar piano; mas apesar do Muar ter alugado um, não lhe punha as mãos. Sabia francez; mas quando vinham ao convento visitantes estrangeiros, não abria a bocca.

Era calada, concentrada; tinha desdens silenciosos por tudo que a rodeava como se fosse uma

princeza albergada por engano ou encanto, na choupana de um rachador de lenha.

Luziam-lhe nos olhos negros, clarões bruscos e violentos, logo apagados. Dominava todos os impulsos naturaes da sua idade e parecia fria de gelo. Ninguem podia adivinhar se tinha coração.

Era linda, de uma extranha belleza que assustava cada vez mais o padre Fragoso; e sabia que era linda.

Occupava-se muito do vestuario e do penteado: empregava o tempo em bordados caros e inuteis, em pinturas sobre velludo e porcelana, e outras obras futeis e de mau gosto.

Não gostava de coser; todos os trabalhos proveitosos a enfastiavam; tinha a maior aversão a qualquer serviço caseiro. Lia muitos romances.

O Muar exultava. Falava d'ella na villa com admiração, estarrecia-se na contemplação dos seus modos e costumes de *fidalga*. Levava-a ao passeio ouvir a musica do regimento, nos domingos de tarde, trasbordante de orgulho.

A pouco e pouco foi mudando a sua vida, alterando os seus habitos e, no fim de um anno, tudo se achava transformado na casa do guarda.

Um dia, conversando elle com o padre Fragoso que fôra passar a tarde ao convento, o Guilherme exclamou, triumphante, depois de lhe mostrar uns novos embellezamentos no quarto de entráda, pomposamente elevado á cathegoria de sala.

«Eu não lhe dizia? Então, fiz bem ou não fiz bem em mandar educar a pequena? Veja se esta casa parece a mesma!»

«Não parece a mesma, não, meu pobre Guilherme». respondeu o padre com melancholia «Mas ha um anno que procuro as vantagens de taes mudanças e ainda as não encontrei».

Tinham descido a escada e passeavam na alameda de nespereiras; o Guilherme fingiu não ouvir a resposta do padre e apontou-lhe a horta.

«É isto, hein? Que me diz a isto?»

O padre olhou distrahidamente para os canteiros bem cultivados, sachados, regados, onde vicejavam hortaliças turgidas entre guarnições de girasoes e dahlias.

Abanou a cabeça, descontente:

«Ah! Guilherme, Guilherme!... Isto não vae bem!»

O Muar teve um arremesso de mau humor.

«Bólas!» exclamou elle «Tambem, não o entendo! D'antes, aqui d'el-rei porque eu bebia, jogava, andava em pandegas e trazia a casa desmazelada. Agora não bebo, não jogo, não arredo pé d'aqui, trabalho que nem um moiro, faço de hortelão, de jardineiro, e, quando é preciso, de carpinteiro e de caiador, tenho a casa que se pode ver, eduquei a rapariga que nem uma fidalga... e o senhor padre Fragoso sempre tem que rosnar! Fica uma pessoa parva. Preso por ter cão, preso por não ter cão... Bólas! senhor pa-

dre Fragoso, e o diabo me carregue se o entendendo!»

«Entendes, entendes... E, depois de me ouvires, ainda melhor entenderás. Ora torce-me essa soberba e escuta-me com paciencia, porque sou teu amigo e falo-te em nome de Deus».

Sentou-se á sombra n'um banco de cortiça e obrigando o Guilherme a sentar-se ao seu lado, continuou:

«A respeito da educação que deste á Bemvin-da, digo-te hoje o que te disse quando ella foi para o collegio: seguiste um mau caminho. Não me agrada o feitio que ella trouxe de Lisbôa nem vejo que por lá tivesse apprendido coisa que lhe sirva. Com dezoito annos, não se lhe ouve uma gargalhada, não tem uma expansão nem um carinho contigo. Esconde a alma como se tivesse medo de a mostrar; mau signal, Guilherme! Não trabalha, não cose, não cosinha. Se não fosse a Leonor terias tu de cosinhar e andarias com a roupa esfrangalhada. Ella, que devia beijar o chão que tu pisas, vive em tua casa como se fosse a dona e te aturasse por caridade. Mas tu não vês nada d'isto; andas bebido de presumpção por teres feito da pobre rapariga uma menina fina. E no dia em que lhe faltares, a desgraçada, incapaz de trabalhar e cheia de orgulho, não terá meio de ganhar honestamente a sua vida. Asneira foi teres deixado o teu officio por este emprego de ocioso que te subiu á cabeça. Pois olha, eras mais res-

peitavel na tua casita pobre da villa, labutando honradamente no teu officio, do que mettido n'estes quartos com sofá estofado, piano e outras tolices que não são para ti. Que a pequena viesse de Lisbôa com a cabeça recheada de teias de aranha, isso entendo eu e não foi por minha vontade que ella por lá andou a juntal-as. Mas que tu agora, em logar de reconheceres o teu erro e o emendas, te deixes governar por ella e passes a vida estarecido deante de tudo que ella diz e faz, isso é que não entendo nem desculpo.»

O Guilherme ouvia, carrancudo; por varias vezes tentara interromper o padre mas este não o deixara.

«Então...» rosnou elle «Cada um é como é.»

«Má resposta, Guilherme, pessima resposta! Resposta de mau christão. Perante Deus temos a obrigação de caminhar sempre para uma perfeição maior. Quando tu acolheste a creancinha abandonada, tomaste uma grande responsabilidade. Ao principio cuidei que a comprehendias. Mas agora examina bem a tua consciencia: achas que tens cumprido o teu dever? Tens sido para ella um pae? Tens pensado no seu futuro? Dás-lhe exemplos e conselhos salutaes? Mantens a tua autoridade?»

«Cada um faz o que sabe e o que pode;» respondeu o Guilherme «e eu tenho feito mais do que sei e do que posso».

«É o teu mal. Tens servido, não os interesses

da tua filha adoptiva, mas sim os da tua vaedade. Tens sido orgulhoso e egoista. Para teu prazer deste á Bemvinda o gosto da ociosidade e agora continuas a conduzil-a por um caminho errado que pode leval-a á perdição».

«Senhor padre Fragoso! não me faça perder a cabeça, que eu tenho-lhe muito respeito e depois arrependo-me», disse o Guilherme levantando-se de repente, vermelho como um pimentão e todo tremulo.

Mas o padre insistiu:

«Lembra-te do que te digo. Cumpre com o teu dever. Impõe á Bemvinda a tua autoridade de pae. Ainda é tempo!»

E levantando-se por sua vez, dirigiu-se para a igreja sem mais uma palavra.

O Guilherme ficou um momento perplexo. O seu genio arrebatado impellia-o para a revolta contra o fastidioso sermão do padre; o grande respeito e a illimitada confiança que elle lhe merecia, obrigavam-n'o a reflectir.

Principiou a passear na alameda, de mãos atrás das costas, pensativo.

Afinal de contas o padre Fragoso tinha razão; agora quem mandava era a Bemvinda. Em todos os incidentes da vida diaria quem levava sempre a melhor era ella. Tudo se fazia segundo a sua vontade.

Mandava na casa e no convento. As chaves estavam na sua mão e havia já mezes e mezes

que elle não acompanhava os visitantes; para isso estava ella prompta sempre. E para gastar dinheiro tambem. . .

E elle? Elle era hortelão, carpinteiro, caiador, criado da casa; até ia ás compras!

«Irra!»

O Guilherme parou a meio da alameda, tirou o chapéu e abanou-se violentamente com elle.

«Eu, que nunca aguentei nenhuma albarda no lombo!»

De repente encaminhou-se para casa, subiu a escada a quatro e quatro, fremente de colera.

A Bemvinda acabava de compôr na parede da sala uma panoplia de ventarolas onde pregara as photographias das amigas do collegio entremeadando-as com postaes coloridos. Para esse fim, desprendera do seu prego ferrugento um retrato empallidecido pelo tempo: o retrato do velho alveitar, pae do Guilherme.

«Que diabo de historia é esta?» rugiu o Muar.

E como a rapariga voltasse o rosto desdenhoso, o Guilherme, doido de furor, cresceu para ella:

«Quem manda aqui, sua grandessissima atrevida? De quem é esta casa? Cuidas que é tua? Cuidas que me governas? Tanto se me dá que fales francez e toques piano, como do raio que te parta! Sou Muar mas olha que nunca dei cavallaria, ouviste? Olha a fidalga de borra que me veiu parar á porta e que me deve cada trapo que ves-

te e cada bocado de pão que leva á bocca! Quem manda aqui, sou eu! Ouviste? Eu! Eu e mais ninguem! Andas-me a arrotar postas de pescada e não tens onde cahir morta! Deixa que eu endireito-te. Tenho ensinado muita somma de bestas na minha vida. Que' é do retrato do meu pae, seu estafermo? Vae já buscal-o ou racho-te! Estás mouca? Anda para cá que te esgaravato os ouvidos...»

E longamente bravejou, deu murros na meza e patadas no chão, roxo de colera, meio doido de furia, clamando palavrões, espalhando pelo sobrado as photographias do collegio e as ventarolas da panoplia, mesmo depois da Bemvinda, silenciosa e impassivel, ter sahido da sala.

Por fim amainou. Olhou em volta de si espantado. Atirou-se para o sofá, exausto e enxugando o suor da testa.

A rapariga fechara-se no quarto; correrá o ferrolho da porta. A Leonor tinha ido á villa e não se ouvia em casa o menor ruido. Pela janella aberta entrava a chilrada dos pardaes accomodando-se nas nespereiras da horta.

«O que eu queria era ver o padre Fragoso n'estes assados», suspirou o Guilherme coçando a cabeça com desanimo «*Impõe a tua autoridade!*... Foi o que eu fiz agora, com seis centos mil diabos! Macacos me mordam se isto não é impôr a autoridade! Estou a suar em bica. Pois serviu de muito!... Posso limpar a mão á pare-

del! O padre Fragoso cuida que o diabo da rapariga é uma mulher como as mais! . . . »

A Bemvinda durante dois dias ignorou completamente a presença do Muar. Não lhe falava, não o via, não reparava na sua existencia.

No terceiro dia o infeliz trouxe-lhe da villa um broche de oiro; a panoplia das ventarolas e das photographias resplandecêu de novo na parede da sala e o retrato do velho alveitar jazeu na arrecadação.

E a vida na casa do guarda continuou como d'antes.

O Traliró não reconhecera a Bemvinda á sua volta do collegio. Era para elle uma extranha e, como tal, inspirava-lhe terror; mas espreitava-a, escondido, e seguia-a de longe, subjugado por um turvo sentimento de admiração. Vel-a, espiar-lhe cada passo, cada movimento, constituia agora a occupação absorvente da sua vida. A pobre intelligencia conservava-se obscura; era a intelligencia de um animal inoffensivo e assustadiço.

«É um innocente», dizia a Leonor. «Não é capaz de fazer mal a ninguem. E Deus está com elle porque, se não fosse guardado pelos anjos, já tinha morrido, coitadinho, nos perigos em que sempre anda pelas alturas d'essas paredes».

A Leonor moirejava o dia inteiro; cosinhava, cosia, engommava, trazia a casa toda assejada que fazia gosto e mostrava sempre bôa cara. Mas chorava muitas lagrimas escondidas com sauda-

des da pequenita abandonada a quem dera o seu leite com tanto amor e que se transformara n'aquella menina fina que agora mal lhe dirigia a palavra e a obrigava a tratá-la por *Senhora D. Bemvinda*.

Um domingo de Setembro no fim da toirada, os amigos do Muar convidaram-n'o para uma ceia em honra do cavalleiro amador que n'aquella tarde se estreara com estrondoso successo.

O Guilherme aceitou.

A ceia decorreu animadissima e, como antigamente, o Muar fez as delicias da alegre sociedade.

No auge da festa, quando já todos os convivas haviam perdido a tramontana, alguém dirigindo-se ao Muar, accusou-o de abandonar cobardemente os seus companheiros de outros tempos e de viver embrulhado e preso nas saias de uma mulher que fazia d'elle gato sapato.

Antes do Guilherme, apanhado de surpresa e com o cerebro turvo pelo vinho, ganhar alento para responder, levantou-se uma gargalhada geral e uma tremenda assoada.

Lapidavam-n'o. Cahia-lhe em cima um chuveiro de dichotes e o nome da Bemvinda rolava n'um lamaçal de alusões equivocadas.

Uma voz gritou:

«Se elle é muar, não admira que anda albardado!»

O Guilherme ergueu-se, pegou nas costas da cadeira e levantou-a acima da cabeça; ainda o outro não acabara de falar quando a cadeira atirada com furia sobre a meza fez voar as loiças em estilhaços espalhou as eguarias, entornou os vinhos.

E cobrindo o estrondo d'esta derrocada e as exclamações e protestos dos convivas, o vozeirão do Muar atroou os ares.

«Sou Muar!» berrou elle fóra de si «Já meu pae o era e tenho muita honra n'isso. Mas nunca elle nem eu aguentámos no lombo o peso de uma albarda. Quem disser o contrario venha para cá se quer ver a marmellada em que lhe fica o focinho! Nunca aguentámos uma albarda e não é agora que hei-de aguentar-a nem são vocês nem trinta mil como vocês que m'a hão-de pôr! Sou manso quando me tratam bem; mas quem se chegar para mim com tenções de offensa ou mangação, grama um par de coices que morre de fome no ar! Sou Muar e sou bruto? Melhor. Meu proveito! Mas nunca ninguem me engatou que eu não quebrasse os varaes nem me poz gamarra que eu não rebentasse com seiscentos mil diabos! Não sou da raça de alguns que aqui estão e que andam de pescoço enfiado na coelheira e de barriga ferida pela cilha, só com sentido na ração que lhes botam na mangedoura. Chucha, que é canna doce! Quem as não quizer ouvir não se metta commigo. Cuidavam que o Muar andava desferrado? Enganaram-se. Tenho ferraduras e

bôas! Ferem lume que cheira a esturro. Vão todos para o diabo que os carregue! Não preciso cá d'estas suas palhadas, que tenho bom grão em casa; nem por amor d'ellas aguento que me avertem a barbela!»

Terminado este discurço estentoreo e expressivo, o Muar, apoplectico de indignação, foi a um canto da sala buscar o chapéu.

«Está bebedo», disse o cavalleiro dos toiros, o heroe da festa, que se equilibrava na cadeira com difficuldade.

O Guilherme ouviu, approximou-se d'elle, pegou-lhe por um braço, ferrou-lhe dois bofetões que o deixaram quasi sem sentidos e com o nariz a escorrer sangue e atirou-o para o chão como a um trapo.

Encaixou o chapéu pela cabeça abaixo, voltou-se para os outros:

«Mais alguém quer comedoria? É só pedir por bocca».

Mas ninguém respondeu. Alguns acudiam ao cavalleiro, outros pasmavam para o Muar, embrutecidos, ou uivavam clamores sem nexo.

Então o Guilherme abriu a porta, fechou-a sobre si com estrondo, desceu a escada e sahiu para a rua.

Estava uma noite calma, tepida, inundada de luar. O relógio da torre de S. João bateu duas horas.

«Já é preciso ser besta para, com a idade que

tenho, me metter em fôfas!» considerou o Guilherme «Ah! bôa môca precisava eu no toutiço para me ensinar a não ser parvo! Rapazeadas são rapazeadas e cada coisa se quer no seu tempo».

Emquanto subia devagar a calçada do convento, ia repisando o que os amigos tinham dito a respeito das suas suppostas relações com a Bemvinda.

Queria fazer pouco de taes falas; a rapazeada estava bebedea e não sabia o que dizia. O que elle não aguentava era que lhe puzessem a pata em cima e o tratassem de resto; por isso lhes dera uma ensaboadella mestra. Quanto ao mais... não lhe doía a consciencia nem tinha maus pensamentos e pouco se ralava com os ditos de quem tinha a cabeça perdida com o vinho.

Mas por mais que tentasse afastal-as da idea, aquellas accusações dos amigos azoinavam-n'o; eram como um enxame de moscas a zumbir-lhe aos ouvidos, a atormental-o.

No meio da calçada parou afim de accender um cigarro.

«Ah! Su Muar, su Muar! Você não me anda direito. Você não é nenhum velho e ella é já uma mulher... Isto tem de levar volta!»

A Bemvinda havia de pensar em casamento, que taes ideas andam sempre na cabeça das raparigas.

Mas com quem?

Se algum homem olhava para ella, não podia

ser com bom sentido: pobres não iam querer mulher pobre habituada a viver como rica; ricos olhavam mais para cima e não iam casar com a engeitada recolhida pelo Muar. Quanto a valdevinos... não criara elle a rapariga com tanta despeza e presumpção, para a entregar assim a um qualquer que a fizesse desgraçada.

Por mais que procurasse na sua memoria, não encontrava noivo que servisse á Bemvinda. Em todos descobria inconvenientes, defeitos.

«São uns burros». concluia elle «Perolas não se deitam a porcos».

E voltavam-lhe á cabeça, ainda um pouco tonta da ceia, os ditos dos amigos.

Se aquellas patifarias se espalhassem na villa, ficava a Bemvinda com a fama perdida.

Lembrava-se do sermão que lhe fizera o padre Fragoso e enroscava-se-lhe no coração uma especie de remorso.

Se tivesse educado a rapariga modestamente como o padre queria, se não andasse a exhibir a sua belleza e as suas fatiotas á moda no passeio da villa nem que ella fosse alguém vinda d'algueres, quem se atreveria a levantar semelhante calunnia?

Com estes pensamentos chegara defronte da torre de vigia e ia entrar no arco da poterna quando, ouviu o aulido de um cão uivando alli tão perto e tão inesperadamente, que parou com um calafrio de supersticioso terror.

«Um cão a uivar na torre!» murmurou elle.

Os uivos pareciam vir de cima.

Levantando os olhos, viu uma sombra que se esgueirava entre as ameias.

«Raio de Traliró! Sahe d'ahi, diabo, e cala a bocca!»

O idiota assustou-se, desatou a correr pela crista do muro e, attingindo um ponto mais baixo, saltou.

Agarrou-se ás pernas do Guilherme:

«Não mata o Traliró! O Traliró não faz mal!»

O Muar passou-lhe a mão na cabeça:

«Pobre diabo! Se ninguem te matar senão eu, estás livre da morte».

E acrescentou:

«Vae com Deus, anda. Deixa-me passar».

Mas aquelle grito do idiota implorando que o não matasse, cravara-se-lhe no coração como uma facada, fazia-o tremer com medo não sabia de quê.

«O vinho que aquelles palermas me deram lá na ceia tinha coisa má», pensou elle. «Ando com scismas que nem uma mulher, raios me partam!»

Atravessou o arco da poterna, entrou na alameda de nespereiras.

Viu luz no quarto da Bemvinda.

«Ahi está, grande besta!» disse elle apostrophando-se com vehemencia. «Emquanto andaste na pandega, estava ella para alli sósinha á tua

espera até estas horas. Ah! bom cacete que merecias n'esse lombo!»

Entrou em casa cabisbaixo, preparando as explicações que daria á rapariga, da sua noitada. Mas apenas entrou, a luz no quarto d'ella desapareceu.

A casa estava mergulhada em silencio como se não houvesse pessoa alguma accordada.

«Não quer que eu saiba que esperou por mim», pensou o Muar.

Metteu-se no quarto, atirou-se para cima da cama.

Não pôde dormir. Tinha um fervor no sangue, uma confusão na cabeça.

Já se vê que a Bemvinda havia de casar; nem elle a queria para freira. Mas apenas casasse, sahia-lhe de casa e ficava elle só como um cão.

«O primeiro que se faça fino com ella... dou-lhe cabo do canastro!» resolveu o Muar, agitando-se na cama.

Depois arrependeu-se d'este máu pensamento.

Levantou-se, abriu a janella, sentou-se no poial.

O luar illuminava lá fóra os canteiros symetricos da horta.

«E porque não casas tu com ella, grandessissimo bruto?» perguntou elle de repente a si mesmo.

Aquella idea moeu o Guilherme durante uns poucos de dias.

Ora lhe parecia boa, ora lhe parecia má.

Olhava para a Bemvinda, a medo, como se ella pudesse adivinhar-lhe na cara, o que elle trazia tão escondido na alma. Fugia-lhe a sete pés.

Sentia-se muito infeliz. Até perdeu a vontade de comer.

Por fim não poudo aguentar mais aquillo. Foi ter com o padre Fragoso e contou-lhe tudo: a ceia, os ditos dos amigos e a idea que se lhe metterna na cabeça á volta para casa.

Bem sabia que era mais velho do que ella trinta annos, mas não trocava a sua saude e a sua força pela de nenhum rapaz. Quanto a estimação, ninguem lh'a daria maior.

Rico não era, mas sempre tinha algumas economias e se morresse antes d'ella como era natural, não a deixaria na miseria.

E o Guilherme baixava a cabeça, humilhava-se:

«Já que não fui capaz de lhe dar educação que lhe sirva para ganhar a vida», dizia elle «assim ao menos livro-a da miseria e de outros perigos. O senhor padre Fragoso diga lá o que lhe parece».

O padre Fragoso scismou, scismou, coçando longamente o queixo com os dedos ossudos, passeando no quarto de um lado para o outro com umas pernadas enormes.

E acabou por aprovar a idea do Guilherme.

Não era aquillo que elle sonhara. Gostaria de ver a Bemvinda casada com um rapaz da sua

idade, modesto, trabalhador, rodeada de filhos que fosse criando sem ambições para que ficassem na sua esphera contentando-se com a força dos seus braços e com a alegria do dever cumprido.

«Gente do povo, bôa gente do povo, simples, forte e honrada» continuava o padre «como foram o teu pae e a tua mãe, como tu eras antes de perderes o juizo. Gente do povo, que, se bem sabe sel-o, vale mais do que todos os burguezes e todos os fidalgos juntos. Mas, agora adeus! Com a molestia da ambição, fizeste da rapariga um peixe fóra d'agua. Sim... no ponto em que estão as coisas, casa com ella; é o melhor. Assim ella te queira».

A Bemvinda, consultada pelo padre sobre este grave assumpto, enquanto o pobre Muar tremia de angustia fechado no seu quarto, disse que sim, sem enthusiasmo e sem repugnancia.

Enigmatica, trazendo os pensamentos escondidos e incapaz de os deixar transparecer, a proposta do Guilherme não pareceu surprehendel-a, não pareceu dar-lhe prazer nem desgosto; a verdade porém era que a esperava, que a desejava havia muito. Fria e lucida, comprehendia que a sua situação era falsa e instavel.

O Guilherme não fizera testamento nem em tal pensava; por sua morte, uma sobrinha que vivia em Lisbôa viria buscar a sua magra herança; e a engeitada ficaria na miseria.

A Bemvinda guardara na memoria com um sentimento de vexame e de rancôr, as palavras do Muar no dia em que arrancara da parede a panoplia das ventarolas. Queria possuir casa e bens seus e que mais ninguem a pudesse arguir de não ter onde cahir morta e de comer o pão alheio.

O Guilherme era o marido que lhe convinha; tinha bem a certeza que faria d'elle o que entendesse e que levaria a vida a seu gosto. Por sua morte saberia aproveitar-lhe as economias e conservar a guarda do convento.

A proposta do Muar deu-lhe portanto grande satisfação; mas não o mostrou. O pobre noivo, de imaginação exuberante e de irreductivel bôa fé, convenceu-se de que ella o acceitava com reconhecimento e affeição e que só por modestia e recato escondia a alegria da sua alma. Fez a tentativa medrosa de uma caricia mas viu-se repellido. Não insistiu.

«Envergonha-se», pensou elle.

E d'ahi por deante a vida entre ambos foi correndo como se alteração alguma tivesse vindo transformal-a.

Pouco depois de justo o casamento, a Bemvinda declarou que precisava ir a Lisbôa fazer umas compras para o enxoval; e o Muar obteve licença para se ausentar do convento durante alguns dias, afim de poder acompanhal-a.

---

Inverno.

Depois de um dia de chuva torrencial, o ceu varrera-se de nuvens, coalhara-se de estrellas.

Eram quatro horas da madrugada e fazia um frio de rachar.

O comboio de Lisbôa, atrazadissimo, acabava de entrar na estação.

De um compartimento de primeira classe apeou um homem dos seus trinta annos, embuçado n'um macferlane de bôa fazenda ingleza, levando nas mãos um *plaid* enrolado em correias e uma solida e elegante maleta que logo entregou a um carregador.

Atravessando a sala de espera, o homem parou á porta da estação e perguntou para o escuro da noite:

«Está aqui algum carro para Miguel Domingues?»

Não estava carro algum a não ser a diligencia.

O cocheiro dormia dentro d'este desconjuntado vehiculô e o conductor sahiu de uma taberna sinistra e approximou-se embrulhado n'um cobertor e com o carapuço encaixado pela cabeça abaixo.

«Está aqui a delegença pr'á villa», disse elle com uma voz rouca. «E graças! Qu'a gente nã tem obrigaçãõ de esperar pr'o camboio inté ó dia de juizo».

«Mas eu encommendei um *coupé!*» exclamou o Miguel irritado «Um *coupé!* Encommendei um *coupé!*»

O conductor que fazia estalar as chancas nas pedras da calçada e chapinhava na lama dando volta á diligencia para accender as lanternas, encolheu os hombros:

«Nã sê cá d'isso!»

Ao lado do viajante, o carregador que tomara conta da maleta, aconselhou:

«Ê cá, se fosse a vomecê, ia na delegença. Olhe que s'a dêxa abalar, nã acolhe cá outro carro e tem de ficar pr'áhi».

«Então aqui encommenda-se uma carruagem e ninguem faz caso? Bem se vê que estamos em terra de selvagens!» disse o Miguel.

Mas conformou-se; não tinha outro remedio.

Junto da portinhola encontravam-se já os passageiros que se dispunham a subir.

O Miguel viu á luz da lanterna que o conductor segurava, um homem grisalho, obeso, athletico, de mazantini e amplo capote alemtejano; viu tambem uma mulher nova, de chapéu, que o examinava com os olhos muito pretos e lustrosos.

Não havia mais passageiros.

Taciturno mas resignado, o Miguel pagou ao carregador que lhe collocou a maleta aos pés do cocheiro. Depois subiu para a diligencia, atraz dos seus companheiros de acaso.

O conductor encaixou o espigão da lanterna no braço de ferro ao fundo do carro e, fechando com estrondo a portinhola recalitrante, deu volta e trepou para a boleia.

Um «Vá...» expressivo do cocheiro, um estalo do chicote e a diligencia, com um violento sacão, poz-se em marcha.

A estrada estava em pessimo estado. As rodas corriam pelo macadam esbarrondado, imprimindo ao carro duros solavancos que as molas rijissimas não atenuavam.

«Terra de selvagens!» resmungou novamente o Miguel desenrolando o *plaid* que estendeu sobre os joelhos.

O homem athletico ia sentado no banco fronteiro, enchouraçado no capote; a rapariga, defronte d'elle. A lanterna que ficava entre ambos e só illuminava para a frente, deixava-os na sombra; em compensação, a sua luz aggressiva encandeava os olhos do Miguel.

Tirando um cachimbo do bolso, o Miguel atafulhou-o de tabaco e, enquanto o carregava com o polegar, voltou-se para a sua visinha e perguntou-lhe se o fumo a incommodava.

Respondeu-lhe do escuro uma voz de contralto, avelludada e quente:

«Ora essa! Esteja á sua vontade».

Cumprimentou o recanto de sombra e accendeu o cachimbo.

O frio parecia augmentar á medida que o car-

ro avançava pela charneca. As cortinas de riscado, molhadas, abanavam com estalidos de bandeiras desfraldadas, mal seguras pelas prisões de cabedal já lassas; o ar gelado entrava por toda a parte.

«Faz um frio!» disse a voz de contralto.

«Só me lembro de um tempo tão aspero ha vinte annos, quando gelou a agua lá na cisterna», respondeu do canto fronteiro, uma voz de baixo profundo.

E acrescentou:

«Um tempo de estostrar bestas, irra!»

Terminou esta exclamação com um espantoso grunhido de desconforto.

Durante meia hora ninguem falou.

O ruido era ensurdecedor; os raios das rodas, abalados, chocalhavam, as madeiras gemiam, desconjuntadas, as ferragens rangiam, trincolejavam e as guizalheiras dos tres cavallos escanzelados iam tlintando n'uma cadencia de fadiga.

Bruscamente os animaes mudaram de andamento, metteram a passo, sem transição; era uma encosta.

O cocheiro e o conductor apearam, foram andando ao lado do carro para desenferrujar as pernas.

Levantando a cortina, o athleta falou para fóra:

«O que estava agora a calhar era um caléce de rebenta-bois, hein, rapazes?»

Os outros responderam qualquer coisa lá no escuro e riram.

No cimo da encosta, os cavallos pararam para resfolegar.

O Miguel pediu a maleta que ia ao pé do cocheiro e, apenas o conductor lh'a deu, abriu-a e tirou um frasco de rhum que passou ao seu companheiro de viagem.

«É do fino!» exclamou este dando um estalo com a lingua depois de o levar á bocca.

«Dar de beber a quem tem sede, é uma obra de misericordia», observou na sombra a voz de contralto.

O Miguel aproveitou o ensejo para offerecer metade do *plaid* á vizinha que acceitou. Chegara-se mais para ella afim de dar logar á maleta sobre o banco.

«Assim vae mais agasalhada», disse o Miguel.

O cocheiro e conductor tornaram a subir para a boleia; os cavallos largaram no seu trote cançado e os solavancos e a traquinada recomeçaram.

«Não se póde viajar em Portugal», declarou o Miguel com ares importantes, encostando a perna á da vizinha.

«Fóra de Portugal nunca fui senão a uma toirada em Badajoz,» respondeu ella.

O Miguel extasiou-se:

«A. Hespanha! *Per Baccho*, que architecturas!»

E começou a falar da Alhambra e da cãthedral de Toledo.

Dizia a cada instante: «Per Baccho!» tinha um sorriso doce e gestos e intonações theatraes. O clarão da lanterna illuminava-lhe a cara rapada; a maxilla inferior era saliente e larga, a bocca de labios delgados, o nariz aquillino. Uma comprida melena escapava-se-lhe por debaixo do chapéu molle e cahia-lhe para a testa.

Do cachimbo, entalado entre os dentes, subia um fumo azulado e, gesticulando, a mão direita passava pelos raios de luz que accendiam scintillações nas pedrarias dos aneis.

Em volta d'elle espalhava-se o cheiro adocicado do tabaco inglez de mistura com um forte perfume a Coiro da Russia.

E não se calava.

Estivéra muitos annos lá fóra, em Paris, em Roma...

Ah! Roma, Roma!...

Porém, fosse porque o ruido do carro não permitisse que as palavras só por si bastassem para expressar o seu enthusiasmo pela cidade eterna, fosse porque os solavancos tornassem indispensavel uma segurança contra o desequilibrio eminente, caso é que o Miguel achou necessario agarrar por debaixo do *plaid* a mão da sua companheira que, acceitando sem protesto esta resolução, pareceu aproval-a.

«Conheço uma senhora que esteve em Africa...» disse ella.

«A sua mão está gelada.» bichanou o Miguel  
«Chegue-se mais para mim.»

A rapariga obedeceu e continuou com a mesma intonação tranquilla.

«A tal senhora minha conhecida que estive em Africa, disse-me que lá faz sempre calor, mesmo no inverno.»

Queria provar que nem só o Miguel estava ao corrente das coisas extraordinarias que se passam em paizes longinquos.

O Miguel não respondeu; tentava prescrutar a sombra para o lado do athleta. Viu-o cabecear; mas affirmando-se melhor, pareceu-lhe que o homenzarrão tinha os olhos abertos. Mais que abertos; escancarados, esgazeados, sahidos para fóra das orbitas.

«E' uma allucinação.» disse o Miguel consigo. «Não pode ser.»

Quiz pensar n'outra coisa, olhar para outro lado. Mas quando, minutos depois, tornou a fitar o vulto enorme, de novo encontrou, cravados nos seus, aquelles olhos redondos, horriveis, immoveis como os de um cadaver.

Subiu-lhe pela espinha um calafrio. Largou os dedos da rapariga; passou as duas mãos pela cara.

Por fim perguntou:

«O seu pae está a dormir?»

Esperava que uma resposta affirmativa o libertasse da medonha visão.

Mas a sua companheira disse apenas:

« Não é meu pae. »

« Ah! »

« Não tenho pae nem mãe. »

« Eu tambem já perdi os meus. »

Este curto dialogo dissipara-lhe o terror.

Aquella phobia era decerto o resultado da noite perdida, do canção da viagem, talvez de ter fumado demais.

Porém insistiu:

« Repare. . . Não acha que elle está a dormir? »

« Não posso ver bem por causa da lanterna. »

O Miguel agora via-o cabecear. Não havia duvida alguma: o homenzarrão dormia.

Mas disse ainda:

« Espreite aqui, por este lado. »

Como a lanterna encaixada no braço de ferro, se encontrava justamente entre o homem e a rapariga, esta, para o ver, teve de se inclinar para o lado do Miguel.

A rapariga affirmava-se; com os olhos encadeados pelo clarão da lanterna, via apenas um grande vulto informe na penumbra.

Sentiu de repente na nuca a bocca ardente do Miguel que a beijava.

Endireitou-se devagar e, sem alteração na voz, disse:

« Está dormindo. »

E sem dar attenção ás palavras apaixonadas que se atropelavam nos labios do seu compa-

nheiro, com a calma indiferença de quem nem as ouvia séquer, acrescentou:

«Que horas serão? Parece-me que vem rompendo a madrugada.»

O Miguel, confundido, atordoado, estendeu o braço, levantou a cortina á entrada do carro.

O nascente ia-se tingido de verde pallido. A noite esbatia-se; as sombras negras tornavam-se cinzentas. Alongava-se uma perspectiva monotona de olivae. No afastamento, sobre uma collina, um massiço de pinheiros empastava-se, ainda vago, esfumado, sem recortes.

«São quasi seis horas», disse o Miguel consultando o relógio á luz da lanterna.

Estava perplexo. Não entendia aquella mulher; achava-a differente de todas as outras que tinha encontrado no seu caminho.

Segredou-lhe:

«Perdõe-me. Não tive culpa; foi uma vertigem. Está zangada commigo?»

«Zangada?» perguntou ella como se não entendesse. «Zangada porquê?»

«Como se chama?»

«Bemvinda.»

«E' um nome encantador», murmurou elle muito melifluo. «Devia tel-o adivinhado.»

Fitou-a com amorosa eloquencia e perguntou:

«Não me quer dizer o resto do seu nome?»

«O meu nome é só Bemvinda.»

«Só?»

«Só.»

O Miguel achou-lhe a voz mudada; mais dura. A sua mão largou a d'elle sob o *plaid*.

«E se nós apagássemos a lanterna?» sugeriu o Miguel que percebia quanto as acções n'esta conjunctura eram mais proveitosas que as palavras.

Mas ella respondeu:

«Podemos apagal-a se correremos a cortina. Já entra alguma claridade de fóra.»

«E se apagássemos a lanterna e não corressemos a cortina?» insistiu o Miguel em tom supplicante e apertando-lhe a mão.

«Não gosto de estar ás escuras.»

O Miguel afastou as cortinas da entrada e ficou-as nos ferros com as prisões de cabedal.

«Para que diabo abriram isso?» grunhiu o athleta lá do seu canto «Está a cahir geada capaz de matar um homem.»

«E' para se apagar a lanterna», explicou a rapariga. «O cheiro das tintas aquecidas enjôame.»

«Não fazes senão sonhar com enjões. Má peste é aturar mulheres! Gado ruim...»

Voltou para cima a gola de pelles, encafuou as mãos nos bolsos, resfolegou ruidosamente.

«Veja se dorme», aconselhou ella com serenidade. «Ainda temós, pelo menos, mais uma hora de caminho.»

Durante algum tempo ninguem falou.

O verde pallido no ceu ia subindo, subindo... e na linha do horizonte surgia uma faixa côr de rosa esbatido.

O cinzento sobre a terra tornava-se mais claro.

Um charco na beira da estrada luziu como uma chapa de aço polido.

Agora, apesar da lanterna apagada, via-se bem o homenzarrão cabecear com a bocca aberta e os olhos fechados.

«Dorme a valer», disse o Miguel.

E, passando o braço pela cintura da rapariga, apertou contra si o corpo flexível que se abandonava sem resistencia a esta caricia.

A diligencia cruzou-se com um rancho d'azeitona. Homens, mulheres... eram muitos, oitenta, cem talvez. Iam uns atraz dos outros carregados com as trouxas de roupa, cestos e alforges, cansados, taciturnos; as mulheres com as saias pela cabeça, os homens embrulhados nas mantas de lã, rígidas como se fossem de papelão. Todos arrasavam na lama os pés descalços ou os sapatões cardados, e pasmavam para a diligencia com uma expressão alvar de bestas de carga estafadas.

«Parece um rebanho,» disse a Bemvinda afastando-se do seu companheiro.

«São animaes», respondeu duramente o Miguel que via interrompido por aquelles pobres olhares o seu trabalho de seducção.

E quando elles já ficavam longe, implorou baixinho:

«Olhe para mim...»

Mas ella não olhou.

O côr de rosa esbatido lá no ceu, ia subindo, subindo... e na linha do horizonte surgia uma faixa rubra como se fosse de ferro em braza.

As perspectivas alongavam-se; as arvores iam mostrando a filigrana das ramagens recortando-se na limpidez do ceu onde as ultimas estrellas se tinham apagado.

Um tenue veu de geada cobria o campo que principiava a verdejar.

O athleta accordou.

«Viagens d'estas, poucas.» resmungou elle.  
«Tenho os pés que não os sinto.»

«Se o senhor chama a isto frio,» respondeu o Miguel «o que diria se tivesse de fazer jornadas sobre a neve!»

«Cada um nasce para o que nasce,» tornou o outro com mau humor. «Os que andam na neve teem o coiro mais grosso.»

«Não é isso. Lá fóra ha aquecimento nos comboios, coloriferos nas carruagens bem fechadas; n'estas condições tenho feito viagens com a terra coberta de neve e sinto menos frio que n'este paiz de selvagens onde ninguem sabe o que é conforto.»

«Alto lá! Já não é a primeira vez que o *sior* vem com essas cantigas. Olhe que deante de mim ninguem diz mal d'esta terra, ouviu?»

O Miguel encolheu os hombros.

« Isto é modo de falar », disse elle. « Nem o senhor tem mais amor a Portugal do que eu. »

E explicou que viajara muito e estivera annos lá fóra; ao comparar o que vira no estrangeiro com o que presencava em Portugal, não podia deixar de lamentar o atrazo em que vivemos.

E a pouco e pouco ia contando a sua vida n'essas terras de que falava com tanta admiração.

Aquillo é que eram terras civilizadas, *per Baccho!* Gente fina, gente instruida, nem sombra de miseria, bons governos, o povo sempre contente e farto. E que palacios, que escolas, que museus, que theatros, que egrejas!

« Foi Sua Magestade a rainha que me mandou estudar para o estrangeiro. . . »

Pavoneava-se; tirava fumaças do cachimbo, falava de amigos, condes e marquezes, deliciava-se com o som da propria voz n'uma embriaguez de vaidade facil.

Disfarçadamente, a Bemvinda observava-o. No alvorecer cada vez mais luminoso, o Miguel, o *senhor fino*, tão bem vestido, tão cheiroso, que falava com tanta sabedoria e era tão delicado, apparecia-lhe aureolado pelo prestigio d'aquellas grandezas evocadas. Quem seria elle? Era com certeza fidalgo e rico.

E a Bemvinda pensava:

« Será solteiro? »

A imaginação ambiciosa da engeitada trabalhava, trabalhava. . .

«Estou aqui a tagarelar», disse de repente o Miguel interrompendo a narração de uma aventura de caça na sumptuosa propriedade de um príncipe italiano «e nem sei com quem tenho o gosto de conversar. Não serei indiscreto perguntando o seu nome?»

O homem que o escutava com admiração, respondeu:

«Guilherme Trancoso, um seu criado. Mas sou mais conhecido pela alcunha de Muar.»

E elucidou:

«Sou Muar porque já assim chamavam ao meu pae que era o melhor alveitar da villa e então para *polmoeiras* nenhum veterinario lhe chegava aos calcanhares. Hoje sou empregado do governo, mas não cuide que por me ver n'estas alturas, me envergonho da alcunha. Nunca ninguém se riu d'ella que se não arrependesse; pergunte-o na villa a quem quizer. E porque havia de me envergonhar? As bestas são melhores que os homens.»

Estendeu uma perna para tirar do bolso das calças a onça e as mortalhas e, encontrando os pés da rapariga, deitou-lhe um olhar terno e exclamou sorrindo:

«Arreda d'ahi as patas de burro, anda!»

«Forte besta!» pensou o Miguel.

Emquanto enrolava o cigarro, o Muar quiz saber o nome do Miguel que lh'o disse com ênfase:

« Miguel Domingues. »

Porém, ao contrario do que elle parecia esperar, esta revelação deixou o auditorio frio.

« E, ainda que eu mal pergunte », disse o Guilherme « qual é o seu officio? »

O Miguel respondeu, depois de uma pequena hesitação:

« Sou... architecto. »

« Que diabo vem a ser isso? »

« A architectura é a arte de construir edificios », respondeu o Miguel com importancia.

« Já entendo; » declarou o Muar « o senhor é o que a gente chama cá na terra, mestre d'obras. »

« Archi-besta! » pensou o outro.

E quiz demonstrar a differença.

Mas perdeu o seu tempo. O Guilherme ficou na sua e desinteressou-se do assumpto. A Bem-vinda deixara cahir o *plaid* dos joelhos, afastara-se do visinho e olhava para fóra com uma expressão vaga.

Barafustando com a mão n'um saquitel que tinha ao seu lado, o Muar dirigiu-se á rapariga com aquella ternura d'elephante de que já dera uma prova:

« O que tenho eu aqui? Vá lá ver se tens farol! »

« Para mim? » perguntou ella com desdem, levantando muito as sobrancelhas.

« Pois! Para te quebrar a dentuça! »

Apresentou um cartucho de papel que abriu.

Eram castanhas piladas. Offereceu-as á Bemvinda e ao Miguel.

Este olhava para a rapariga. Via-a roer as castanhas com os dentes alvissimos entre os beiços carnudos e sanguineos. Reparava-lhe no nariz espesso, na pelle avelludada, de um mate sombrio, no cabello de azeviche, muito crespo, nos olhos negros e luzidios.

«Deve ter sangue de preto;» considerou'elle «mas é linda como o diabo!»

«Lá está a villa!» exclamou de subito o Muar «Arre! que já não é sem tempo!»

O sol vinha a nascer.

Lá em baixo na varzea, avistava-se a villa a alvejar entre os hortados e os campos de sementeira. O sol já doirava as torres das egrejas e o alto dos choupos. O rio a serpentear pelos campos fóra, parecia de madreperola.

Sobre um monte, solitario, dominando o casario, erguia-se o vulto magestoso do convento recortando no ceu a torre de menagem, as muralhas ameiadas, a alta e massiça construcção da igreja dos Templarios e os pinaculos arrendados do edificio manoelino.

«E' o convento», declarou o Muar espetando o dedo gordo e sujo na direcção da grande fabrica cinzenta.

O Miguel debruçava-se, olhava com attenção, interessadissimo.

Depois voltou-se para o Guilherme.

«E' alli que vou passar umas poucas de semanas», disse elle.

«Alli?!» perguntou o Muar pasmado.

A Bemvinda fizera um brusco movimento de surpresa, mas dominara-se logo.

«Nem mais nem menos», respondeu o Miguel.

«Mas alli ninguem pode morar senão os militares do regimento que está aquartelado n'uma parte do edificio.»

E concluiu emphaticamente:

«E' um monumento nacional.»

«Pois eu vou morar para lá por ordem do governo.»

«Mas onde?»

«Na casa do guarda.»

«A casa do guarda não é hospedaria», disse a Bemvinda com uma estranha intonação.

O Miguel sorriu; tirou da carteira um sobrescripto grande.

«Trago aqui a ordem official que me dá um quarto na casa do guarda.»

«Deixe ver!» gritou o Muar.

Mas o Miguel, receando que as mãos do seu companheiro sujassem o papel, tornou a mettello na carteira.

«Para quê? E' uma ordem como outra qualquer.»

«Para quê? Para quê?...» gaguejou o Muar, profundamente emocionado. «Essa agora! Esse

papel é para mim. Eu é que sou o guarda do convento!»

D'esta vez foi o Miguel que ficou assombrado.

Tornou a pegar no sobrescripto e reparou no endereço pela primeira vez.

«Guilherme Trancoso...» murmurou elle. «Nem sequer tinha lido o nome. Que extraordinaria coincidência!»

Olhou de esguelha para a vizinha; mas a rapariga, impassivel, fitava o casario da villa.

«Tenho muita pena;» continuou elle constrangido pelo silencio da Bemvinda e pela manifesta contrariedade do Muar. «Não é por minha culpa que venho incommodal-os.»

«Mas que diabo vae o senhor fazer para o convento?» perguntou o Guilherme.

«Fui encarregado pelo governo de dirigir certas restaurações e reparações necessarias.»

E logo acrescentou que se tratava de obras delicadas e que o director e o ministro, seus amigos, reconhecendo que só elle seria capaz de se desempenhar como convinha, de tal encargo, lhe tinham pedido muito aquelle sacrificio do seu tempo e das suas commodidades.

«Já entendo, já entendo...» repetia o Muar com uma consideração crescente.

Lembrava-se agora de uma visita feita ao convento havia dois mezes pelo inspector e mais dois sujeitos do ministerio. Ouvira-os falar de re-

parações mas como o tempo decorresse e as coisas ficassem na mesma, cuidara que aquillo tinha sido apenas palavrório, fogo de vistas, como de costume.

«O senhor é que tem de desculpar o alojamento;» disse elle com certa humildade, depois de uns instantes de reflexão «é casa de pobres.»

E pensava:

«O figurão é empregado do governo e lida com os de cima. Juizo na bóla, su Muar!»

Voltou-se para a Bemvinda, recommendou:

«Has-de mandar arranjar o meu quarto o melhor que puderes, aqui para o senhor Domingos.»

«Domingues, Domingues...» acudiu o outro.

«Queira desculpar; quem nasce bruto, bruto fica.»

E dirigindo-se á Bemvinda, emendou:

«... para o senhor Domingues.»

A rapariga encolheu os hombros e sorriu imperceptivelmente. Que desastrado, que grosseiro, que ridiculo lhe parecia o Muar ao lado d'aquelle homem distincto e superior!

A diligencia acabava de entrar na villa. Seguia por uma rua larga, bordada de amoreiras, entre casas caiadas, algumas antigas com balcões de ferro batido e grandes correntezas de sacadas sob os beiraes musgosos e salientes dos telhados.

Havia janellas enfeitadas com trepadeiras; um

jardim alto com balustrada de pedra carcomida e um ar abandonado e romantico, deixava pender para a rua as madeixas esgrouviadas de uma clematite.

Ruasinhas estreitas e tortuosas vinham desembocar n'esta estrada, deixando entrever estendaes de farrapos multicores suspensos das pequenas janellas deseguaes. Passavam mulheres para a fonte segurando os cantaros com gestos de estatuetas gregas. A caminho do mercado iam chegando burricos ajoujados sob os ceirões replectos de hortaliças.

Á claridade limpida e fria do sol de inverno, a sombra era azulada e todas as côres lavadas como n'uma aguarella.

«É delicioso!» exclamou o Miguel completamente esquecido da Bemvinda e debruçando-se para ver melhor.

«Este diabo é maluco», pensava o Muar desconfiado. «Maluco ou mentiroso. Diz que tem visto tantas grandezas e pasma para isto!...»

Deram ao Miguel Domingues o quarto do Guilherme por ser o unico aposento d'aquelle lado da casa e ficar assim mais independente, separado dos outros pela sala onde o Guilherme passou a dormir n'um colchão que todas as noites se estendia no sobrado e de manhã a Leonor enrolava e levava para o cubiculo de arrumações.

A presença de um extranho n'uma habitação tão resumida como a do guarda, era incommoda. A pobre Leonor não tinha mãos a medir porque a Bemvinda queria dar ao hospede a impressão de que ella, dona de casa, era pessoa fina e com habitos de conforto. Agua quente de manhãzinha, bandeja com o café ao quarto, flores na meza, comida variada e cara, toalhas e guardanapos lavados quasi todos os dias e cuidados infinitos com a sua roupa, fato e calçado.

Fóra d'isso, a Bemvinda pouco se occupava com o hospede e, mesmo durante as refeições, mal lhe dirigia a palavra.

Falando a sós com o Muar, mostrava-se agastada com a estada do architecto na casa; e logo de principio lhe declarou que não casaria emquanto aquelle homem se demorasse por lá; nem queria sequer que elle soubesse do seu noivado.

O Guilherme que fixara na idea o dia do casamento combinado havia muito para d'ahi a um mez, recalcitrou.

Essa agora! O Miguel tinha trabalhos no convento para muito tempo. Para que havia elle, que era o dono da casa, dormir mezes e mezes no chão como um cachorro, se podia dormir com a sua mulher em cama de christão? Se fosse um mez, vá que não vá. Mas mezes! Isso fiava mais fino! E porque não havia o hospede de saber que estavam noivos? De que se envergonhava o raio da rapariga? Pois as mulheres não eram feitas

para casar e ter filhos? Diabos levassem a cavalgada do hospede e mais a elle tambem por ser parvo e fazer todas as vontades á Bemvinda! Haviam de casar no dia marcado ou ia tudo raso; que elle estava farto de esperar e não queria mais demoras.

A Bemvinda deixou amainar a furia e depois disse:

«Se não quizer esperar, não espere. Case com outra e eu vou-me embora que tenho para onde ir».

«É capaz de abalar... Isso é que ella é!» scismou o Muar aterrado.

E submetteu-se.

Durante a primeira semana, o Miguel só apparecia ás horas das comidas; andava n'uma faina, organizando os trabalhos. Passava os dias no convento ou no quarto a fazer contas e planos, rodeado de papeladas. Á noitinha, mal acabava de cear, partia para a villa sempre muito sisudo e com ares atarefados.

Mas, tendo posto as obras em andamento, ficava-lhe mais vagar. Dava as suas ordens, vigiava os serviços e sobrava-lhe tempo. Começou a demorar-se á meza conversando e fumando. Um dia apanhou uma constipação, deixou de ir para a villa á noitinha e costumou-se a passar os serões em casa.

Contava então historias lá das suas viagens, aneddotas, aventuras; passando os dedos carre-

gados de aneis entre as longas melenas ondeadas, evocava recordações de românticos amores com uma loira condessa allemã. . .

O Guilherme não o tomava a serio; tinham-lhe contando na villa que o figurão nunca fôra architecto nem seguira estudos, mas era muito protegido pelo ministro de quem o diziam filho natural e tinha geito para coisas d'arte. . .

Bem se importava o Muar que elle fosse ou deixasse de ser architecto! Divertia-se a ouvi-lhé as parlapatices aos serões; ria a bandeiras despregadas e, quando se tratava de amor, piscava-lhe o olho com malicia, ás escondidas da Bemvinda. Pedia-lhe que fizesse adivinhações com as cartas e escamoteasse moedas e lenços, habilidades em que o Miguel era eximio. Por fim, cançado de lidar o dia inteiro, e estonteado com a vertiginosa verbosidade do hospede, acabava por adormecer com a cabeça encostada aos braços cruzados sobre a meza.

A Bemvinda, muito seria, attenta ao seu bordado, não falava, não sorria, parecia nem ouvir a voz do hospede; e o Guilherme, antes de adormecer, com o cerebro já turvo pelo somno, dizia de si para si, com certa commiserção:

«Palrador das duzias! O que elle quer é zurrar; tanto se lhe dá que o escutem como não!»

Então, durante aquelles serões muito compridos de inverno, emquanto lá fôra a chuva escorria

pelas enormes muralhas lisas e pelos contrafortes da capella dos Templarios, se introduzia pelos minuciosos lavores manoelinos e jorrava pelas carrancas das gargulas; ou a geada cobria os telhados do convento e os olivae da cerca e se ouviam os mochos a piar nas ruinas do castello; emquanto o Muar, profundamente adormecido, bufava como o fole de uma forja, havia junto do candieiro cuja claridade fazia brilhar as sedas do bordado da Bemvinda, longos intervallos de silencio.

Não se ouvia a voz fanfarrona do Miguel, nem o estalido da agulha picando a tela esticada no bastidor; só um sussurro de palavras murmuradas...

E o Muar dormia.

Apezar dos visitantes não affluirem ao convento n'aquella epocha tanto como no verão, era rara a semana em que não appareciam alguns.

A Bemvinda entrava com elles na egreja, levando na mão o molho pesado das chaves; e a sua voz avelludada e quente resoava sob as abobadas, vibrava na penumbra da extranha capella mór:

«A antiga capella dos Templarios foi construida em 1162 por D. Gualdim Paes, mestre da Ordem, cruzado e cavalleiro de D. Affonso Henriques; era apenas o edificio massiço e possante,

octogono, todo de cantaria e sem ornatos, que vimos exteriormente, semelhante a um castello se não fosse a torre do relógio que lhe acrescentaram mais tarde os freires de Christo. Internamente limitava-se á charola. . . »

A explicação da Bemvinda, apprendida de cór e recitada com a monotonia de uma reza mil vezes repetida, nunca ia mais além; o Miguel, ao ouvir a bella voz de contralto, abandonava logo as obras que trazia no claustro do Cemiterio e agregava-se ao grupo dos visitantes.

O architecto apresentava-se declinando com emphase o seu nome e qualidade e tomava a direcção da pequena caravana, falando, commentando, fazendo notar as bellezas do monumento com tanta sabedoria e modos tão condescendentes, que os visitantes se felicitavam entre si pela bôa sorte de terem um tal cicerone.

Emmudecida, a Bemvinda seguia, limitando-se a escolher as chaves e a abrir as portas; depois dos visitantes partirem, demorava-se ainda, percorria de novo o convento, fechava tudo.

E o Miguel acompanhava-a pelos corredores desertos, atravez do silencio profundo e solemne dos claustros.

Alguem os seguia e os espiava, escondendo-se nos recantos de sombra, dissimulando-se por de traz das columnas, espreitando do alto das cornijas.

Bem o sabiam.

A Bemvinda não dominava por vezes um sobresalto nervoso ao descobrir os olhos ardentes que a fitavam do escuro de um nicho, ao ver surgir do lado de fóra de uma balustrada, o vulto silencioso e attento. Mas o Miguel sorria e explicava que *o Traliró não era gente*.

«Se fosse um cão», dizia elle «não me dava menos cuidado. O Traliró é tão inoffensivo como as gargulas, como aquelle rei D. Diniz que está alli defronte de nós, n'aquelle botareo.»

E affirmava que os olhos do idiota, semelhantes a dois tanques, reflectiam as imagens sem as fixar; e que o seu cerebro era mais incapaz de raciocinio que o de uma creança de um anno.

A Bemvinda encolhia os hombros com desdem e respondia:

«Não tenho medo; mas detesto idiotas.»

Um dia, o padre Fragoso entrando de tarde na egreja, foi ajoelhar-se defronte do altar.

Emquanto rezava, pareceu-lhe ver por entre as columnas um vulto silencioso que se esgueirava cosido com a parede circular da charola.

«Deve ser o Traliró», pensou o padre.

No emtanto, quando terminou a sua oração, rodeou a charola á procura do idiota. Queria certificar-se de que fôra elle o vulto cauteloso que o intrigara momentos antes.

Não encontrou viv'alma; porém reparando que estava aberta a porta do corredor que liga a egre-

ja com o claustro do Cemiterio, approximou-se e viu o Traliró de rastos, avançando sobre o pavimento de tijolo com precauções de guerreiro indio.

«Que é isso, Traliró?»

O idiota ergueu-se de salto, agarrou-lhe no braço e levou-o de roldão para a igreja, olhando a miudo para traz com pavor.

«Não vá que elles estão lá!»

«Elles, quem?» perguntou o padre.

«A Bemvinda e *elle*.»

«O Guilherme?»

O idiota não respondeu; puzera-se á escuta.

«Vá-se embora!» disse elle depois de um curto silencio. «O Traliró esconde-se e foge. O padre não pode e a Bemvinda mata-o.»

O padre costumado ás divagações do infeliz, respondeu como se falasse a uma creança:

«Não mata, não. A Bemvinda não faz mal a ninguem.»

«Faz,» insistiu o Traliró. «Enxota o Traliró e quer matar o Traliró.»

Acrescentou:

«Quer matar *o outro*. Tem mais força. Quando se agarra a elle, aperta-o que elle nem pode falar.»

O padre Fragoso empallideceu.

«Quem é o outro?» perguntou elle anciosamente.

«Elle,» respondeu o Traliró.

O idiota trouxera o padre até á entrada da egreja; iam descendo os degraus do portico.

«Onde é que tu viste a Bemvinda agarral-o?»

O Traliró, com um gesto vago, apontou para o convento.

«Ora! Lá dentro...»

«Quando?»

Mas o idiota não entendeu a pergunta; não tinha a noção do tempo. O esforço que fez para comprehender, cançou-o. Respondeu bruscamente:

«Não quero saber d'isso!»

Depois, talvez inquieto por ver a expressão anciosa do padre, disse mostrando-lhe uma das estatuas do portico.

«Olhe... aquelle que acolá está com um prato na cabeça, vê? Esse é que sabe. O Traliró não sabe.»

Os pensamentos mudaram-lhe de rumo. Con-  
tou como as estatuas bailavam de noite e como as cordagens maritimas que cingem o edificio man-  
noelino, desenrolando-se, voavam ao vento.

O padre sentara-se n'um degrau da escada, fulminado por uma terrivel suspeita.

Seria um aviso do ceu?

Seria o demonio que dava ao infeliz aquellas visões afim de o induzir, a elle, em maus pensa-  
mentos?

Uma gargalhada do Traliró interrompeu as suas angustiosas reflexões.

«A Bemvinda tem força», disse elle. «Mas tem

medo do Traliró. Quando estava com o outro agarrado e o Traliró saltou do muro, ella deu um grito e largou-o logo. Largou-o logo! Teve medo do Traliró! Largou-o logo!»

E atirando-se ao chão o idiota rebolou-se em convulsões de riso que acabaram n'um choro alto.

«Vae matar o Traliró! O Traliró não pode! O Traliró é idiota!»

«Não mata, não», repetia o padre com doçura, tentando tranquillizal-o.

«O padre não deixa?»

«Não deixo, socega. Não faças barulho».

De repente o idiota olhou para a porta da igreja com a cara transtornada pelo terror, e, desatando a correr, atravessou o pateo enorme n'um instante, desceu a escadaria aos saltos e sumiu-se para o lado da horta.

Apenas o seu vulto desapareceu, o padre Fragoso ouviu passos na igreja e o Miguel assomou á porta acompanhado pela Bemvinda e pelo Guilherme.

O Miguel encontrara-se no claustro do Cemiterio com o Guilherme que lá fôra tratar das suas abelhas; e a Bemvinda andara fechando as portas depois da partida de um grupo de visitantes.

Tudo isto o padre Fragoso soube no decorrer da conversa. Mas depois da ceia em casa do guarda, emquanto descia a calçada do convento, o demonio assaltou-o de novo.

«Contentas-te com pouco», dizia-lhe surratei-

ramente uma voz interior. «Mesmo que d'esta vez elles não tivessem andado juntos, significa isso por acaso que as visões do idiota sejam meras phantasias?»

«Mas isto é horrivel!» considerava o padre tentando arredar de si aquelles maus pensamentos «Com que direito duvido eu assim da virtude da Bemvinda?»

«A carne é fraca. A Bemvinda com os seus modos enigmaticos, é inquietadora», tornava a tal voz.

«Foi sempre honesta», respondia elle.

E acrescentou apertando entre os dedos o crucifixo de cobre que trazia ao peito por debaixo da batina:

«Senhor, Senhor! Perdoae-me!»

«Padre Fragoso! Hé! Padre Fragoso!» gritou a voz do Miguel.

E o architecto que descia, correndo, a calçada, aproximou-se do padre.

«Faz um luar tão lindo», disse elle «que, depois da sua partida, me resolvi a vir tambem até á villa. Ainda o apanhei».

«Não tem medo do frio?»

«Não. É bom andar um bocado, desenferrujar as pernas».

Foram descendo juntos, falando das obras do convento.

Mas bruscamente, o Miguel interrompeu-se e perguntou:

«Diga-me uma coisa, padre Fragoso: quem eram os paes da Bemvinda? Quando lhe falo n'isso muda de conversa...»

O padre teve um sobresalto; mas dominou-se logo.

«Só Deus lhe pode responder. A Bemvinda é engeitada»

«Engeitada! *Per Baccho!*» exclamou o Miguel.

Achava a rapariga mysteriosa e de uma sedução onde havia o que quer que fosse de diabolico. Parecia-lhe ás vezes, suggestionado pela atmosfera anachronica e inquietadora do velho convento, que na sua ascendencia devia encontrar-se alguma anormalidade: um criminoso, um demente, um possesso, um d'esses phenomenos que a sciencia hoje tenta explicar e n'outros tempos, talvez mais esclarecidos, se attribuiam aos poderes occultos do grande espirito do mal.

Esperara que a resposta do padre, revelando-lhe que a Bemvinda nascera de um irmão do Muar tão bruto e simplorio como elle e de uma pobre femea qualquer do campo, ignorante e bronca, lhe dissipasse a idea de sobrenatural que a pouco e pouco se apossava do seu espirito, incommodando-o.

Tentara decifrar o enigma dirigindo-se á Bemvinda e ao Guilherme. Porém a primeira, fechava-se n'um mutismo obstinado e hostile apenas se tratava d'este assumpto; e o segundo encolhia os

hombros, piscava o olho com uma estúpida malícia e respondia que ella era filha de Deus como toda a gente.

O padre contou-lhe o que se passara havia vinte annos: a creança abandonada na poterna e encontrada por elle. E exaltou a generosidade e a grandeza de coração do Guilherme, a sua caridade, a dedicação com que se affeioara á pobre creaturinha desamparada.

«Muito curioso, muito curioso...» murmurava o Miguel, apprehensivo, tirando grandes fumaças do seu cachimbo.

Iam no fim da calçada.

«Oiça cá, padre Fragoso...» disse elle, parando de subito e pondo a mão familiarmente no hombro do seu companheiro. «A Bemvinda é rapariga de bons costumes?»

O padre ficou deante d'elle, petrificado, de bocca aberta, de olhos esgazeados.

O luar clarissimo illuminava-o como em pleno dia.

«De bons costumes?... A Bemvinda!» repetia elle suffocado.

«Venha cá, padre Fragoso, não se offenda...» acudiu o Miguel. «Bons costumes... Isto é modo de falar. Quero dizer... se é rapariga namoradeira, que tenha tido por ahi as suas paixonetas... innocentes já se vê. Emfim... que diabo! Uma mulher pode ser honesta e ter tido namoros, hein? E' isto que eu quero dizer.»

Mettia os pés pelas mãos, atrapalhado, desejoso de desmanchar o terrível effeito produzido no padre pela inconveniencia da sua leviana pergunta.

Mas o padre cahira em si.

«Se os homens soubessem» disse elle «o mal que podem fazer a uma pobre mulher com um simples pensamento! Porque me não perguntou se o Guilherme era ladrão ou assassino? Acharia isso offensivo mas pareceu-lhe a outra pergunta coisa sem consequencia. Os homens dão pouca importancia á virtude de uma mulher quando essa mulher não é a sua e falam entre si da sua honra sem se lembrarem que uma palavra basta para a murchar.»

«O padre Fragoso é cruel.» respondeu o Miguel que aquelle sermão maçava «Já lhe disse que a minha intenção...»

Mas o outro não o deixou continuar:

«Fique sabendo que os costumes da Bemvinda são exemplares. O seu unico defeito é uma certa reserva, uma frieza apparente, resultado, sem duvida, de uma exagerada modestia. Mas, em ella casando e que Deus lhe dê filhos, a sua alma se abrirá como uma flôr.»

«O padre Fragoso fala do casamento da Bemvinda como de coisa certa,» disse o Miguel com certa ironia. «Dar-se-ha o caso de estar já o noivo escolhido?»

O padre olhou para elle perplexo; ignoraria o

architecto o proximo casamento da Bemvinda ou fingiria ignoral-o?

« Está a caçar commigo, Senhor Domingues? » perguntou elle « Pois não sabe que a rapariga é noiva do Guilherme? »

« O quê?! » exclamou o Miguel com um assombro tão verdadeiro, que a duvida do padre logo se desvaneceu.

« Noiva do Muar?... A Bemvinda?... »

E como o outro lhe respondesse que sim e que o casamento se realizaria muito breve, desatou a rir com tanto gosto, que até as lagrimas lhe saltavam dos olhos.

« Noiva do Muar! » repetia elle com a respiração ainda entrecortada « Que aventura! Palavra d'honra que nunca, na minha vida, me aconteceu coisa mais engraçada! »

E, como estivessem já na villa e o caminho do padre fosse differente do seu, o Miguel despediu-se e afastou-se ainda saccudido por violentos frouxos de riso.

O Padre Fragoso ficou um momento immovel no meio da rua, seguindo-o com a vista. A suspeita renascia-lhe, mais forte, mais imperiosa.

Ao tomar, momentos antes a defeza da Bemvinda, fizera-o com uma sinceridade profunda, completamente liberto da nuvem com que as visões do Traliró lhe tinham toldado o espirito. Mas a sua bella confiança esvaira-se como fumo ao som da gargalhada do Miguel.

«Deus tenha misericórdia de nós, pobres pecadores...» murmurou elle juntando as mãos «e a Santissima Virgem me inspire.»

No dia seguinte de manhã, chegou uma familia para ver o convento.

Como de costume, o Miguel acompanhou os visitantes; depois d'estes partirem, demorou-se defronte da igreja. Os operarios tinham terminado as obras no claustro do Cemiterio e armavam agora o andaime para as reparações do portico.

Tendo dado as ordens precisas, o Miguel foi ter com a Bemvinda que se dirigira para o claustro do Cemiterio afim de fechar a sacristia.

Apenas se encontraram, a rapariga deitou-lhe os braços ao pescoço, puxou-o a si com violencia, deu-lhe na bocca um beijo soffrego e brutal.

Um ruido de passos na igreja separou-os bruscamente.

Um operario entrou no claustro.

O Miguel muito pallido e com a voz mal segura, perguntou:

«Que diabo vens tu aqui fazer?»

«E' por via da escada,» respondeu o homem apontando para uma que ficara no jardim do claustro, encostada ao beiral do telhado.

«Não tens lá outra escada?» tornou o Miguel rudemente «Deixa estar o que está e gira.»

O operario voltou costas resmungando o que quer que fosse e abalou.

Entretanto a Bemvinda fechara a porta da sacristia e encaminhava-se para a igreja.

« Bemvinda. . . » implorou o Miguel.

« Que é? Não me posso demorar. »

A sua voz estava calma, o seu olhar frio.

O Miguel encarou um momento o rosto impassível onde nem um vislumbre ficara da paixão furiosa que momentos antes o tinha abraçado.

« Dás commigo em doido. . . » balbuciou elle.

« Não tens mais nada para me dizer? » perguntou a rapariga com ironia.

O Miguel mordeu os beiços; agarrou-a por um um braço com tanta força que a fez soltar um gemido.

Luctou desesperadamente contra elle, enraivecida.

« Larga-me! »

O Miguel teve medo que ella gritasse e deixou-a.

« Tens em ti dois demonios », resmungou elle tremulo de colera e de desejo « um que me escaldá, outro que me gela ».

Mas a rapariga nem respondeu; ia andando para o lado da igreja.

Seguindo-a de perto, o Miguel disse-lhe quasi ao ouvido:

« Quando? »

A Bemvinda parou, voltou-se, fitou-o com um estranho fulgor nos olhos lustrosos.

«Já sabes quando», respondeu ella.

«Sim... quando houver segurança. Nunca dizes outra coisa. Mas como?»

«Se nem habilidade tens para arranjar isso, não sei que te faça».

E afastou-se com um desdenhoso encolher de hombros.

O Miguel d'esta vez não a seguiu. Ficou só no claustro.

Sentou-se pensativo no muro baixo que sustenta as arcarias gothicas.

«Diabo de mulher!» murmurou elle.

Durava aquillo desde que chegara ao convento.

Fizera-lhe ardentes declarações de amor; fôra alternadamente romantico, fanfarrão e brutal; contara-lhe que ganhava mundos e fundos e era o herdeiro unico de um tio riquissimo; promettera-lhe casamento jurando por tudo quanto havia de mais sagrado que faria d'ella sua mulher, que lhe proporcionaria uma existencia de luxo e de prazer; empregara todos os meios de seducção e, no fim de algumas semanas, estava tão adeantado como no primeiro dia.

Estes encontros e estas conversas passavam-se nos claustros, nos corredores, nas cellas, na egreja, depois da partida dos visitantes; o vento gelado corria ás lufadas, fazia gemer os gonsos das

portas abertas, uivava pelas gretas das velhas janellas, resoava por vezes sob as abobadas com echos extranhos como de chamamentos e suspiros. E n'este desconforto onde pairava sempre um halito humido e frio de sepulchro, as paredes seculares exhalavam o bafio das reminiscencias que as impregnavam: voavam no ambiente morto, recordações de incensos queimados, de vozes graves entoando o cantochão, de gritos de guerra, de clangores d'armas, de sangue derramado, da flôr pura do mysticismo que alli desabrochara tambem com o seu doce e ardente perfume, de principescas sumptuosidades com os seus orgulhos e os seus abusos, de paz infinita, de rajadas de peccado incendiando as almas á passagem do sombrio sementeiro de tentações.

E não havia, no edificio enorme, um refugio, um esconderijo seguro, um recanto morno onde os phantasmas gelados não penetrassem.

«Ouviste?» perguntava a Bemvinda de repente, interrompendo uma phrase terna do Miguel.

Era um morcego que esvoaçava, a correria de um rato; mas a encantação do momento estava quebrada e a rapariga partia, em sobresalto.

Por vezes, quando elle já cansado d'aquella inquietação constante e sem esperanças de alcançar a satisfação do seu capricho, diligenciava sacudir a obsessão do desejo, bruscamente a Bemvinda envolvia-o n'uma caricia rapida, ines-

perada, furiosa, que lhe deixava na bocca um sabor de sangue.

E o Miguel de novo se incendiava áquella chamma violenta que irrompia do gelo e logo se apagava como um fogo do inferno. Supersticioso e fraco de espirito, medroso no fundo como todos os fanfarrões, chegava a tremer de pavor, julgando-se preso nas malhas de uma rede satanica, attribuindo á Bemvinda uma sombria connivencia com esse ironico, sensualissimo e melancholico espirito das trevas, lubrico senhor dos sentidos, que inspirara os grandes artistas canteiros da idade media e cuja presença latejava ainda em cada pedra do velho edificio morto.

E durante essas crises de inconfessavel terror, o Miguel queria partir, queria fugir, presentindo tragicos desfechos. Mas ia ficando sempre, incapaz de quebrar o encantamento que o prendia.

O medo vinha-lhe ás lufadas; um dia de sol bastava para lh'o dissipar; e então ria como rira ao saber, que a Bemvinda era noiva do Muar. Achava-se ferido nos seus brios de conquistador e empenhava-se na lucta pensando na bella aventura que teria, mais tarde, para contar aos amigos.

Quando a Bemvinda se encaminhou para casa depois de deixar o Miguel, foi encontrar o Guilherme sentado á porta, á espera d'ella.

«Irra! Sempre te demoraste hoje no convento!» exclamou elle erguendo-se com mau humor «Estou farto de esperar. Dá-me a chave do armario, que preciso da torquez para arrancar um prego, anda!»

A Bemvinda lançou-lhe um olhar desconfiado; receou qualquer suspeita. Não queria perder o passaro que tinha na mão por dois que andavam ainda a voar.

«Olhe», disse ella «d'aqui por deante, acompanhe a gente que vier ver o convento, que eu não estou para mais. O estafermo do hospede, assim que chega alguém vem logo dar leis e explicar tudo a seu modo; e eu faço figura de parva. Ando para alli como se fosse criada d'elle. Já que vossemecê está sempre a achar-lhe graça a tudo, ature-o! Cá por mim basta-me atural-o cá em casa».

O Muar, boquiaberto, maravilhou-se perante aquelle discurso. Nunca ouvira a Bemvinda falar com tanto calor.

Respondeu-lhe:

«Estás mal costumada, é o que tu estás. Cuidas que todos os homens são como eu? Pois não são! Ainda que andasses com uma lanterna nos gadanhos por toda a redondeza da terra, não encontravas praça que tivesse melhor passo de estrada do que cá o sujeitinho. Pois trata de encolher as unhas, que eu não quero cantigas. O figurão é mandado por quem pode e... é fazer-

lhe bôa cara até ao fim. Has-de ir como d'antes mostrar o convento a quem vier; e caluda!»

No fundo, aquella irritação da Bemvinda dava-lhe prazer; acrescentou com ternura:

«Vá lá, não fiques escamada. As obras não hão-de durar até ao fim do mundo. Ora dê cá a sua patinha de burro, seu estafermo! Vá, arreganhe-me essa dentuça!...»

Estas manifestações de affecto que eram sempre acolhidas com desdem ou mau humor, d'esta vez provocaram um sorriso inesperado que inundou de delicias o coração fiel do Muar.

N'esse mesmo dia, no principio da tarde, o padre Fragoso foi ao convento.

Encontrou o Guilherme no claustro do Cemite-rio.

O Muar installara alli, n'um canto do jardim, alguns cortiços de abelhas cujo tratamento e cuidados o divertiam. O sitio era bem escolhido: quente, protegido, tranquillo e ao abrigo de ladrões. Nos canteiros cresciam laranjeiras, alecrim, alfazema, tufos de lucia-lima e outras plantas odoríferas que as abelhas exploravam com soffreguidão.

«Bôas tardes, Guilherme», disse o padre approximando-se do canteiro que o Muar sachava.

«Ora viva, senhor padre Fragoso!» respondeu o Guilherme endireitando-se com difficuldade por causa do rheumatismo que lhe enferrujava as cadeiras.

E, reparando no ar preocupado do padre, acrescentou:

«Ha alguma novidade?»

«Preciso falar contigo».

O Muar largou o sacho e sacudiu a terra das mãos.

«Sente-se aqui», disse elle.

Sentaram-se ambos no muro.

O padre assoou-se, apurou a garganta, dobrou o lenço, mettu-o no bolso vagarosamente e, por fim, perguntou:

«Quando é esse casamento?»

«Então é para me perguntar isso que veiu cá hoje?» disse o Guilherme, aborrecido, presentindo tempestade.

«Nem mais nem menos».

«Pois olhe. Não é hoje, nem amanhã, nem enquanto cá estiver esse falador das duzias que pr'ahi anda com as obras».

«Quem resolveu isso? Foste tu?»

O Guilherme hesitou.

«Foi a Bemvinda; e tem razão», disse elle por fim.

Acrescentou logo:

«Sempre está hoje uma tarde, nem que fosse de verão».

Mas o padre não quiz mudar de conversa.

«Ah! A Bemvinda é que resolveu! Pois resolveu mal. É preciso que o casamento se faça quanto antes».

«Já lhe disse, senhor padre Fragoso, que não caso emquanto o hospede cá estiver».

«E eu já te disse que has-de casar quanto antes».

O Guilherme principiou a fazer-se encarnado e a bufar; abanou a cabeça com vehemencia.

«Escusas de abanar a cabeça», tornou o padre levantando mais a voz. «Tens de casar. E sabes porquê? Porque a Bemvinda ainda não fez vinte annos e tu vaes nos cincoenta; porque ella é quasi uma creança e tu és quasi um velho; porque o teu hospede é novo e todo pimpão e as linguas do mundo são cheias de malicia; e... e... porque o lume não se põe ao pé da estopa, que pode vir o demonio e assoprar. Ah! tens!»

O Guilherme ficou uns instantes pasmado para elle; depois atirou duas formidaveis palmadas aos joelhos, dobrou-se todo n'um frouxo de riso e soltou uma tão estrondosa gargalhada que até uns pombos, que bebiam no tanque redondo do claustro, fugiram espavoridos.

O padre zangou-se.

«Porque estarás tu a rir, meu idiota?» perguntou elle.

Quando o Muar poude falar, explicou:

«O que me deu no goto foi a sua historia do lume e da estopa. Isto, senhor padre Fragoso, só quem vê as coisas de perto é que pode falar».

E contou a conversa que tivera com a Bemvinda de manhã; como a rapariga andava agasta-

da com a presença do hospede e como este fazia pouco ou nenhum caso d'ella.

E, muito fiado na infallibilidade das suas doutrinas e na profundeza da sua observação, continuou pondo a mão no braço do padre com um certo ar protector:

«Ah! senhor padre Fragoso! desculpe cá esta minha franqueza, mas quer de bestas quer de mulheres, sou melhor entendedor que Vossa Senhoria. As mulheres... em se agradando-d'um homem que tenha uma certa aquella, não querem saber dos mais. E eu, não é por me gabar... mas enfim cá me entendo. Olhe, até é bom estar para ahi esse diabo; o demo da rapariga faz lá as suas comparações... quanto mais embirra com o hospede, vae ganhando modos mais brandos commigo.»

E concluiu com um riso triumphante e asthmatico:

«Ao Muar não lhe escapa nada, senhor padre Fragoso! Cá a mim ninguem me faz ninho atraz da orelha!»

Soltou um assobio finorio.

Estava radiante. A sua logica satisfazia-o. A antipathia da Bemvinda pelo Miguel lisonjeava-o até á medula, acariciava-lhe deliciosamente as fibras da vaidade que são quasi sempre as mais sensiveis.

O padre, pensativo, cabisbaixo, calava-se. O demonio segredava-lhe tentações: que deixasse

correr as coisas, que já tinha dito bastante para descanço da sua consciencia. . .

A vontade entorpecia-se-lhe. Lançou um olhar circunvago pelo jardim.

Nos canteiros altos, amparados pelos muros de azulejos arabes, as laranjeiras carregadas de fructos verdes luziam ao sol; os craveiros, de um verde cinzento, espetavam os rebentos fortes para fóra da terra negra entre os tufos de alecrim e as bordaduras de alfazema. A sombra dos arcos ogivaes e das esbeltas columnetas recortava-se nas lages da galeria. O claustro concentrava nas suas pequenas proporções, a grave belleza do gothico puro; o jardim embalsamava-o, o gottejar da agua no tanque enchia-o de frescura, a presença dos mortos impregnava-o de uma solemne e repousante melancholia. Era aquella a joia mais preciosa do convento; era alli onde o espirito religioso sincero e casto, recolhido na sua adoração profunda, se refugiara, entre a orgulhosa e taciturna cidadella dos monges guerreiros e a floreada e ostentosa architectura manoelina.

O ar estava tepido; havia um perfume vago a primavera. E o padre, cançado da sua lucta interior, deixava-se gradualmente envolver por aquella paz deliciosa.

Invejou a sorte dos que alli jaziam e durante a vida tinham gosado a doçura d'aquella paz e d'aquelle silencio onde a alma, alongada das paixões humanas, podia entregar-se completamente a Deus.

Teve de fazer um esforço para se arrancar a este entorpecimento. Pensou no dever que alli o trouxera e resolveu-se a ir até ao fim.

«Escuta, Guilherme,» principiou elle «a presumpção é que tem dado cabo de ti.»

Gradualmente, com infinitas cautelas, foi-lhe revelando as causas que tinham accordado as suas suspeitas. Contou-lhe, attenuando-as, a conversa com o Traliró, as palavras e a gargalhada do Miguel, na vespera á noite, a caminho da villa.

«Tu bem sabes, Guilherme, que a Bemvinda veiu de Lisbôa com a mania das grandezas e o aborrecimento do trabalho. Supporta a vida que lhe proporcionas e supporta-te a ti, mas nada d'isto a satisfaz. Não tens uma prova do seu carinho, da sua gratidão...»

«Mas se ella quer casar commigo!...» gritou o pobre Muar tirando o boné e passando o lenço pela testa aljofrada de suor.

«Porque não tinha outra coisa melhor, desgraçado! A alma da infeliz está á beira do abysmo. E' preciso salvar-a, é preciso salvar-a enquanto é tempo!...»

Mas o Muar interrompeu-o com violencia:

«Não quero saber mais! Não quero ouvir! Para que vem atormentar-me com essas cantigas? Quer dar commigo em dôido? Cuida que sou homem para isso? Está para ahi a azoinar-me os ouvidos com peçonhas e não diz uma coisa certa.

Quem se fia nas palavras de um palerma como o Traliró? Raios me partam se vou querer mal á rapariga por via de taes asneiras! Que o outro se gabe, ainda eu acredito. É um estafermo que não diz senão mentiras e se chego a deitar a unha a esse malandro, racho-o! Mas ella!... Conheço-a como os meus dedos. E' oiro fino. A Bemvinda não precisa de ser guardada, senhor padre Fragoso, tão certo eu estivesse da minha salvação!»

Soffria como um damnado, ferido no seu amor e no seu orgulho e escondia instinctivamente a dôr sob aquella fanfarronada colerica.

«Que soberba a tua!» suspirou o padre.

Mas não insistiu. Via o Guilherme deante de si affogueado e tremulo. Bem sabia agora que o aviso já se não perderia. Acalmada a tempestade, viria a reflexão.

Despediu-se e partiu.

Ficando só no claustro, o guarda quiz continuar o trabalho interrompido. Mas em breve atirou o sacho para um canto e sentando-se no muro, apertou a cabeça nas mãos.

E se o padre Fragoso tivesse razão? As mulheres são gado ruim e teem o diabo no corpo...

Mas a Bemvinda... Ah! Senhor! A Bemvinda!...

E d'ahi? Mesmo que a rapariga tivesse um mau pensamento... de quem era a culpa? A cul-

pa era d'elle, grande besta, que não soubera guardal-a nem defendel-a.

Queria-lhe tanto!...

Pela primeira vez, humilhado, abriam-se-lhe os olhos; despido da soberba, comparava-se com o Miguel; achava-se velho, pesadão, feio, bruto. Como havia aquella flôr delicada de gostar de uma tal cavalgadura?

De repente ergueu-se, rubro, com os punhos fechados.

Pensava no hospede que abusara da sua bôa fé e da innocencia da rapariga.

«Ah! canalha, malandro, alma do diabo, que não me sahes inteiro das unhas!»

Tornou a sentar-se. Tremia todo.

A Bemvinda, a Bemvinda...

Estas ideas apaixonadas confundiam-n'ó, ator-doavam-n'ó. Acabaram por suffocal-o.

E sósinho, rodeado por todos aquelles mortos muito antigos que alli estavam debaixo das lages e dentro dos mausoleus, o Muar chorou com a cara escondida no lenço vermelho e o peito sacudido pelos soluços; aquelle peito que tantas vezes se atirara, sem medo, á cabeça do toiro.

Á hora da ceia, o Muar, sentou-se á meza car-rancudo, sombrio e silencioso.

O Miguel observava-o surrateiramente e com inquietação. Achava-lhe uma expressão alarman-

te; e, não desejando arrostar com o serão na companhia d'aquelle bruto que lhe lançava olhares ferozes e não lhe dirigia a palavra, apenas acabou de comer retirou-se para o seu quarto. Ruminava projectos de partida para Lisboa; o Muar não era homem para brincadeiras. Se chocava alguma suspeita faria o diabo. A atmospheria estava carregada; era preciso abalar a tempo, se tinha amor á pelle.

Iria á villa aquella noite, falaria por lá em negocios urgentes que o chamavam á capital e commendaria uma carruagem que o levasse á estação no dia seguinte para o primeiro comboio. Desse por onde desse, para alli não voltaria mais. Diabos levassem a rapariga! Estava farto d'aquelle inferno!

Entretanto o Muar pedira á Leonor a botija de genebra e tratava de se atordoar e de fugir a torturantes pensamentos, fumando cigarros sobre cigarros e absorvendo calices de Focking.

Aborrecida com o fumo dos cigarros e com a mudez tenebrosa do Guilherme, a Bemvinda levantou-se da meza e fechou-se no seu quarto. Não constituia isto uma excepção. Muitas vezes, mesmo quando o Miguel não sahia, a rapariga procedia assim. Mas o Muar, com o cerebro já turvo, pensou:

« Bem sei... Não tens hoje o hospede para a conversa e não estás para me aturar.»

Levantou-se com a cabeça em fogo.

Mandou a Leonor estender-lhe a cama na casa de entrada e disse-lhe que não se sentia bem e ia já deitar-se.

O luar entrava pela vidraça, tão claro que o Guilherme não accendeu o candieiro. Abriu a janella e sentou-se no poial a respirar o ar da noite, a ver se refrescava, se lhe passava aquella febre.

Pouco depois das nove horas, o Miguel, cujo quarto apenas tinha sahida para a sala, abriu a porta. Sobresaltou-se ao deparar com o vulto enorme do Guilherme sentado á janella, mas, dominando-se, atravessou a sala e dirigiu-se para a escada com um ar despreoccupado e fingindo não reparar no guarda.

Debruçado da janella, este viu-o sahir de casa e afastar-se na direcção da poterna, a caminho da villa.

Passaram-se uns minutos.

De subito a attenção do Guilherme prendeu-se a um vulto que se esgueirava rente á muralha do lado de lá da horta, na direcção da escadaria do convento.

«Olá!» exclamou o Guilherme de si para si erguendo-se de salto «Voltaste para traz? Andas mesmo a pedir uma mócada na pinha, meu trante, é o que tu andas!»

Deu volta á sala procurando precipitadamente qualquer coisa que pudesse servir-lhe de arma e, lembrando-se do pesado chaveiro do convento

pendurado n'um prego atraz da porta, pegou-lhe e desceu a escada a toda a pressa.

O vulto ia já na escadaria do convento.

O Guilherme seguiu-o, occultando-se nas sombras das nespereiras, curvando-se ao abrigo da balaustrada alta de pedra.

Viu-o atravessar o grande pateo lageado e dirigir-se para o portico da igreja. Pareceu-lhe ouvir ranger a enorme fechadura.

«Tens chaves falsas, ladrão?» rosnou elle, Mas que diabo vaes tu fazer lá dentro?»

A genebra incendiava-lhe o cerebro, tirava-lhe o entendimento.

A porta da igreja estava fechada. O Guilherme escolheu entre as chaves que trazia na mão e entrou.

Iria a Bemvinda ter com aquelle canalha, de noite, ao convento?

Turvava-se-lhe a vista, fugia-lhe a razão.

Pelos vidros das janellas e da rosa do côro, filtrava-se o luar.

Na igreja, ninguem.

Ao rodear a charola, o Guilherme cuidou ouvir um ruido ligeiro para o lado do claustro do Cemiterio, apenas separado da capella-mór por um corredor rasgado na espessura enorme da parede. Abriu a porta d'esse corredor e entrou no claustro.

A lua illuminava metade do jardim. As folhas

das laranjeiras, immoveis, brilhavam como pedaços de vidro.

Repetiu-se o ruido; um ruido indistincto, intermittente, como de passos cautelosos e vacilantes.

Considerando que o Miguel não tinha outra sahida e havia forçosamente de voltar pelo corredor por onde entrara, o Muar dirigiu-se para o lado onde a sombra era mais espessa. D'alli podia vigiar a porta da egreja. Escondeu-se no recanto de um mausoleu.

Viria a Bemvinda?

O relógio da torre bateu dez badaladas.

Agora ouvia-se apenas um mocho a piar lá para as bandas do castello.

Fazia um frio de rachar.

O Guilherme com a genebra a ferver-lhe na cabeça e o corpo a tiritar, soffria tormentos do inferno.

Nunca sentira uma tal raiva dentro de si.

E se a Bemvinda apparecesse? Teria alma de a matar?...

Ah! Senhor! Senhor!...

Um ruido como de passos no telhado, mesmo por cima da sua cabeça, interrompeu-lhe as reflexões dolorosas, deixou-o atonito, assombrado.

Reparou então na escada que os operarios tinham deixado no claustro e se conservava apoiada ao beiral do telhado d'aquella mesma galeria onde elle se acoitara.

Pensou que o Miguel lhe ouvira os passos na igreja e subira por alli para se esconder. Agora decerto, cuidando que elle já partira, tratava de descer pelo mesmo caminho...

O Muar sahiu cautelosamente do esconderijo, plantou-se no meio da galeria com os olhos fitos na escada, os dedos enclavinados na argola do chaveiro, os dentes cerrados.

Tinha vertigens. As columnetas do claustro dançavam-lhe deante dos olhos. Os fumos da genebra exacerbavam-lhe a colera até ás raias da demencia.

Viu os pés do homem poisarem no primeiro degrau, depois no segundo; appareceram as pernas, meio corpo...

O Guilherme não poude esperar mais.

Com um instinctivo arremeço de gorilla enfurecido, galgou o muro baixo, agarrou na escada e deu-lhe um sacão formidavel que a fez resvalar pelo chão do jardim. O topo, que se apoiava ao beiral do telhado, escorregou, esbarrou um instante no entablamento, no cimo do arco e depois cahiu com estrondo na galeria.

A este ruido um outro se juntou: a cabeça do homem batendo nas lages, produziu um som extranho como de uma abobora que, ao cahir, rachasse.

«Ah! grande canalha do inferno!» rugiu o Guilherme precipitando-se para o homem «Que-rias a rapariga, cuidavas que o Muar...»

Subitamente estacou, emmudeceu.

O outro ficara-se; não tugia nem mugia. Parecia um trapo, assim na sombra, um frangalho cahido para alli.

O Muar pensou:

«Matei-o».

Esta idea não lhe fez frio nem calor.

Parado, pasmado, olhava estupidamente para aquella coisa informe.

«Matei-o lá!» resmungou elle encolhendo os hombros. «Se eu nem lhe toquei! Só empurrei a escada... Morreu porque tinha de morrer».

E accrescentou:

«Tambem eu hei-de morrer».

Mas este ultimo pensamento, apenas formulado, tornou-se-lhe muito desagradavel.

Lembrou-se que tinha de contar aquillo ao padre Fragoso em confissão.

Reparou então n'uma coisa que avançava devagar rastejando pelas lages como uma cobra, attingindo-lhe quasi os pés; era o sangue que se escapava da cabeça do morto.

Recuou precipitadamente com um calafrio de horror.

E fugiu, deixando as portas abertas, arrastado por um panico subito, parando a espaços, arquejante, com as pernas flacidas, o coração aos trambulhões, as ideas confusas, cuidando que o morto o chamava e o perseguia.

Defronte de casa parou, encostado ao tronco de uma nespereira, exausto.

Pareceu-lhe ver passar com um gesto de maldição o vulto herculeo do velho alveitar, seu pae, que nunca fizera mal a ninguem e morrera honrado.

Cobriu-se de suores frios.

Entrou devagar, subiu a escada com infinitas precauções, como um ladrão.

A lua escondera-se por detraz das muralhas e deixara a sala ás escuras.

O Guilherme viu com assombro, pelas gretas da porta, que havia luz no quarto do Miguel.

Ficou um momento immovel, com o sangue gelado nas veias.

Disse consigo, tentando vencer o terror que o invadia:

«Esqueceu-se de apagar a vela quando sahio...»

Quiz certificar-se; aproximou-se da porta, poz a mão no ferrolho.

A porta estava fechada por dentro.

«Quem é?» perguntou a voz alterada do Miguel.

Do Miguel!... Santo Deus!

O Muar agarrou a cabeça com ambas as mãos e depois, atirando-se á porta como um doido, metteu-a dentro.

Viu o Miguel de pé no meio do quarto, pallido como um defunto; e, enrodilhado na roupa da

cama um vulto cujos cabellos negros e crespos se espalhavam nas almofadas.

Soltando um ronco de fera, o Muar deu um passo e, de subito parou, mudou de semblante; os olhos esbugalharam-se-lhe, injectados de sangue, redondos, immoveis, medonhos, sahidos das orbitas como durante aquella atroz allucinação do Miguel, na diligencia.

Um momento... e logo cambaleou e cahiu por terra, fulminado.

Quando o Miguel sahira de casa n'aquella noite para ir á villa, reparara que o Guilherme, debruçado da janella, parecia espial-o.

Ao chegar á poterna cruzara-se com o Traliró que assustado com a sua persença, saltara de um canto onde se enroscara para dormir; e vira-o esgueirar-se ao longo da muralha, na direcção do convento.

Apprehensivo com a attitude do Muar e receando que elle lhe preparasse qualquer surpresa desagradavel, hesitara em continuar o seu caminho e quizera certificar-se de que o guarda se conservava á janella.

O Guilherme já lá não estava; mas em breve sahio de casa e, cautelosamente, seguiu o Traliró.

«Cuida que sou eu», disse de si para si o Miguel. «Olha que brincadeira, hein? Já não vou á villa. Aqui anda coisa...»

Retrocedeu e foi andando até attingir a noqueira secular que estende a sua ramaria frondosa junto da escadaria, do lado da cisterna; subiu á arvore e ahi, em segurança, poude ver o Traliró escalar com a sua espantosa agilidade o andaime armado pelos operarios para as reparações do portico, galgar a cornija do templo e sumir-se no telhado.

Momentos depois o Muar abria a porta da egreja e entrava.

O Miguel deixou-se escorregar pelo tronco da arvore até ao solo.

«Idiota!» murmurou elle.

Passou-lhe o medo. Veiu-lhe uma tentação do demonio que o fez sorrir.

Voltou apressadamente para casa e foi bater á porta da Bemvinda.

«Vem», disse elle. «Arranjei tudo. Não ha perigo».

Explicou-lhe que o Muar sahira, a Leonor dormia e tudo estava em socego. Na manhã seguinte, como era dia de missa, o Guilherme iria cedo para a egreja com o padre Fragoso como de costume e a Bemvinda atravessaria a sala apenas elle partisse.

«E depois?» perguntou a Bemvida.

Hesitava, perplexa, entre a tentação e a prudencia. Á beira do abysmo, queria calcular ainda.

«Depois... casamos, bem sabes. Vem».

Foi.

O Miguel exultava. No momento em que julgara tudo perdido, deparava-se-lhe uma occasião maravilhosa para o desfecho triumphante da sua aventura.

E continuava ruminando o projecto de partir para Lisboa no dia seguinte. Entender-se-hia com o director; que mandassem outro acabar os trabalhos no convento. Elle é que não poria lá mais os pés.

E partiu no dia seguinte para nunca mais voltar, mas não feliz e despreoccupado como julgara. A victoria custara-lhe cara de mais: a morte do Traliró, o desespero da Leonor, a apoplexia do Guilherme.

Passou o inverno, passou a primavera.

Chegou o mez de Agosto, esbrazeante.

Uma tarde quente, parada; as paredes do velho edificio exhalavam o calor do sol que as escaudara o dia inteiro.

O padre Fragoso empurrara a cadeira de rodas do entrevado para junto da janella do quarto e sentara-se no poial ao seu lado.

« Senhor padre Fragoso », disse o pobre Muar « ando com uma idea a parafusar cá na bóla e, se não lh'a digo, rebento ».

« Diz, homem de Deus, diz o que quizeres. Tudo que eu puder fazer para te aliviar... »

« Eu sei... eu sei... » murmurou o outro.

Teve de se interromper. Tremia-lhe o queixo, babava-se, escorriam-lhe duas lagrimas pelas faces flacidas, sulcadas de rugas.

Levou com difficuldade o lenço aos olhos e ficou-se depois esquecido, a remirar as mãos abertas que estendia para o padre.

«Eram tão limpas!» balbuciou elle «grosseiras, desageitadas e brutas, senhor padre Fragoso, mas tão limpas!...»

«A misericordia de Deus é infinita;» respondeu o padre «e tu bem sabes que Elle já te perdoou».

E quiz mudar de conversa, arredar o desgraçado do seu pensamento fixo e torturante:

«Vamos então a saber essa tal idea».

«É isto: quando tomei conta da creancinha abandonada que Vossa Senhoria me trouxe, foi como se promettesse a Deus olhar por ella e nunca a deixar ao desamparo...»

«Está bom, está bom...» atalhou o padre que via despontar outra onda de commoção. «Fizeste o que pudeste. Se não tiraste bom resultado, a tua intenção era bôa e ser-te-ha isso contado».

Mas o Muar abanou a cabeça.

«Não fui para ella o que devia ser e tudo que padei e padeço ainda é pouco para o que eu merecia».

Pela janella aberta entrou n'este momento o ruido de um passo ligeiro fazendo estalar a areia da alameda.

Os dois homens olharam para fóra e viram a Bemvinda que andava na horta colhendo as ultimas dahlias vermelhas das bordaduras.

«Já pouco posso durar;» continuou o Guilherme «e morro afflicto com a idea n'aquella desgraçada».

Seguia com a vista a esbelta figura da rapariga.

A vergonha não quebrara o orgulho da Bemvinda nem lhe amollecera o coração. Continuava a sua vida como d'antes, concentrada e desdenhosa, sem se occupar do entrevado e abandonando tudo aos cuidados da Leonor. Sabia que o seu humilhante segredo estava bem guardado no pobre coração do Muar.

«Aquillo, senhor padre Fragoso», disse o Guilherme com um grande suspiro «com o palmo de cara que tem e a soberba que, por meus peccados, lhe deixei medrar no coração, se chega a ver-se na miseria, faz asneira. Perde-se... de todo».

E novamente as lagrimas, agora tão faceis, bailaram nos olhos do entrevado.

«E d'ahi?» perguntou o padre «Qual é a tua idea?»

«A minha idea... Olhe, senhor padre Fragoso, a minha idea é casar com ella».

«Tu, Guilherme!»

O entrevado baixara os olhos.

«Apenas eu fôr para debaixo do chão, fica ella para ahi sem eira nem beira, põem-n'a fóra de

casa... Bem sei, bem me lembro de tudo. Ainda que eu vivesse cem annos não podia esquecer o que vi com estes que a terra ha-de comer. Mas, que quer, senhor padre Fragoso? Se ella tem peccados, maiores são os meus. Perdeu-se com aquelle homem, mas a culpa foi minha. E d'ahi... olhe para estas mãos sujas de sangue. Se fossem limpas como d'antes... Mas agora!...»

Calou-se, encolheu os hombros com desanimo.

«O que se passou no claustro n'aquella noite» disse o padre «ficou entre nós dois e Deus que tudo vê. Toda a gente cuidou que se tratava de um desastre, mesmo a Leonor, mesmo a Bem-vinda».

O Muar continuou seguindo a sua idea:

«O que eu queria era que o senhor padre Fragoso lhe falasse. Diga-lhe assim:— Casa com elle; só quer a certeza da tua companhia até á morte que não vem longe. Depois ficarás com o seu nome, com todas as suas economias, com a casa e a guarda do convento...— Fale-lhe assim, a ver o que ella diz».

O padre escutava-o com tristeza.

«Mas tu podias assegurar o futuro da rapariga sem casares com ella...»

Porém o Muar interrompeu-o com um vislumbre dos antigos arrebatamentos:

«Sim... para vir outro tratante que m'a leve! Quero-a aqui, minha, minha, emquanto eu viver!»

E obstinou-se:

«Ora fale-lhe, a ver o que ella diz».

Era o demonio a tental-o; o mesmo demonio que espreitava havia tantos annos pelos olhos da Bemvinda e que assustara sempre o padre Fragoso; o mesmo demonio que já fizera tantas desgraças e que decerto faria ainda muitas mais.

O padre Fragoso suspirou com desanimo.

A Bemvinda acceitou a proposta do Muar.

Ao ver-se apeada dos sonhos de grandeza, voltara ás suas primeiras e prudentes aspirações.

Contentou-se... por emquanto.

No fundo dos olhos negros e lustrosos, o diabo exultava, cheio d'aquella ironica melancholia do mal que faz o seu caminho eterno atravez de todas as dores.

---

PAPEIS



A minha amiga Rita morreu ha um mez na casa de campo solitaria que habitou durante a ultima parte da sua vida.

Divertia-se a escrever o que lhe passava pela cabeça em folhas de papel soltas, sem data, sem methodo; e muitas perdiam-se.

Era uma pobre creatura honesta, simples e, por mal dos seus peccados, intelligente.

Deixou-me, em testamento, os seus papeis com a recommendação de publicar os que eu entendesse.

Cumpro-lhe a vontade.

Pobre amiga Rita!

Que a terra lhe seja leve.

The first part of the paper is devoted to a general  
 introduction of the subject and to a brief review of  
 the literature on the subject. The second part is  
 devoted to a detailed description of the method  
 used in the present investigation. The third part  
 contains the results of the experiments and a  
 discussion of the results. The fourth part  
 contains the conclusions and a list of references.

The author is indebted to  
 the following persons for  
 their assistance in the  
 preparation of this paper.

## Papeis

Uma villasinha de provincia é semelhante a uma ilha: um nucleo de vida monotona, adstricta a limitados interesses, sempre os mesmos, agitada a espaços pela commoção que um pequeno acontecimento ou um pequeno escandalo provoca perturbando a tranquillidade dos habitos, como uma pedra cahindo na agua lisa e dormente de um tanque.

Em volta irradiam as estradas, os caminhos, semelhantes aos tentaculos de um polvo, serpenteando pelas planicies, rodeando ou galgando os montes, entre campos de cultura, charnecas, pinhaes, montados, leguas e leguas por vezes sem um povoado nem um casal. É o deserto, o silencio, a larga barreira de coisas impassiveis que isolam a villasinha do resto do mundo e, sendo semelhantes ao mar, tornam a sua vida semelhante á de uma ilha.

No domingo passado estive na villa. Era ao anoitecer.

O aspecto da villa, ao anoitecer, nos domingos de verão, é sempre o mesmo.

A estrada está coberta por uma espessa camada de poeira finissima que uma brisa sorrateira e intermitente levanta e retorce em pequenos redemoinhos correndo rente ao chão velozes e sem ruido.

Garotos endomingados brincam na rua, perseguindo-se, soltando gritos agudos, erguendo nuvens de pó.

Por cima de um muro espreita um ramo de figueira offegante de calor e de sede.

Ouve-se ao longe o gemido de uma nora.

Passa gente que veiu de manhã ao mercado e se demorou o dia todo na villa.

Duas mulheres puxam os burricos pela arreata para junto de um muro baixo que lhes serve de estribo, põem o joelho em cima da albarda, deixam-se cahir sentadas; e logo os jumentos seguem o seu caminho, enquanto ellas tufando as saias de côres vistosas e de fartissima roda, se accomodam entre os saquiteis e os alforjes abarrotados de mercas.

Um homem leva á sóga uma junta de bezerros comprados de manhã e ainda inquietos, mal costumados ao novo dono.

Depois é um grupo de rapazes com jalecas de alamares e um cravo já murcho entalado na fita

do chapéu; acompanham com um andar gingão o tocador de harmonio que repete sem fim quatro compassos de um fandango.

Passam tambem homens serios, de suissas grisalhas que vão escarranchados nos jumentos, sacudidos pelo chouto sobre a pelle de carneiro estendida na albarda, com a ponta do barrete a dar e dar, a espora de prateleira, ferrugenta, no calcanhar direito, os pés enfiados nos estribos de pau.

Todos param na ultima taberna, antes de entrarem na solidão dos longos caminhos que os levarão ás suas aldeias; os jumentos, o gado e as mulheres esperam á porta, pacientes, olhando em redor com o mesmo olhar inexpressivo e cançado, enquanto os homens, lá dentro, bebem e dizem fanfarronadas.

Depois, á medida que o crepusculo augmenta, a animação da rua esmorece.

Vae-se juntando pelas portas a gente do costume.

Á entrada da hospedaria a hospedeira anafada, assejada e de *garibaldi*, juntamente com algumas senhoras em cabello, fazem roda sentadas em cadeiras de palhinha; contam umas ás outras as suas doenças e as historias dos seus casamentos; e mais adeante, á porta do barbeiro, este, um major, o medico, o alquilador e mais algumas personagens importantes, commentam as ultimas pos-

turas da camara municipal e falam das colheitas e do mau estado das estradas.

Alguns soldados, bamboleando-se desageitadamente e com as mãos a abanar e os dorsos largos e ossudos de camponios apertados nas fardas estreitas, vão sentar-se no caminho da fonte á espera das raparigas; um d'elles, ao passar a ponte, desata a cantar n'uma toada semsaborona e plangente:

Ó minha mãe, minha mãe!  
Vou p'rá guerra, vou morrer...

As mulheres veem ás portas chamar a garotada para a ceia:

«Manel! Ó Joaquim! gira pr'a casa!...»

O fumo não sobe no ar immovel; cahe, espalha-se lentamente, cobre os telhados, envolve a ramaria do arvoredos.

Ha um cheiro especial á lenha verde queimada, a resinas, a matto, a curral...

Na cerca de um recolhimento de orphãs, umas vinte raparigas vestidas de egual, com uns grandes aventaes côr de porcelana azul e com os cabellos lisos apartados ao meio da testa, passeiam de braço dado, ás duas e duas, com um passo grave de procissão, entre as arvores carregadas de fructos; e algumas, tendo formado uma ronda vagarosa e somnolenta, cantam a meia voz uma cantilena monotona.

A melancholia emanada de todas as coisas é infinita.

Uma amiga minha declarou-me uma vez que nunca poderia viver n'uma villasinha de provincia, por causa da tristeza que se espalha ao anoitecer quando, no fim das tardes de verão, todos se juntam pelas portas a conversar.

A minha amiga tem razão: o crepusculo do anoitecer é triste n'uma villasinha de provincia.

Triste para os que se habituaram a chamar prazer á fornalha onde se queimam os cerebros e os corações como lenha miuda; para os que tomam uma parte apaixonada e inutil nos acontecimentos do mundo. Mas repousante e salutar para os que vivem aquella existencia monotona, limitada e calma da *sua terra* que é o seu mundo e n'ella se consideram felizes não ambicionando nem conjecturando outra.

A minha amiga disse-me:

«Deus me livre de viver n'uma villasinha de provincia!»

Mas se ella soubesse como são invejaveis, ao anoitecer dos domingos de verão, os habitantes das villasinhas de provincia!...

---

Vieram dizer-me esta manhã que o meu fo-reiro Joaquim Marques foi encontrado morto no meio da sua seara.

Pobre Joaquim!

Ainda ha pouco mais de uma semana falei com elle na extrema da quinta.

«Bôas tardes, Joaquim!»

«Deus a salve.»

Que homenzarrão, forte, espadaudo, bello e tranquillo!

Morto no meio da sua seara...

Comprara aquelle pedaço de charneca arida, pedregosa e esteril e transformara-a em terra de pão.

Era o creador da seara, o deus grande e forte que presidia aos destinos da seara.

Quando eu passava pelo meio das espigas já quasi maduras e ouvia o sussurro profundo da infinidade de vidas que pululavam entre o trigo, pensava:

«São os ruidos mysteriosos e doces, sem causa apparente, os ruidos do trabalho incessante dos incançaveis obreiros que, por toda a seara que é um mundo, edificam, destroem e transformam; são cantos de amor, gritos de batalha, soluços de agonia; são as vozes e os movimentos de milhões e milhões de operarios de vida e de morte, soffrendo, gosando, produzindo o bem e o mal, impellidos pelo seu instincto, tratando de si,

não vendo os outros senão para os devorar, contribuindo para a obra colossal da natureza sem darem por isso... tal qual os homens. Tal qual os homens porém mais modestos porque não pensam, não conhecem a vaedade e não se julgam deuses capazes de mudar, com as suas guerras e com as suas leis, a face da terra.»

Penso na morte do Joaquim Marques... Deve ter sido assim:

Uma vez, ao meio dia, sob o ardor esbrazeante do sol, o homem entrou na seara e foi andando devagar pelo carreiro estreito entre a multidão das espigas maduras que o peso do grão curvava e se emaranhavam tomando o caminho.

« Amanhã principia a ceifa », pensava o homem com os olhos a luzir de orgulho.

O orgulho de um deus.

Amanhara a terra inculta, bravia e esteril e obrigara-a a produzir a abundancia e a riqueza.

A seara era a sua criação.

O seu gesto largo de semeador fizera brotar do chão arido o pão que alimenta o mundo.

Estendia a vista pela seara ondulante e dourada; conjecturava quantos moios de trigo arrecadaria no celleiro no fim da debulha.

Pensava na venda, fazia o calculo dos lucros. Com esses lucros compraria mais outro pedaço de charneca; depois outro e mais outro ainda...

De cabeça erguida e abrigando os olhos com a mão por causa do ardor do sol que os en-

candeava, ia mirando e remirando aquella charneca sem fim que elle transformaria n'um infinito campo de oiro.

Como todos os sonhos dos deuses, o seu não tinha limites.

O ar quente e os perfumes da seara subiam em torno d'elle como fumos de incenso; e os milhões de vozes obscuras e confusas que, juntas, eram a voz da seara, cantavam á sua volta acções de graças pela grande gloria de viver.

De repente...

Uma vertigem, a luz dos olhos que lhe fugia, um arranco supremo... e o deus cahiu por terra fulminado.

Morto!

Tantas espigas quebradas, perdidas! Tantas multidões de insectos aniquiladas! Cidades inteiras em ruinas, baluartes destruidos, ninhos de amor desfeitos... uma devastação immensa.

Mas a seara é tão grande!

Quem passava no caminho lá no oiteiro, não via mudança alguma no oceano de espigas que ondulavam. E só, dias depois, os ceifeiros descobriram o cadaver.

Já os insectos se tinham esquecido de que elle fôra um deus; e sobre a carcassa iam cevando os furiosos appetites.

---

A minha casa é situada no alto de uma colina e visitada com frequencia pelo vento.

Arremetidas violentas de tufão; as portas e janellas sacudidas com uma força brusca e imperiosa. As madeiras estalam; a casa estremece. Lá fóra, ruidos sinistros entre as ramarias das arvores que vergam, se torcem, gemem, teem vozes cavernosas e profundas como o mar. E ha um grande tumulto em volta da casa; silvos agudos e prolongados, afflictivos como signaes de alarme.

Depois, de repente, sem transição, o vento cessa e vem o silencio.

E, succedendo-se d'este modo inesperado ao *sabbat* furioso da ventania, o silencio é inquietador; durante a noite povôa-se de ruidos quasi imperceptiveis que se enovelam e se baralham; ruidos pequeninos, curtos, irregulares, que se espalham pelo campo, que envolvem a casa, que enchem os quartos deshabitados, como um sortilegio.

O que são? Um ralo, uma rã no tanque, a gargalhada de uma raposa ao longe, o pio de um mocho, o passo vacillante de alguem que se demorou demais na taberna e volta para casa pela estrada deserta e escura, com a cabeça tonta e o estomago doente; a pancada batida a medo n'um tronco pelo machado de um ladrão de pinheiros; uma taboa do sobrado que estala de repente; uma cadeira de vimes que geme sem motivo; o traba-



lho intermittente do caruncho; um insecto que poisa n'uma corda da guitarra...

Estes são os ruidos incertos, que variam, que não são esperados, que interrompem sem regularidade o silencio da noite e me sobresaltam um pouco.

Mas ha outros que são uma companhia e um conforto.

Os grilos da minha lareira, como elles cantam!

O seu grito vibra nô silencio: um trilo curto, agudo, um guizo pequenino agitado em cadencia pela noite fóra, sem descanço, sem um desfalecimento, sem uma distracção, enchendo a casa de santas evocações, enchendo-me o coração de simples contentamento e o cerebro de ideas tranquilas.

Os grilos da minha lareira falam-me dos lares humildes espalhados por essa charneca e onde elles cantam a noite inteira embalando o somno profundo do bom trabalhador da terra. Nunca um grilo da lareira cantou n'uma casa desordenada, n'uma casa onde pairasse a inquietação de uma consciencia perturbada. O canto do grilo na lareira é a recompensa das vidas simples e do trabalho corajosamente accete santificando a existencia do trabalhador. O seu trilo acompanha docemente o nascimento das creanças, a morte dos velhos, os momentos de lucta e de tristeza, de paz e de alegria e diz:

« Para deante... para deante... »

Depois ha o relógio, cujo pendulo bate uma pancada tão forte que, no silencio da noite, se ouve pela casa toda; uma pancada igual, inalteravel, calma, pela qual se regulam as pulsações das minhas arterias. E as horas sôam, graves e dôces como um aviso e um bom conselho:

«Não percas tempo» dizem as horas. «O minuto que passa não volta mais. Aproveita. A tua vida é curta. Enche-a; torna-a util. Quando a minha voz marcar a tua ultima hora, é preciso que possas recapitular todas as outras e que ellas passem deante de ti, carregadas de utilidade».

Estas vozes pequeninas e humildes falam mais alto ao meu coração do que as vozes humanas.

Dizem-me palavras eternas, sempre as mesmas e sempre variadas, e enchem de paz e de belleza o meu silencio. Ensinam-me coisas que os homens nunca me ensinaram.

Quanto maior é a minha solidão, melhor as entendo.

Nas noites em que o vento se cala e o silencio bemdito cae sobre a minha casa, como eu me sinto feliz ao escutar as vozes pequeninas e humildes!

Apprendo as suas lições com religiosidade e reconhecimento; e vivo em paz commigo mesma.

---

Tenho tres criadas.

Não preciso de tantas; mas todas tres estão na minha companhia ha muito tempo e nenhuma d'ellas me quer deixar.

«O meu dinheiro não chega para pagar os ordenados que vocês merecem», digo-lhes eu.

Respondem:

«A gente só precisa de poucochito para mandar aos velhos, lá na terra».

«E se eu vos despedir?»

«A gente fica á mesma», declaram ellas acotovelando-se e rindo.

«Vocês são novas e alegres; a vida aqui é triste».

«Pois é por isso mesmo que a senhora precisa da gente».

E nunca me deixaram.

São fieis e dedicadas. São incomparaveis enfermeiras. Servem-me com devoção. Respeitam as minhas horas de trabalho e o meu gosto pelo silencio. Adivinham-me os pensamentos. E, convencidas de que sou um phenomeno de perfeição, empenham-se em copiar a minha alma.

Interesso-me por ellas; sou sua amiga. As suas vidas humildes, as suas tristezas e as suas alegrias teem um echo no meu coração.

Uma d'ellas veiu da sua aldeia directamente para a minha casa. A sua aldeia fica a seis leguas da estação do caminho de ferro. Nunca tinha vis-

to o comboio. Chegou á minha porta como uma selvagem, com os olhos redondos de assombro, ignorando tudo e de pes nús mettidos nos sapatos novos de atanado.

As outras duas serviram algumas casas na cidade antes de entrarem para o meu serviço. Porém a serenidade da sua vida presente e o bom ar puro e agreste da charneca apagaram as impressões más e fugitivas d'esse periodo.

Todas tres teem o amor sadio pelas cores vistosas e o gosto pelas alegrias singelas.

O cheiro do rosmaninho embriaga-as com evocações de fogueiras de S. João, de bailariços nas eiras, de ceifas vibrantes de cantigas e de sol.

Orgulham-se de ver a minha salgadeira cheia, os chouriços bem curados, os presuntos loiros no fumeiro, as minhas arcas atafalhadas de linho que perfumam religiosamente com folhas de rosas secas e rocas d'alfazema.

Quando falam com gente de fóra, inevitavelmente o assumpto é a *nossa casa*; e tal é o calor que tomam na enumeração das maravilhas e perfeições do arranjo da *nossa casa* que, Deus lhes perdôe! muitas vezes vão além da verdade.

Aos domingos, quando sahem de tarde a passear, não escolhem o caminho da villa, mas sim o campo, o matto, o pinhal, sobretudo a charneca. Levam a cabeça descoberta e voltam com muitas correrias e algazarras pelos carreiros desertos,

exuberantes da alegria acre que sobe da terra ao encontro das suas almas sadias e fortes.

São caridosas para os pobres que batem á minha porta e compassivas e protectoras para todas as desgraças e infortunios que se nos depa-ram.

Nada sabem do que vae por esse mundo. Se tento explicar-lhes um pouco a guerra, o encarniçamento das batalhas, os inventos horriveis de destruição e de morte, escutam-me attentas e immoveis, de mãos cruzadas sobre o estomago, com recolhimento, com beatitude, com o mesmo olhar completamente vasio de comprehensão com que d'antes, lá nas suas terras, escutavam na egreja, em dias de festa, o senhor prior que prégava sermões tão lindos, cheios de palavras em latim que ninguem entendia.

E é para mim uma grande fortuna e um grande repouso viver na companhia d'estes cerebros calmos onde a loucura das paixões humanas, n'este momento desencadeadas pelo mundo, não encontra um echo nem um reflexo.

Almas simples para as quaes a vida é agora o que sempre foi: um regato pequenino a correr, a correr com um marulhar dôce de cantiga, levando sobre o calhao rolado do fundo e entre os juncos hirsutos das margens, as mesmas alegrias, as mesmas tristezas resumidas, limitadas ao chão que a sua agua atravessa, ao cantinho de ceu que a sua superficie reflecte.

O pedacito de chão, o cantinho de ceu...

De que serve saber-se que o mundo não acaba alli se n'aquelle chão se nasce, se ama, se trabalha, se morre e se n'aquelle ceu ha tantos santos que fazem milagres e tantos anjos promptos a virem buscar para a bemaventurança eterna, as almas que na terra não tiveram contentamento?...

---

Está a noite quente e linda.

Acabei de reler o *Nabab* de Daudet e fui sentar-me no terraço a pensar, a sonhar...

Ter uma imaginação tão intensa e agitada como a de Mr. Joyeuse é afflictivo. As alternativas violentas entre a phantasia e a realidade, succedendo-se sem interrupção, devem transformar as ideas em martelos e cançar o espirito até ao exgotamento.

Mas poder sonhar sem que o sonho nos escravise e dê modo que seja, em vez de uma fadiga, um repouso; fazer do sonho umas grandes azas que nos elevem acima de todas as dôres, um philtro encantado que attenuue o nosso soffrimento em frente das miserias da realidade, um manto de misericordia lançado sobre a maldade, uma espessa muralha a separar-nos das paixões más; fazer do sonho uma redempção... que privilegio para os desherdados da sorte!

Nas horas peores, quando tudo escurece, os horisontes se fecham, a esperança foge e o desespero se aproxima, devagar, com passos cautelosos e seguros como um ladrão, é dôce dascançar os olhos da alma em hypotheticas e misericordiosas perspectivas. As miragens passam, serenas ou agitadas, definidas ou vagas, conforme os momentos; e o pensamento segue-as e esquece o tempo que vae correndo e entretanto arrasta para longe o desanimo, a tentação...

Não me digam que é mau sonhar, que a vida deve ser *sempre* encarada como ella é, sem que o veu piedoso da phantasia lhe esfume os contornos asperos e a nimbe com a aureola do ideal.

De todos os dias da minha vida, os melhores, os unicos que realmente contam, são os que se encontram envolvidos, aquecidos, illuminados, arrastados pelo sonho: sonho de felicidade, sonho de perfeição, sonho de fé, sonho de entusiasmo, sonho de esperança... sonhos que variam e se modificam á medida que os olhos se afundam nas orbitas, a bocca murcha, se cavam as rugas e os cabellos embranquecem.

A vida de cada um de nós occupa tão pouco espaço e é coisa tão insignificante! As alegrias, quando as temos, são curtas e ha tanta desproporção entre as nossas dores e o nosso tamanho! Se nos limitarmos a ver e a sentir apenas o que a realidade nos dá, difficilmente nos defenderemos

da revolta, do tédio, do azedume ou da melancolia.

Ha, sem duvida, creaturas que possuem magnificas realidades; mas são tão raras! E afinal a realidade acaba por cançar, mesmo os felizes da terra. O desejo vôa e não conhece limites. Riqueza, fama, poder, amor... qual é o mortal que pode gabar-se de uma felicidade perfeita, baseada n'estes bens reaes, se o sonho os não valorizar?

A realidade não é susceptivel de ser governada pelos homens; é rigida como o ferro se queremos torcel-a; se queremos agarral-a torna-se fluida como a agua que se nos escapa entre os dedos.

Que realidade valerá os sonhos que tão docilmente se transformam e se modificam segundo os nossos gostos e que possuem a deliciosa magia de se adaptarem ás diferentes edades, aos diferentes estados da alma, ás successivas ambições que nos vão balisando a existencia?

Os meus sonhos sou eu que os modelo e os altero segundo a minha vontade; e nenhuma força humana é capaz de me privar da riqueza, do poder, da paz e dos triumphos que elles me dão.

Penso ás vezes que, se por triste desventura, me arrastassem um dia para o isolamento de um carcere, lá mesmo eu sonharia. Podem prender, acorrentar o meu corpo, impedir os meus movimentos, torturar-me, roubar-me thesouros, isolar-me d'aquelles a quem mais quero no mundo; mas não podem prender-me o espirito nem quebrar as

azas do meu sonho, que me elevam acima de todas as miserias; nem podem arrancar os olhos do meu sonho que vêem com tanto dó, as fraquezas e as maldades do mundo.

Na hora em que eu deixar de sonhar estarei perto de morrer. E, mesmo quando chegar a minha ultima hora... quem sabe?

A felicidade á qual mais ardentemente aspiro é que, mesmo no momento da agonia, me seja concedido sonhar ainda, afim de poder morrer... perdoando.

---

O meu grande amigo Diniz que veio passar uma semana commigo disse-me um dia d'estes:

«Quando eu era novo, tinha ideas erradas sobre muitas coisas. Imaginava que devia ser intransigente nos meus principios e que a grande esperteza da vida consistia em não me deixar enganar pelo proximo».

Encolheu os hombros com um sorriso melancolico de desdem por aquellas ideas antigas que já não eram as suas e concluiu:

«Illusões!»

Sentada defronte d'elle no meu tropeço de cortiça, descancei a costura no collo e levantei os olhos á espera do resto.

O meu velho amigo Diniz gosta de pensar em voz alta quando está na minha companhia. E fala,

fala... Às vezes chego a persuadir-me que se esquece da minha presença e que faz assim as suas considerações, sobretudo para si, ordenando os pensamentos com o vago pretexto de os explicar a alguém que o escuta em silencio sem lhe quebrar, com inúteis interrupções, o fio das ideas.

E assim vae desenrolando as suas theorias, fructo de uma longa e proveitosa pratica da vida.

«O grande segredo para alcançarmos a felicidade relativa a que n'este mundo podemos aspirar é, antes de mais nada, vivermos em paz com a nossa consciencia», proseguiu elle. «Esta verdade fundamental tem sido repetida tantas vezes que passou a ser, quasi, um logar commum e perdeu assim a profundidade do pensamento primitivo. Viver em paz com a propria consciencia é das coisas mais difficeis que existem. A cada passo o caminho do dever se bifurca e, ao segui-lo, temos com uma desesperadora frequencia, de parar, cheios de perplexidade, nas encruzilhadas. O povo do campo na nossa terra, costuma collocar uma cruz nas encruzilhadas solitarias, explicando que o faz afim de afugentar o demonio que junto d'ellas costuma rondar para enganar os caminhantes e induzil-os a tomar a estrada que menos lhes convém. O povo tem sempre razão. Nas encruzilhadas do dever, surge-nos o demonio das paixões, do desejo, das tendencias, dos gostos, do egoismo, que nos mostra o caminho errado persuadindo-nos com facilidade de que é aquel-

le que a nossa consciencia nos impõe. São ciladas inevitaveis nas quaes a fraqueza da nossa alma imperfeita cahe com frequencia. É preciso collocar com solidez nas encruzilhadas do dever, a cruz da renuncia a cruz inflexivel da consciencia, afim de afugentar o demonio da tentação».

Passou a mão pela cara muito feia toda marcada por fundas cicatrizes de bexigas, cofiou a barba rara e esgrouviada e, fixando em mim os olhos limpidos e bons que sorriam, perguntou-me:

«Porque sabe o diabo muito?»

«Tenho ouvido dizer que é por ser velho», respondi eu. «Mas o motivo deve ser outro; a velhice só por si não fornece conhecimentos».

«Tens razão», disse elle. «É preciso empregar conscienciosamente a vida na observação do que nos rodeia e, sobretudo do que se passa no nosso intimo, para sabermos muito, quando chega a velhice. E nada é desprezivel nem insignificante. Cada miseria, grande ou pequena, traz o seu ensinamento que não devemos perder».

E, voltando ao principio das suas reflexões, repetiu:

«Imaginava eu, quando era novo, que devia ser intransigente nos meus principios e que a grande esperteza da vida consistia em não me deixar enganar pelo proximo. Tudo isso são vae-dades, erros graves. Só a bondade conta; e, emquanto o não entendermos, andaremos ás escuras. Pensar que o dever e a rectidão impõem uma

estabilidade marmorea ás nossas opiniões, é seguir um mau caminho; um caminho que nos leva insensivelmente á convicção de que somos infalíveis e, endurecendo-nos, nos arrasta ás perigosas intransigencias que nos isolam e criam á nossa volta um circulo de gelo onde os affectos se estiolam e os sentimentos se azedam. De resto, a presente guerra que veiu derrubar tantos sonhos e resuscitar tantas paixões que pareciam mortas e para sempre enterradas nos seculos idos, não é a melhor lição e o maior castigo para a vaedade das nossas illusões? Muitas vezes, n'um impulso de momento que, na maioria das vezes, esconde o demonio do egoismo ou da colera ou da revolta, decido proceder de um modo determinado; no dia seguinte, depois de reflectir, mudo de idea. Antigamente cuidava eu que era indispensavel á integridade do meu brio, manter intacta a minha primeira opinião. Hoje penso diversamente e procedo segundo o ultimo conselho da minha razão, que é sempre o melhor. Se tive a ingenuidade de participar a alguém a minha primeira opinião, esse alguém vendo-me depois proceder dê um modo differente, diz com desdem: — Ventoinha! — Mas não me importo. Já passei ha muito o estreito perigoso em que o desejo de ser louvado pelos outros nos tenta mais que a satisfação intima da consciencia. Reconheci que os louvores dos outros são brisas variaveis, sopradas pelo interesse, pelo respeito das conven-

ções, pelo snobismo, por mil motivos interesseiros, egoistas, superficiaes ou então profundos escondendo um fim extranho que alvejam atravez de mim e que é alheio ao meu acto. Inutilidades! Coisas ôcas! Mal alimentado anda quem procura sustentar-se com os louvores dos outros! Hoje perdi essa falsa vergonha e vivo mais contente».

Falou-me n'essa tarde de varios outras coisas e, entre ellas, da maneira como encara a intenção que por vezes surprehende nos outros, de o enganarem.

«Ninguem é perfeito», disse elle. «E antes de mais nada, em taes casos, convém sermos indulgentes; em vez de nos enfurecermos ou de nos indignarmos, em vez de obedecermos, á tentação má de oppôr ao ardil alheio a nossa esperteza ou a nossa colera ou o nosso rancôr—o que nada remedeia e só acrescenta a um mal outro mal—devemos encarar o procedimento de quem assim nos offende, com doçura, com bondade, com um espirito superior que nos salve de nós mesmos. Porque a minha longa pratica da vida e o meu commercio com os homens trouxeram-me a convicção de que não temos no mundo peor inimigo do que o nosso proprio *eu*; e que é elle sempre quem mais nos offende e quem maiores males nos causa».

O meu amigo Diniz calou-se um momento e olhou para fóra, para o jardim todo florido. O seu silencio prolongou-se tanto que cheguei a pensar

que se esquecera de mim e do assumpto que estava tratando. Mas de repente continuou como se no seu discurso não tivesse havido interrupção:

« Quando percebo em alguém o desejo de me enganar, trato logo de attender á qualidade e educação da pessoa que mostra taes tenções e depois, ao fim que alveja. Estudando escrupulosamente estes dois pontos, é raro não encontrar uma explicação que desarma o meu instincto animal de defeza, bruscamente accordado. N'esta investigação tenho o proposito de chegar a uma solução pacificadora. Sendo possivel, farei a diligencia de demonstrar á pessoa de quem se trata que, enganando a minha bôa fé pratica uma má acção ou desenvolve um defeito que é preciso emendar, não para meu beneficio, mas sim para o seu proprio aperfeiçoamento. Se não fôr possivel, ou pelo mal ser incorrigivel ou por essa pessoa se encontrar n'uma situação inaccessible aos meus bons conselhos, contentar-me-hei com o esforço de vencer a minha propria irritação e de me convencer que o mais enganado não sou eu, que perdi qualquer quantia de dinheiro ou qualquer illusão, coisas insignificantes comparadas com o que o outro perdeu no meu conceito e perante a propria consciencia. O povo costuma dizer:—O mal fica mas é com quem o faz.— É d'esta verdade enorme que tenho procurado convencer-me durante muitos annos de esforços feitos para triumphar das cegas paixões de momento, do impeto perigoso dos pri-

meiros impulsos. Hoje sinto-me tranquillo. Perdi o máu habito de me zangar. É um habito pessimo que nunca remedeia coisa alguma, incommoda os outros e altera a nossa paz interior cuja constancia é tão necessaria. No limiar da velhice preparo-me para entrar n'ella com o espirito liberto de azedumes e trasbordante de indulgencia. Espero que a Velhice—esse tremendo espelho de augmentar onde se vão refletir sempre todas as boas qualidades que desenvolvemos pela vida fóra e todos os defeitos que imprudentemente deixámos medrar em nós—espero que a Velhice, reconhecendo o meu longo e constante esforço, me seja clemente poupando-me ao egoismo, á acrimonia, á incompreensão e á desconfiança, que são os maiores flagellos com que ella costuma castigar os homens que não quizeram ou não souberam preparar-se para a inevitavel passagem pela ante-camara da morte.»

Escutava-o com attenção e pensava na sua vida. As coisas que elle dizia não eram novas. Muitos prégadores as repetem em pulpitos diversos. O que as tornava para mim importantes era o facto de serem ditas por um homem que não as recitava como doutrina ou ensinamento para uso alheio, mas sim como um simples desabafo do seu pensar, como uma confidencia do seu proceder intimo; um homem que atravessara uma existencia inteira de tribulações, soffrendo persegui-

ções e injustiças, tendo mais que outro qualquer o direito de ser duro e amargo.

Como se adivinhasse os meus pensamentos, disse :

«Agradeço-te o favor de não me chamares *santo* e de não mostrares admiração pelo que acabo de te dizer. Sabes ouvir, sabes entender e sabes ficar inteligentemente calada. São qualidades raras e que aprecio. É por isso que tenho prazer e consolação em falar contigo. O que penso e o modo como procedo não é o resultado de um mystico amor pela virtude nem um estoico desejo de perfeição. Se o fosse e eu contasse as minhas conquistas sobre mim mesmo, deixaria por esse facto de ser virtuoso e de ser estoico; a virtude christã deixa de existir desde que o fiel se considera virtuoso; e o estoicismo despreza aquelle que narra os seus actos estoicos. Se penso como penso e procedo como procedo, é por ter chegado á conclusão de que é este o processo mais efficaz de obter a parcella de felicidade que nos é permittido alcançar neste mundo. Se todos fizessem como eu, teriamos o ceu na terra. Infelizmente isto é uma questão de temperamento, auxiliado por uma persistente força de vontade e tambem por circumstancias especiaes da vida. Tenho tido a fortuna de soffrer muito, de medir a maldade dos homens, sem compensações ás minhas dôres e aos meus desenganos e em condições de isolamento e de silencio consideravel-

mente propicias ao desenvolvimento do raciocinio e da ponderação. Assim, sem conforto d'alma e sem conselhos e commentarios alheios, a necessidade obrigou-me a procurar nos meus proprios recursos o melhor remedio a tantos males. E, n'esta diligencia, descobri que a dôr, bem aproveitada, é o caminho mais seguro da unica felicidade verdadeira e estavel: a que se alimenta com a força da nossa alma e, desprezando as contingencias de fóra, nos dá a paz interior.»

---

O meu amigo Diniz, quando vem visitar-me, costuma sentar-se de tarde n'uma cadeira de braços junto da janella; e então fala, fala...

Installo-me n'um tropeço de cortiça defronte d'elle com a minha costura; vou cosendo e vou ouvindo.

Hontem o meu amigo disse-me:

«*Tu*, sabes escutar. Saber escutar é coisa rara e muito difficil, sobretudo entre as mulheres. As mulheres são como os pardaes: não podem estar quietas, não podem prestar attenção durante dois segundos á mesma coisa. Cantam, piam, chilreiam, saltam constantemente de um lado para o outro, alisam as pennas e procuram os raios do sol para as fazer brilhar; põem a cabeça á banda com um ar atrevido, comem um grãosito de alpista

aqui, um mosquito acolá; teem uma infinidade de movimentos graciosos e rapidos, remiram tudo com os olhos muito vivos que parecem inteligentes mas não o são; dão fé de cada ruido, de cada agitação sem comprehenderem o que se passa e teem uma pitada de mioloõ dentro do craneo pequenissimo porém revestido por fóra de plumagem macia e linda.»

O meu amigo Diniz interrompeu-se um momento para accender o cigarro e continuou gravemente:

«Entre as aves só o papagaio, a pega e o corvo, sabem escutar. Escutam com avidez, com um modo sisudo e recolhido, com uma fixidez de olhar que nos convence da sua attenção profunda. Escutam immoveis e, de vez em quando, fecham os olhos um instante com um ar solemne de comprehensão; inclinam a cabeça, teem a espaços um movimento vagaroso de deglutição como se absorvessem as nossas ideas para as digerir proveitosamente. Mas quando por nossa vez nos dispomos a ouvil-os, esperando uma resposta, uma observação, um commentario ao que acabamos de dizer, temos a surpresa e o desgosto de constatar que todo' aquelle trabalho intenso de cerebro, toda aquella attenção aguda, serviu apenas para lhes gravar na memoria uma phrase qualquer que, por acaso, repetimos varias vezes no curso da nossa dissertação. Tinhamos sido eloquentes, tinhamo-nos elevado ás nuvens; só retiveram uma

phrase. Essa phrase impressionou-os, não pelo sentido porque, assim isolada, não tem sentido; mas unicamente pelo som. Gostaram do som, nada mais.»

Tendo reaccendido o cigarro que se apagara, o Diniz foi dizendo:

«Acontece frequentemente sobre esta phrase enxertarem outra, apprendida pelo mesmo processo; e sobre essa, outra e mais outra. Depois repetem aquillo tudo a seguir, com ares entendidos e fazem grande figura entre as outras aves que não sabem falar.»

«Não são só os papagaios, os corvos e as pegas que escutam com attenção», disse eu indignada.

E querendo confundil-o, comecei:

«As aguias...»

Mas interrompeu-me logo:

«Sim, sim... as aguias, os milhafres, os mochos... Imaginas que escutam; mas a verdade é que não prestam a minima attenção ao que lhes dizemos. Defronte de nós, immoveis e enigmaticos como esphynges, deixam-nos falar durante horas sem nos darem o mais ligeiro indicio do que lhes vae no pensamento. No fundo, desprezam-nos. São aves de rapina; para ellas só tem interesse e só existe... a presa. Emquanto falamos e julgamos que nos escutam, a sua attenção está concentrada n'um objecto longinquo: uma ninhada de ratos que projectam devorar, uns frangos in-

cautos que teem o hábito imprudente de vaguear á noitinha longe da capoeira, um cabrito doente que ficou na pastagem, mal guardado por um cão distraído. Se pudessem, enquanto falamos, devorar-nos-hiam o coração. Repara: nos olhos esgazeados e immoveis que te fitam como os olhos horriveis de um espectro, surprehenderás por vezes a passagem de um relampago: um clarão breve de cubiça ardente ou de fria e triumphante crueldade.»

E repetiu deliberadamente:

«São aves de rapina».

A minha indignação crescia; larguei á costura.

«Na sua opinião», disse eu muito agitada «as mulheres são todas, ou futeis como os pardaes, ou palradoras sem entendimento como os papagaios, ou avidas, insaciaveis e crueis como os mi-lhafres e os mochos».

«Eu não disse isso;» respondeu elle com doçura «disse apenas que nem ellas nem os passaros sabem escutar. Não entendem; por um motivo ou por outro são incapazes de prender a attenção seja ao que fôr. Não assimilam as ideas que desejamos incutir-lhes. Vêem tudo sob um ponto de vista commodo e falso. Não se obrigam ao minimo esforço mental».

O seu ar melancolico amansou-me.

«Algumas, talvez;» concordei para fazermos as pazes «mas não todas. Entre as aves tambem ha excepções. Como havia o rouxinol de cantar

tão maravilhosamente, se não escutasse as vozes da natureza e não as glorificasse com a sua paixão? Como se aventuraria a andorinha a viver tão perto dos homens se os não escutasse e não percebesse o amor e a superstição que a defendem contra todos os perigos?»

O meu grande amigo respondeu:

«O rouxinol tem uma configuração de garganta que lhe permite cantar melhor que os outros passaros, dar á sua voz modulações mais doces e imprimir ás suas phrases uma duração e uma sequencia que chega por vezes a parecer um pensamento musical. Mas essa superioridade natural só tem como resultado tornal-o vaedoso e obtuso. Escutar!... O rouxinol só escuta com attenção e delicia o proprio canto que elle julga um attributo divino e incomparavel; e, além do seu canto, só escuta os applausos e as adulações das outras aves. O resto entra-lhe por um ouvido e sahe-lhe pelo outro sem deixar vestigios na pitadinha de miolos que o seu craneo de passaro encerra».

«Mas a andorinha...» insisti eu.

«A andorinha é uma bôa dona de casa e uma excellente mãe de familia. Não escuta os homens, não os vê sequer; quanto mais comprehendel-os! Na escolha do local para a construcção do seu ninho, presidem apenas duas ou tres considerações breves e simples: uma parede solida onde o apoia, um beiral que o abrigue, a proximidade de

um ribeiro, de um tanque, de um charco onde amasse o barro para a construcção. Nada mais. O seu mundo encerra apenas o ninho, os filhos enquanto são pequeninos, e os insectos que constituem o alimento da familia. Fóra d'este cyclo resumido, nada. Soffreguidão, orgulho, egoismo, indifferença completa pelos soffrimentos alheios. Machina reproductora e creadora de primeira ordem; mas além, dos instinctos que a guiam n'esta missão limitada, não penses que outra coisa existe na...»

«Já sei!...» interrompi eu com despeito «na *pitadinha de miolos...* Já sei».

Mas elle concluiu serenamente:

«As mulheres são como os passaros».

Ora estas ideas sobre as mulheres não são apenas do meu velho e obstinado amigo; são de quasi todos os homens. Com a differença que os outros, em logar de analysar com tanta paciencia e delicadeza estas fraquezas, as constata grosseiramente e usam e abusam d'ellas em seu proveito.

É triste.

Mas... ó minhas irmãs, de quem será a culpa?...

---

Quando hoje voltava da estação onde fui acompanhar o meu amigo Diniz e despedir-me d'elle, a legua e meia da minha casa quebrou-se o eixo da carruagem e tive de fazer a pé o resto do caminho.

Ceguei cançada e esse facto entristeceu-me vagamente. Fazia d'antes tão grandes caminhadas sem fadiga!

«Será uma diminuição de forças?» pensei eu «Será um pronuncio de velhice?»

Este ultimo pensamento levantou-me o espirito. Desejo a velhice ha tanto tempo!

Sentei-me n'um banco do meu jardim a descansar. A tarde estava morna e serena e o silencio do Outomno era profundo.

Comecei a recapitular coisas antigas e a phantasiar o futuro, invadida por um crescente bem estar.

A pouco e pouco a imaginação foi-se-me turvando e julgo que passei pelo somno.

Um leve ruido de passos fez-me abrir os olhos e vi defronte de mim uma extranha e inquietadora figura de mulher ajoujada sob um fardo que trazia ás costas.

Approximou-se e, poisando no meu hombro a mão descarnada e fria, conservou-se uns momentos silenciosa.

Ao fital-a mais cresceu a minha inquietação, porque o seu aspecto não tinha estabilidade; ora

me parecia linda e serena, ora medonha e agitada; ora um vinco de amargura lhe sulcava a fronte, ora um suave e luminoso sorriso a transfigurava. A espaços cobria-lhe o rosto uma máscara pintada inexpressiva e ridícula; e, de repente, sob uns bandós lisos e brancos de neve, resplandecia um olhar de calma e infinita bondade.

Mas eu agora já a conhecera.

«Sabes quem eu sou?» perguntou ella afinal.

«Sei. És a Velhice».

«Tens medo de mim?»

«Porque havia de ter medo? És tão inevitavel como a Morte; não devemos ter medo do que é inevitavel».

«Parece-te que venho cedo demais?»

«Não. Sei que procuras as mulheres mais cedo que os homens, sobretudo aquellas que teem soffrido muito. Esperava-te».

«Não te revoltarás contra mim? Não tentarás lutar commigo?»

«É tão inutil! Vences sempre; e quem ousa lutar contigo, só obtem um triste simulacro de victoria bem mais doloroso que a derrota. Podemos submeter-nos a ti com dignidade; mas quem julga vencer-te, engana um pouco os outros, completamente a si proprio e só alcança o ridiculo, o peor de todos os males que trazes n'esse fardo».

«Sabes o que trago aqui?»

«Sei».

«E, sabendo-o, não me tens horror?»

« Não. Cumpres um dever espalhando a tua semente. Mas a tua semente é bôa ou má, não pelo que vale, mas pela qualidade da terra onde cahe ».

« É então de bôa qualidade a tua terra? »

« É uma terra preparada ».

« Foste tu que a preparaste? »

« Não; foi a vida. Foi sobretudo a dôr ».

« Ah!... » exclamou a Velhice.

E senti no meu hombro quanto a sua mão se tornava mais leve.

« Parece-te então que tens coragem para ver o que trago no meu sacco? »

« Parece-me que sim. A Mocidade trouxe-me taes presentes escondidos entre as flores do seu cabaz, que os teus difficilmente me podem assustar ».

« Vê », disse a Velhice entreabrindo o sacco.

E eu vi logo ao de cima, fervilhando como um monte de caranguejos vivos, os achaques da idade que tornam os cabellos brancos, a pelle enrugada e de côr terrosa, a bocca desdentada, os dedos deformados, a espinha curvada em arco, o olhar baço, a voz quebrada, as mãos tremulas, a cabeça oscillante, a intelligencia amortecida, todos os males e todas as miserias que nos preparam para a morte.

« A estes », disse eu « ninguem foge. Não me assustam porque saberei acceital-os sem azedume, o que os torna muito mais supportaveis. Mas

quero ver os outros; os outros entre os quaes me é dado escolher».

A Velhice remecheu no sacco e os outros appareceram.

Logo me deram na vista a vaedade e o ridiculo, de mãos dadas, com o seu cortejo de cosmeticos, de tinturas, de cintas diversas para corrigir deformações, de drogas complicadas e de lamentaveis mascaras de juventude. E logo depois vi a rabujice, a desconfiança, o feroz egoismo e a longa e fastidiosa theoria dos queixumes e das lamentações.

«Ah! não!» exclamei eu indignada «Revolto-me! Isso não é para mim. Atravez da minha vida, adquiri o direito de desprezar, de atirar para longe esses horrores!»

E a Velhice tornou a remecher no sacco e outras coisas vieram ao de cima.

«Aqui está o que me serve», disse eu.

E apontei umas pequeninas sombras que procuravam esconder-se.

Era a resignação, o desprendimento dos bens que pertencem á mocidade, a renuncia ás paixões de outras edades, a serenidade e a paz da consciencia, o prazer de recapitular o passado sem remorsos e de pensar na morte sem terror.

E gritei com vehemencia:

«É isto! É isto que eu quero e me pertence por direito! Ganhei-o em bom e leal combate.

Mereço-o! Conquistei-o atravez da existencia inteira. É meu!»

E estendia já os braços quando a voz de uma das minhas criadas chamando-me para jantar... me accordou.

«Ainda não chegou o momento da recompensa», pensei eu com melancholia ao entrar em casa.

Mas sentindo uma dôr rheumatica no hombro onde a Velhice poisara a mão descarnada e fria e lembrando-me do canção que principia já a quebrar-me as forças, acrescentei de mim para mim: «Quem sabe se foi sonho?»

---

À entrada da villa, a uns quatro kilometros da minha casa, ergue-se uma especie de castello com torres, ameias, ponte levadiça fingida, largas chaparias de ferro pelas portas, varandas envidraçadas, cortinas de renda nas janellas, mobilia arte nova, *garage* e illuminação electrica.

Este castello complicado que provoca a admiração e o orgulho dos habitantes da villa, foi construido ha alguns annos por um grande commerciante de pannos que tem os seus armazens e escriptorios em Lisbôa e que é casado com a filha unica de outro commerciante ainda mais rico do que elle.

A senhora que em solteira leu vagamente George Ohnet e concebeu um ideal de grandezas baseado no castello da Pena, nas scenographias de S. Carlos, nas equipagens da Avenida e nos jornaes de modas francezes, não descançou enquanto não obteve da munificencia do marido um *chateau* na provincia onde pudesse vir passar temporadas com alguns hospedes.

Ora acontece que esta elegante creatura foi minha companheira de collegio e, tendo vindo agora estar uns dias na sua casa de campo, se lembrou de me favorecer com a sua visita.

Entrou-me hontem em casa, flamante, com a saia talhada em sino e muito curta, os saltos altissimos, os canos das botas de pellica de lustro subindo-lhe pela perna acima e um casaco á militar cheio de galões. Sobre o chapéu de um tecido transparente erguia-se, tremulava e resplandecia a plumagem magnifica de uma authentica ave do paraizo.

«Querida amiga», perguntei eu um pouco estonteada com o perfume capitoso e subtil que a sua pessoa emanava «a que devo o prazer...»

«Mas ao desejo de ver-te e de conversar contigo!» exclamou ella remirando-se n'um velho espelho já quasi sem aço que tenho na minha sala e parecendo muito satisfeita com a inspecção do seu lindo rosto discretamente pintado.

Contou-me que chegara de Paris, disse-me o que era agora a moda, referiu-se ás revistas mais

aplaudidas e de repente começou a falar da guerra.

Falava da guerra com admirável volubilidade. As palavras precipitavam-se em catadupas, sobrepunham-se, cavalgavam ideas vertiginosas e diversas. As imagens succediam-se com assombrosa rapidez e variedade. O seu cerebro era um kaleidoscopio.

«Ah! O destino da mulher portugeza n'esta hora! Que missão! Quantos deveres!... Quantos trabalhos e responsabilidades!...»

Desviando um momento os meus olhos da sua figura graciosa e agitada, a minha attenção prendeu-se de repente a uma austera poltrona forrada de coiro, profunda e ampla, que adquiri n'um leilão de coisas muito velhas e que tenho em grande estima e consideração.

Pareceu-me...

Mas não podia ser; era decerto uma illusão. A tarde ia avançada, o crepusculo principiava, a poltrona encontrava-se na sombra.

«Evidentemente», continuava a minha amiga muito excitada «é preciso evitarmos que... seja quem fôr, tome o nosso logar nos soccoros a feridos, recitas e bazares, comicios, fabricação de munições, manipulação de explosivos, conferencias de propaganda, confecção de piugas e camisolas e... emfim em todas as coisas indispensaveis... como lá fóra. É preciso organizar a commissão, eleger presidente...»

Emquanto a minha amiga ia falando, nervosa, inquieta, febril, agitando no cerebro mal preparado, uma infinidade de ideas tumultuosas e imperfeitas, a ave do paraizo erguia-se sobre a pobre cabeça confusa, ondeava as pennas longas e flexiveis, leves e frageis, nas quaes se entremeava o branco e o amarello queimado de uma sumptuosidade de oiro velho.

E pareceu-me que a ave do paraizo dizia assim:

«Sou do tamanho de uma pega e tenho a voz estridente e discordante do papagaio; mas pavoneio-me nos ramos mais altos das grandes arvores da ilha Aru e faço resplandecer ao sol esbranzeante da Malasia a minha plumagem maravilhosa. Haverá no mundo coisa mais importante do que atrair a attenção, a admiração de todos os seres vivos sobre o prodigio da minha libré?»

Ouvi n'este momento um leve ruido no recanto de sombra onde se encontrava a minha veneravel poltrona e vi com assombro que ella desaparecera e que no seu logar estava uma velhinha de capote e lenço.

«Eu sou a alma da poltrona;» disse a velhinha de capote e lenço «e quero falar á senhora burgueza que ahi está, porque vivi muitos annos na casa das suas avós».

Voltei-me para a minha amiga; porém ella continuava a discursar febrilmente emmaranhada n'uma grande confusão de projectos mirabolantes

e patrióticos; não via nem ouvia a alma da veneravel poltrona.

«Que tagarelice é essa?» perguntou-lhe com autoridade a velhinha de capote e lenço» Que educação! Se no meu tempo uma senhora burgueza se agitasse e palrasse como tu... Oh!...»

Interrompeu-se suffocada pela indignação.

Mas logo continuou:

«No meu tempo!...»

Teve um risinho sarcástico, cheio de expressivo desprezo pelo presente. Havia n'esse riso o que quer que fosse de melancholia e talvez... mas não ousou affirmal-o... talvez uma pontinha de azedume.

«No meu tempo», disse ella «as tuas avós, senhora burgueza, não andavam com esses factos de mascaradas, nem com esses preparos na cara (oh! Senhor, que peccado!), nem usavam penachos como cavallinhos de cortezia. Toda a gente distinguia bem uma senhora burgueza de uma comica.

«Saíam só tres vezes no anno: a primeira, para irem á sua freguezia confessar-se; a segunda, com o seu vestido rico e o seu penteado de aparato, para verem a procissão do Corpo de Deus; a terceira, de capote e lenço (sim senhora, de capote e lenço! E muito lindas e recatadas que ellas iam!) fazer as suas compras de roupas de corpo e de casa, para o anno todo. Não palravam como tu, não tiniam como guizos, não brilhavam ao sol... Mas aquillo é que eram umas senhoras da

sua casa! O que ellas sabiam de guizados e de dôces! Como tudo andava em ordem e asseiado! Que dispensas, que arrecadações, que armarios de roupa! Não havia criada sua que puzesse pé em ramo verde. Toda a presumpção d'ellas estava no poupar. Quando ao serão, depois de lidar o dia todo, no fim da ceia a tua avó descançava nos meus braços a fazer meia ou renda ou a rezar as contas... nem tu fazes idea da paz que se espalhava pela casa toda!

«Cuidas que ella andava atraz do marido para lhe pedir dinheiro? Ou que fazia a cabeça tonta ao pobre homem com historias de reuniões, de commissões, de intrigas, de politicas, de caprichos, ou lhe estimulava a vaedade e o atordoava com mais isto e mais aquillo, a falar de coisas que não entendia? Qual! Por isso os maridos das senhoras burguezas tinham mais juizo n'esse tempo e os casaes viviam em socego e eram mais unidos e felizes. Os homens encontravam em casa a paz, coisa que agora lhes fugiu dos lares.

«Encontravam tambem a virtude; e essa virtude era tão grande e elles respeitavam-n'a tanto, que tinham vergonha de não se portarem bem e a honradez, para elles, era coisa com que se não brincava».

A alma da veneravel poltrona interrompeu-se para tossir; não falava havia muito tempo e as palavras, por falta de habito, engasgavam-n'a um pouco.

Felizmente a minha amiga, despreoccupada e

ignorando a presença da velhinha de capote e lenço, ia falando sem interrupção, absorta unicamente pelo seu embrulhado entusiasmo. E eu, fingindo prestar-lhe atenção, escutava apenas a alma da poltrona.

«No meu tempo» continuou esta «a senhora burgueza quando ouvia falar da guerra, ia logo buscar lenços velhos ao fundo das arcas para fazer fios. Não perguntava nada ao marido; deixava-o socegado. Tratava de o alimentar bem, de lhe dar forças para a lucta, de lhe fazer em casa a vida muito calma... Antes de se deitar, accendia um cyrio defronte da imagem da Senhora das Dores e, se chorava, era de mansinho e só a Virgem lhe via as lagrimas. Porque a senhora burgueza bem sabia qual era o seu dever n'aquella hora: um animo firme; um coração fiel; a resignação á vontade de Deus; e muífa serenidade para não perturbar o homem não o distrahir, não lhe affrouxar a coragem.

«Pouco barulho...

«Ah! minha senhora burgueza! Os tempos estão mudados, mas tu ainda os não entendeste. Os deveres para ti são agora outros, bem sei; mais difficeis e complicados do que eram para as tuas avós.

«Mas o espirito é o mesmo... tem paciencia... o espirito é o mesmo».

Como escurecia a mais e mais, a criada veio accender o candieiro e apenas a luz surgiu disse:

«Muito boas noites».

O que pareceu decerto burguez e provinciano á minha amiga que sorriu.

Olhei para o canto da poltrona, esperando ouvir-lhe sobre este incidente qualquer observação. Mas a velhinha de capote e lenço desaparecera.

«Isto é uma vergonha!» exclamou a minha amiga levantando-se «A tua interessante conversa fez-me esquecer o tempo e o meu marido deve imaginar a estas horas que me aconteceu algum desastre pelo caminho!»

Acompanhei-a até á porta e vi o seu automovel afastar-se pela estrada além, na direcção da villa.

Voltei á sala, olhei attentamente para a veneravel poltrona, fiz-lhe algumas perguntas e, como não obtivesse o minimo signal de vida, convenci-me de que tinha sido victima de uma illusão.

As poltronas, por muito consideraveis que sejam, não falam.

---

A chuva e o frio veem cedo este anno. Parece que estamos em pleno inverno.

Certas pessoas dizem:

«É bom ouvir a chuva contra os vidros da nossa casa bem defendida; é bom sentir as arremettidas do vento contra as nossas portas bem fechadas; é bom saber que o frio lá fóra é horri-

vel, quando estamos confortavelmente sentádos a nossa lareira onde arde um lume alegre e ronca-dor ».

Mas para mim o inverno é triste porque penso nos pobres. Não ha portas que me defendam, não ha lume que me aqueça porque tenho o coração gelado e confrangido.

Só por grande excepção passa defronte da minha casa isolada e silenciosa no meio da charneca, um privilegiado da sorte. Em compensação a pobreza passa todos os dias.

É melhor assim. Os pobres do campo são simples e bons; as suas lições são bem mais proveitosas que as dos ricos.

Todas as tardes passavam dois na estrada defronte da minha casa.

O homem, de barbas grisalhas curvado, com uma perna amputada, ia sentado sobre a albarda estripada, de onde pendia o alforge em frangalhos; e o burrito era magro, pequeno, velho, pelado, tremulo e hesitante na sua marcha.

A mulher á força de lidar, de se extenuar, de lutar contra a miseria, envelhecera antes de tempo, mirrara-se, perdera as forças; arrastava-se pelos caminhos atraz do marido, cachetica, a pedir esmola, enquanto a doença que trazia em si a não levava.

Devagarinho, muito calmos, conformados, sem uma palavra ou um gesto de desespero, passavam todas as tardes defronte da minha casa.

Todas as tardes; ao cahir da noite.

Voltavam da sua via-sacra. Tantos kilometros!

De aldeia em aldeia, de povoação em povoação, ás portas das egrejas, pelos casaes perdidos na charneca, por toda a parte onde havia gente menos pobre, que lhes acudisse.

E voltavam contentes se traziam no alforge umas codeas de pão para a ceia, a ração do burro, e se, durante o dia alguma alma caridosa lhes dera uma tijela de comida quente.

Durante estes tempos de invernia, quando eu me sentava á janella a descançar do meu dia de trabalho antes de accender o candieiro para o serão, olhava para a estrada atravez das vidraças fechadas.

Entre a bruma as suas figuras tranquillias avançavam lentamente; havia n'ellas o que quer que fosse de biblico; a tragedia das duas pobres vidas que eram dois destroços e a conformação tão profunda a todos os males, engrandeciam-n'as. Em torno dos farrapos, da sujidade, da fealdade, da fome, do frio, da doença, da ignorancia, da dôr obscura e, sem remedio, espalhava-se um halo divino.

Ah! Deus bom de misericordia e de amor, que por *elles* morreste n'uma cruz, como deve ser lindo o teu reino d'os ceus! Como deve ser grande a compensação que *lhes* prometteste! Como deve ser profundo o repouso de que *lhes* falaste

e suave o goso d'esse paraizo celeste cujo caminho na terra é tão rude!

Muitas vezes chovia; e outras vezes o vento norte soprava agudo e cortante como punhaes afiados, sacudindo-lhes os farrapos, penetrando-lhes nas carnes até aos ossos. E outras vezes o anoitecer era immovel e gelado; no poente, vermelho como sangue, recortavam-se as duas figuras teritantes curvadas sob a cruz pesada.

Esperava-os um pardieiro; paredes de pedra solta, tecto de telha vã, chão de terra batida; uma enxerga rota e suja, um lar apagado.

Accendiam a candeia, deitavam uma mão-cheia de palha ao burro, sentavam-se n'um canto, conversavam.

Um visinho que os ouvia, contou-me essas conversas que eram sempre as mesmas.

«Lembras-te?» perguntava elle «Lembras-te do tempo em que eu trabalhava? Nunca desprezei um serviço. Fazia guardas, botava coimas aos mais malhados, roçava matto, abria surribas, deitava as unhas a uma rabiça e enterrava uma relha no chão como poucos, semeava pão de sol a sol e os moleiros não queriam outro para cravar no rio as estacas dos açudes...»

«E eu?» respondia ella «Eu que era tecedeira, lavadeira e recoveira e tinha dias de estar na ribeira ainda antes do sol fóra, mettida na agua até aos joelhos, e tardes de andar tres e quatro

leguas carregada, e noites de não pregar olho, agarrada ao tear...»

«E cantavas o dia todo!» tornava elle.

«E tu não sabias o que era medo nem canceira;» dizia ella «e andavas sempre contente».

À luz da candeia que oscillava e que o vento entrando por todos os lados, parecia querer apagar, ficavam pensativos.

Chegavam-se mais um para o outro.

«Se não fosses tu», suspirava elle «o que seria agora de mim!»

«Ah! se não fosses tu», murmurava ella «já eu tinha morrido...»

Apagavam a candeia para poupar a gottinha de azeite e enroscavam-se na enxerga, sob a manta esfarrapada.

Durante alguns dias deixaram de passar á noitinha defronte da minha casa.

E hontem, á hora do costume, chegou elle sósinho, no burro.

Perguntei-lhe pela companheira.

Apontou para o ceu.

«Já lá está», disse elle.

E demorou-se, a falar d'ella.

Era ordinariamente calado. Não tinha a loquacidade dos mendigos de profissão. Não sabia pedir; não sabia agradecer.

Nunca parava com a mulher defronte da nossa porta; era preciso chamal-os para lhes dar uma esmola; mas ao passar, o homem descobria-se

defronte da minha casa como defronte de uma igreja, mesmo que não visse viv'alma. Satisfazia assim a sua gratidão.

Não tinham geito para pedir; não sabiam. Envergonhavam-se; tinham sido bons e corajosos trabalhadores até quasi ao fim da vida; nunca se costumaram ás lamurias do novo officio a que a doença e o desastre os vergara. Eram reservados e dignos na sua miseria; tinham o pudor do seu soffrimento.

Mas n'aquella tarde o homem falou, falou... Não se calava.

«Era tão bôa!» dizia elle «Não conhecia o mal. Não tenho mais ninguem n'este mundo; fiquei só. Encostado a ella aguentava tudo. Agora... agora até o sol mudou de côr.»

E por fim abalou, absorto na sua saudade.

Na volta do caminho, quando cuidava que já ninguem podia vel-o, tirou o lenço vermelho do bolso, levou-o aos olhos com ambas as mãos. Todo curvado, com os hombros sacudidos pelo choro, lá se foi sumindo no nevoeiro, sem reparar sequer por onde o burrito o levava...

Ah! Deus bom de misericordia e de amor, que por *elles* morreste n'uma cruz, como deve ser lindo o teu reino dos ceus!

---

Recebi hoje uma carta que me irritaria e me indignaria se as boas lições da vida e da solidão não tivessem dado á minha alma a serenidade e a indulgencia.

A minha prima Thereza escreveu-me seis paginas de bons conselhos e de esclarecimentos sobre a politica interna do paiz e sobre a attitude das senhoras fidalgas perante os acontecimentos.

A minha prima Thereza é dogmatica. O raio visual da sua intelligencia é curto mas a minha prima julga com elle abranger o mundo. Fóra do que ella vê, nada existe. Só ella e os seus, comprehendem e executam as ordens divinas.

Em cada uma das suas palavras sente-se a convicção dos eleitos; parece que Deus fez mais uma vez escolha entre as suas creaturas; a minha prima e os da sua grei navegam n'uma privilegiada arca de Noé sobre as aguas crescentes e tempestuosas de um segundo diluvio onde o resto, desprezível, da humanidade se afoga sem remissão.

Magnanima, lembrando-se que, apesar dos meus negros crimes, o mesmo sangue azul nos corre nas veias, soltou da arca a pomba da paz que veiu ter ao mar da minha perdição com a carta no bico á laia de raminho de oliveira.

Revestindo-me de paciencia, respondi:

« Minha querida prima Thereza.

« Começo por te pedir que procures no teu solar da provincia ou no teu palacio de S. Vicente,

«o massiço e velho armario de carvalho chapeado  
«de ferro polido, que foi exilado ha muito tempo  
«para o fundo de alguma arrecadação onde se  
«encontra na melancolica e devastadora compa-  
«nhia das aranhas e dos carunchos.

«Manda-o limpar, concertar, encerar; manda-  
«lhe polir as veneraveis e possantes ferragens  
«oxidadas, dá-lhe um logar de honra no teu quar-  
«to afim de o teres junto de ti; aproxima-te  
«d'elle com respeito e confiança. As suas grossas  
«e pesadas portas abertas, serão braços estendi-  
«dos protegendo-te e abençoando-te.

«Sabes o que elle continha no tempo das tuas  
«avós?

«Arrobas de bom senso e de estavel e solido  
«equilibrio moral.

«As prateleiras de baixo estavam cheias de  
«linho; e olha que era todo fiado em casa.

«Ao centro, no melhor logar, n'uma especie de  
«oratorio defronte de um crucifixo de marfim e  
«entre dois castiças de prata, encontrava-se uma  
«boceta de madeira preciosa do oriente contendo  
«uma reliquia. Uma reliquia verdadeira, muito,  
«muito antiga, trazida da Terra Santa por um  
«antepassado e já carregada de milagres. A re-  
«liquia do santo padroeiro da casa que nos toma-  
«ra a todos sob a sua protecção.

«No alto, a um lado da ultima prateleira, ha-  
«via um compartimento de segredo que se abria  
«como por feitiço ao carregar-se n'um botão es-

«côndido entre os lavores de um pequenino apai-  
«nelado de talha. Era n'esse compartimento que  
«as tuas avós guardavam as joias.

«Que joias! Pedras preciosas, grandes, solida-  
«mente engastadas em prata; pingentes, brincos,  
«colares, pulseiras; oiro massiço, martellado, cin-  
«zelado; rubis, esmeraldas, diamantes, pedrarias  
«trazidas pelas naus da India, pançudas e altas,  
«que vinham a bailar por esses mares taciturnos  
«e quasi desconhecidos, com a sua carga de ri-  
«quezas e as vélas enfunadas onde brilhava a lin-  
«da cruz de Christo. E cada joia tinha a sua his-  
«toria de amor ou de sangue e possuia uma alma  
«ardente e mysteriosa.

«Na segunda prateleira, se procurares bem, en-  
«contrarás uma nodoa redonda, entranhada na  
«madeira e que já não sae. É o logar onde as  
«tuas avós collocavam um frasco bojudo, de gar-  
«galo estreitinho e alto, com filetes doirados.  
«Aquelle frasco era quasi tão precioso como a  
«reliquia; continha um unguento que sarava to-  
«das as feridas.

«Era o segredo das tuas avós. Não o revela-  
«vam a ninguem. Passava de mães para filhas e  
«ellas tinham a idea que, se o ensinassem, lhe  
«fariam perder a virtude. Mas davam o unguento  
«a todos os pobres que lh'o pèdiam; e davam-n'ò  
«com tanta caridade e com tão boas palavras que,  
«afinal, sarava tanto as feridas do corpo como as  
«da alma.

«Todas as tardas vinham muitos pobres; en-  
«chiam o pateo que era bem grande. E as tuas  
«avós desciam a escada, falavam com elles, trata-  
«vam cada um pelo seu nome. Conheciam-n'os  
«tão bem!

«Todos comiam alli á hora do jantar e, quan-  
«do estavam doentes, tinham medico e remedios  
«de graça e as roupas que precisavam. Os pobres  
«das tuas avós nunca morriam ao desamparo.

«Havia muitos criados na casa, gerações de  
«criados que alli nasciam, casavam e morriam,  
«que as tuas avós herdavam com o nome, o bra-  
«zão e as joias; e perante a sua legião de cria-  
«dos, encontravam ellas na consciencia, responsa-  
«bidades graves, sagradas. Impunham-se o de-  
«ver de os ensinar, de os proteger, de os conser-  
«var no caminho da virtude com os seus conselhos,  
«com o seu auxilio, com o seu exemplo.

«Como as tuas avós eram respeitadas e ado-  
«radas, minha prima Thereza, e como era provei-  
«toso e grande o bem que ellas faziam, muito  
«quietinhas, muito serenas, com as consciencias  
«limpidas e calmas e o coração trasbordante de  
«amor!

«Se collocares no teu quarto o antigo armario  
«de carvalho como te aconselho, verás as coisas  
«que elle te diz.

«Falar-te-ha assim:

«—Sou um velho e fiel servidor e só quero o  
«teu bem. É preciso que me escutes; vaes em

« mau caminho, senhora fidalga, e por esse andar  
« acabarás dentro em pouco por espatifar o que  
« ainda resta do prestígio da tua raça.

« Os tempos estão mudados. O demonio do  
« orgulho entrou contigo. Enches a bocca de re-  
« ligião e expulsaste Jesus da tua alma.

« Perdeste o amor pela tua casa, pelo teu li-  
« nho, pelos teus criados e pelos teus pobres.  
« Fechaste o teu oratorio e vaes rezar lá por fóra,  
« em capellas novinhas em folha, a santos azues e  
« côr de rosa que cheiram a verniz. Esqueceste o  
« segredo do unguento que sarava todas as feri-  
« das; já não tens fé na reliquia do teu padroeiro  
« e só te serves d'ella agora como padrão de vae-  
« dade, exhibindo-a sem recato, apenas alguem  
« tem um defluxo, afim de a mostrares como uma  
« carta de nobreza, aos estranhos que te adulam,  
« te exploram e te escarnecem. Trocaste as tuas  
« joias antigas de fulgor discreto e profundo por  
« joias novas brilhantes e puerís. Já não distri-  
« bues a sopa aos teus pobres nem dás bons  
« exemplos aos teus criados. Os teus criados já  
« não são amigos teus; são manequins; as tuas  
« criadas entram hoje, sahem amanhã... e per-  
« dem-se. Não dás uma esmola só *tua*, no segredo  
« do teu coração. Fazes parte de sociedades de  
« fidalgas onde a esmola é dada sob condição dos  
« pobres apprenderem o cathecismo e lamentarem  
« a queda da monarchia; e o teu dinheiro cae nas  
« mãos de intrujões que simulam devoção ao an-

« tigo regimen e que amanhã darão vivas ao novo,  
« se uma sociedade republicana lhes der cinco  
« reis. Os teus pobres são vagos; não os conhe-  
« ces. O teu processo de esmola condicional e  
« longinqua, desmoraliza-os. Não te importas. A  
« tua caridade é inutil ou nociva, mas serve a tua  
« vaedade e tanto basta á tua pobre concepção do  
« amor. O que tu queres é sociedades, reuniões,  
« propagandas; deitas a tua quota no sacco, falas,  
« figuras, pavoneias-te com ares que julgas fidal-  
« gos, rezas pedindo a Deus com rancor que deite  
« abaixo os que não teem as tuas ideas e que  
« sirva o teu orgulho, e voltas para casa, com a  
« illusão de teres cumprido o teu dever.

« Máu caminho, senhora fidalga, muito máu  
« caminho!

« Deixa a politica e occupa-te da tua casa, dos  
« teus criados, dos teus pobres... Tens tanto que  
« fazer! Para que has-de falar de coisas que não  
« entendes, que nunca entendeste, e que não são  
« da tua conta? Em logar de acirrares o odio do  
« teu marido contra os seus inimigos, não seria  
« melhor apazigual-o dando-lhe o espectaculo da  
« tua alma serena e cheia de amor?

« Seres isto ou seres aquillo, tomares a peito  
« uma côr politica, um partido... não vês que é  
« ridiculo?

« Não sabes nada, não entendes nada d'essas  
« coisas. Para ti ha só um partido: o dos que sof-  
« frem, pertençam lá a que bandeira pertencerem.

«O teu dever é acudir-lhes, consolal-os, cural-os  
«com as tuas mãos brancas que não estão n'este  
«mundo senão para tratar de todas as feridas.

«No tempo da monarchia houve em Portugal  
«uma grande senhora que soube ser fidalga. Foi  
«a unica d'estes ultimos tempos. Olha para o  
«rasto de luz que ella deixou ao apagar-se! Não  
«faria ella se fosse viva, nada do que tu estás fa-  
«zendo; e serviria, silenciosa e digna, bem me-  
«lhor a sua causa.

«Mata na tua bocca o riso ironico e as pala-  
«vras amargas; apaga nos teus olhos a chama do  
«odio, da vingança e do desdem. Domina o im-  
«pulso máu do teu coração contra aquelles que te  
«privaram dos teus privilegios e abaixaram o teu  
«orgulho. Abre o unico livro que as tuas avós  
«liam, que tão bem sabiam de cór e que tu es-  
«queceste; e lê com a fé que lhes abrazava as  
«almas tão lindas, certas paginas que o demonio  
«apagou da tua memoria.

«Lê *O bom pastor*, o *Sermão da montanha*, a  
«*Mulher adúltera*, as *Censuras aos escribas e pha-  
«riseus*, os *Vendilhões do templo*, o *Dinheiro de  
«Cezar*. . . —

«Querida prima Thereza, o antigo armario de  
«castanho dir-te-ha muitas mais coisas e todas  
«proveitosas.

«Quanto mal se evitaria na nossa terra se  
«quizessees escutal-o!»

Terminei a minha carta e mandei-a para o  
correio.

Tenho a certeza de que a minha prima The-  
reza, por causa d'este atrevido armario, vae cor-  
tar as suas relações commigo.

A minha prima Thereza confunde tudo na sua  
cabeça orgulhosa. Não tem serenidade, a virtude  
mais alta de uma fidalga, e não gosta que lhe di-  
gam as verdades porque está habituada ao balofo  
alimento de mentiras que diariamente lhe servem  
os seus adutores e que acabará por tornal-a  
hydropica.

Pobre prima Thereza!

---

Tenho pensado muito n'aquelle nobre armario  
de carvalho que jaz e jazerá n'uma arrecadação  
do solar da minha prima Thereza.

Uma das vantagens de quem vive como eu no  
isolamento e no silencio, é entender a linguagem  
muda dos moveis.

De noite, quando a casa está toda em socego  
e só eu me conservo accordada; quando a vida  
do campo se manifesta apenas por algumas vozes  
humildes que veem de longe e entram como um  
vago e mysterioso sussurro pela janella aberta,

dizendo de mansinho: «Velamos contigo; bem vês... não estás só»; quando debaixo do meu telhado apenas oiço a pancada rythmica do pendulo do relógio e o ruído inquietador do caruncho... então é que os objectos aparentemente inanimados que me cercam, principiam a falar.

Como elles falam!

Primeiro são os retratos dos mortos que, em vida, foram bons para mim.

Os olhos enchem-se-lhes de carinho, as boccas pallidas animam-se com um triste sorriso; e eu sinto a pena que elles teem, pobres sombras immoveis! de não poderem estender para mim as mãos com que tantas vezes me afagaram, me abençoaram.

E então os moveis tambem falam.

Meia duzia de taboas de pinho enceradas que me servem de estantes; um armario tosco de cosinha que encerei tambem dando-lhe uma côr escura para o tornar mais grave e o compenetrar da sua responsabilidade de contador ou de cofre, aqui, ao meu lado; uns caixotes sobre os quaes estendi um colchãozinho de palha deitando-lhe por cima uma colcha de chita para o elevar á dignidade de divan... E todas estas coisas me communicam os seus pensamentos nas horas da noite em que os outros, que teem voz, se calam.

As estantes dizem:

«Se fossemos de pau santo ou de pau rosa ou de sandalo ou outra madeira preciosa e cara da

India ou do Brazil, não terias mais prazer do que tens em olhar para nós, nem sentirias junto de ti a nossa companhia, a nossa adoração de cães fieis: porque os moveis ricos são orgulhosos e não se affeioam a ninguem. Nas nossas prateleiras alinham-se os livros que preferes, os que te consolam, te aconselham e te animam nos peores momentos; estão velhos, gastos á força de serem lidos, relidos, folheados mil vezes. N'uma estante de luxo sentir-se-hiam vexados, humilhados e... quem sabe? talvez lhes não quizesse tanto nem elles a ti. Não somos eternos; o caruncho devora-nos. Viveremos decerto apenas o que tu viveres porque nos trataes bem. Depois da tua morte não serviremos outro dono; só prestaremos para queimar. Não continuaremos a existir depois de tu nos deixares, atravez de gerações, passando de dono para dono, satisfazendo vaedades, como esses moveis de luxo, sem coração, que são de todos e de ninguem, profanados por leilões e espartezas de ferro-velhos. Somos *teus*».

E o divan diz:

«Não descançarias melhor depois das tuas horas de trabalho, depois das tuas lidas no jardim e na horta, depois das tuas grandes caminhadas, se te recostasses n'uma poltrona do Maple. Sou mais duro mas sou mais fresco e, como foste tu que me creaste, quero-te bem. Podes confiar em mim; se adormeceres, dar-te-hei sonhos saudaveis e puros».

E o armario da cosinha transformado em contador, diz:

«Sou reconhecido á tua habilidade que me elevou. Saberei guardar os segredos que me confias. Talvez um contador rico de embutidos e veneravel pela sua idade, t'os não guardasse tão bem como eu! As tuas cartas, os teus papeis importantes, o teu dinheiro, tudo é sagrado para mim. Um contador rico está habituado a encerrar preciosidades; desprezaria os teus pobres valores. Mas eu sou humilde e reconheço a honra que me fazes. Ser-te-hei fiel até á morte».

Queridos moveis pobresinhos, como elles fallam ao meu coração!

---

Inverno... inverno... Dias tristes, cinzentos, eguaes; o ceu baixo e pesado; a casa envolta em nevoa.

Foge-me a vontade de trabalhar; entorpece-me um grande canção.

Sento-me á janella, a ver, atravez dos vidros lacrimosos, a terra encharcada e a monotonia da chuva.

E penso, penso em mii coisas.

Quantas vezes pela vida fóra, n'uma volta do caminho, paramos bruscamente com o coração oppresso e olhamos para traz!

Alguem ou alguma coisa, de repente, surgiu defronte de nós e nos fez pensar com uma súbita melancholia:

«Ah! se fosse ha vinte annos!»

E a nossa imaginação vôa, atravessa o tempo que já lá vae, mostra-nos a mocidade passada e toda a estrada do destino já percorrida.

Ah! se n'aquelle tempo tivessemos topado esta fortuna, se tivessemos conhecido este *alguem*, se tivessemos tido esta oportunidade de ventura, se...

E a phantasia desenrola, perante o nosso olhar extasiado, perspectivas sem fim de paraizos perdidos.

Como nos enganamos! Com que requintes de subtilidade transformamos todas as coisas e aureolamos a verdade com falsos resplendores! Pobre gente que nós somos, tão facilmente tentada pelas miragens da imaginação!

«Ah! se fosse ha vinte annos!» suspiramos nós.

Se fosse ha vinte annos... Nós sabemos lá!

*Isto* que hoje nos parece um thesouro, sel-o-hia realmente ha vinte annos? Não é a rudeza dos agentes atmosphericos que, *atravez do tempo*, dá a maior belleza ás cathedraes antigas? E nós, ha vinte annos, teriamos olhos para ver e alma para sentir esse bem que hoje se nos afigura tão desejavel?

Nunca devemos olhar para traz. De que serve?

Emquanto conservarmos vida e actividade para caminhar e lutar em todos os combates que o dever aponta, olhemos para deante.

Olhar para traz e suspirar, ter nostalgias de coisas que nunca existiram nem podiam ter existido, é sempre um desfalecimento da vontade, uma culpada transigencia com o espirito mau que temos em nós e nos entontece com illusões. É um sonho quasi criminoso porque é esteril e não temos o direito de perder um só momento da nossa vida tão curta.

Olhar para traz é signal de fraqueza, de inercia e de morte.

A mulher de Loth foi transformada em estatua de sal por ter olhado para traz.

O caminhante que vae pela estrada da vida e já leva o seu alforge cheio, se vê á beira do vallado a arvore dos seus desejos, deve seguir o seu caminho sem uma hesitação; deve deixar na arvore os fructos que já não cabem no seu alforge.

De que serve pensar :

«Se eu tivesse encontrado mais cedo a arvore dos meus desejos!»

De que serve? Palavras ao vento!

Se o caminhante tivesse encontrado mais cedo a arvore dos seus desejos, nem os fructos estariam ainda maduros nem perfeitos, nem elle teria ainda o paladar bastante requintado para os apre-

ciar: porque a gente muito nova devora todos os fructos com equal prazer.

O caminhante deve pensar:

«A arvore nasceu alli, á beira do vallado. Isolada, desamparada, soffreu sósinha as arremettidas dos temporaes; para se defender, fortaleceu as raizes e enterrou-as no solo ingrato e rijo; foi assim que procurou alimento e que transformou a sua dôr em força e conseguiu elevar muito alto as suas ramagens e produzir fructos succulentos. É uma arvore que soube cumprir o seu destino atravez dos temporaes. Que a cubiça ou o capricho de quem passa, lhe não roube os fructos inutilmente. Deixal-a seguir o seu corajoso e difficil destino até ao fim.»

É isto que o caminhante deve pensar quando encontrar á beira do vallado, a arvore dos seus desejos.

E pensando assim ganhará forças novas para continuar o seu caminho e achará mais leve o peso do seu alforge trasbordante.

Olhar para traz é entrar n'um labyrintho perigoso onde a razão se perde, onde as energias morrem.

E' uma voluptuosidade que devemos afastar da nossa alma se queremos conserval-a firme. E' um prazer que só nos é dado saborear sem perigos e sem remorsos, mais tarde, quando chega a velhice. N'essa occasião já o presente nos não pertence; e o futuro não existe para nós.

E' então justo que nos reste a doçura de recapitular o passado.

Preparemos essa voluptuosidade da velhice.

O nosso presente *de agora*, será o nosso passado *de então*; façamol-o o mais lindo, o mais perfeito que nos fôr possível. Pensemos que elle virá a ser o passeio favorito da nossa alma quando o enfraquecimento de todas as nossas energias nos não permitta a continuação da jornada; e que nenhum outro prazer haverá então para nós que se compare áquelle de percorrer com a nossa imaginação, a estrada já percorrida.

Não deixaremos, portanto, atraz de nós phantasma algum que assuste ou entristeça mais tarde a nossa velhice, quando chegar a hora das recapitulações.

Derrubemol-os todos agora, emquanto nos restam as forças precisas.

Não avancemos á tóa.

É indispensavel sanear o caminho da nossa alma na previsão do futuro. Olhar para deante, olhar para deante! Que a nossa velhice, quando chegar a hora de olhar para traz, não encontre na terra percorrida, uma sombra suspeita, um charco, um pantano; que só veja claridade e chão limpo, drenado, coberto de culturas que fructificaram ou venham ainda a fructificar.

---

Recebi esta carta do meu velho amigo Diniz:

«Por algumas coisas que tenho lido e ouvido dizer, parece que pensam em arrancar o culto á maravilhosa igreja gothica da Batalha. E, como eu declarasse o que entendia sobre tal assumpto, foi-me respondido que, evidentemente, eu discordava d'esse projecto obedecendo a um sentimento puramente catholico.

«É triste a confirmação constante n'este nosso tempo, da má comprehensão do sentimento artistico e de como vulgarmente o confundem e o enovelam nas paixões politicas e religiosas.

«Trata-se a Batalha como se ella fosse um padrão de glorias. A Batalha é uma acção de graças; privar-a do culto é mutilar a sua belleza.

«Quando lá estive pela ultima vez, ha dois mezes, foi de manhã. O sol, coado pelos vitraes, coloria-se de tons maravilhosos; espalmava a côr dolorida da purpura, o oiro luminoso e o divino azul, na esbelteza das columnas, que sobem tão alto, na casta nudez das paredes, nas lages frias do chão.

«Espalhava-se no templo um vago perfume de incenso. Em frente do sacrario ardia uma lampada de azeite; e, na sombra, defronte de um altar dominado por uma estatua mediocre de santo, broxoleava um cyrio.

«Um cyrio pequenino, perdido da vastidão do templo como uma estrella solitaria perdida no infinito.

«Um grupo de mulheres do campo, vestidas de escuro, silenciosas, recolhidas, agglomerava-se junto de uma columna; um pouco mais adiante alguns homens com os seus fatos domingueiros e de olhos baixos, tinham como ellas as expressões graves e, nos rostos crestados pelo tempo, o reflexo d'aquella ineffavel luz interior que tão frequentemente apparece nas faces rudes dos santos em telas de primitivos.

«Tratava-se de um casamento; esperavam o padre.

«A noiva era muito nova e resplandecente de candura; podia ser uma noviça esperando a hora de tomar o veu.

«Nenhuma d'estas coisas era importante ou solemne.

«A lampada accesa dizia-me que a custodia encerra, aos olhos do povo, um Deus vivo, um Deus de misericordia e de amor que o entende e o consola. O cyrio pequenino e humilde era uma promessa; significava a agonia de uma pobre alma desamparada na terra, que procurara no ceu um alivio ao seu mal e o encontrara. A attitude da gente do campo alli reunida confirmava a minha impressão antiga sobre a influencia da architectura gothica religiosa na alma dos simples.

«O povo dos campos, ultimo reducto onde se

abriga ainda o que resta no mundo de puro mysticismo, sente a sua alma traduzida n'aquella doce e grave ascensão da pedra para Deus. Não sabe explicar a sua emoção: mas sob a protecção mysteriosa das abobadas ogivaes, entre a solemne e bella ordenação das columnas, julga-se mais perto do paraizo. Cala-se, suspira, pensa na sua vida humilde, no Rei do ceu que veiu á terra para o salvar; abraza-se de amor orando a esse poderoso e suave Jesus que tanto padeceu por amor d'elle. Reza com fervor, de mãos postas de olhos erguidos, conta as suas dores, offerece sacrificios; e o seu vulto de joelhos nas lages, a candura da sua adoração, o rosto grosseiro que o ardor da fé transfigura, a alma obscura e dolorosa que pede a bemaventurança eterna como compensação ás incuraveis agruras da sua pobre vida na terra, são complementos indispensaveis, na architectura gothica religiosa das primeiras epochas, á silenciosa e profunda oração da pedra.

«Arrancar a um templo gothico este perfume casto de adoração que elle traduz e do qual brotou, parece-me, repito-o, uma mutilação.

«Os que desejam a abolição do culto no mosteiro de Santa Maria da Victoria dizem que tal culto só se comprehenderia e poderia admittir se fosse celebrado com a grandeza e a imponencia que o mosteiro requer.

«Os bellos ritos creados pela arte maravilhosa do catholicismo, são de uma harmonia perfeita desde os mais humildes até aos mais sumptuosos.

«Não precisa a Batalha para conservar intacta a sua belleza, da opulencia e do esplendor das grandes cerimoniaes. Basta-lhe o que tem: a offerta de perfumes sagrados, o pequenino cyrio acceso n'um recanto de sombra, o silencio, o mysterio, a noiva ignorante e pobresinha que espera com recolhimento a sancção de Deus ao seu amor, as almas simples que se elevam na oração acompanhando a ascenção quasi infinita das linhas architectonicas.

«O templo da Batalha não requer magnificencias de culto.

«Foi o mosteiro entregue por D. João I á ordem de S. Domingos, logo depois da construcção começada; empenhou-se n'isto João das Regras como se vê no testamento d'El-rei: «...o qual depois que foi começado nos requereu o doutor João das Regras do nosso conselho e por Lourenço Lampréa nosso confessor estando nós em cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da ordem de S. Domingos. E nós duvidámos de o fazer porque assim foi nosso promettimento de se fazer á honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E responderam-nos que a dita ordem espicial era muito da dita Senhora...»

«Assim o mosteiro da Batalha foi entregue á ordem de S. Domingos. Porém, como a esta ordem na sua qualidade de mendicante, não era permitido possuir bens de raiz, D. João I, que *havia por desauctoridade e menoscabo de nome real vi-*

*ver de esmolas a casa que tinha o seu nome*, conseguiu do papa Bonifacio IX que, por excepção, fosse concedida a este convento a faculdade de possuir propriedades e rendas perpetuas e aceitar heranças, isto afim dos frades poderem ter por seu o mosteiro e a cerca.

«Não esquecendo porém que a ordem era mendicante, D. João I, apesar da licença pontificia, doou apenas o convento com os bens indispensaveis a uma parca sustentação; a pobreza da comunidade e a humildade da ordem nunca permitiram privilegios nem proeminencias ecclesiasticas, nem opulencia de cerimoniaes, nem esplendores do culto.

«Quando em 1794, Beckford que se encontrava hospedado no mosteiro d'Alcobaça, foi visitar a Batalha, ficou impressionado com a vida modestissima dos frades; e pernoitando lá com os grão-priores de Aviz e de S. Vicente que na sua companhia tinham vindo de Alcobaça, os opulentos freires d'este convento tiveram o cuidado de enviar aos pobres dominicanos de Santa Maria da Victoria, um fartissimo fornecimento de vive-res, roupas e baixellas, afim d'elles poderem condignamente receber tão illustres hospedes.

«Opulencias e faustos eram apanagio dos magnificentes e poderosos monges d'Alcobaça, cujo abbade possuia honras de bispo e dizia missa de pontifical e que tinham jurisdicção civil e criminal em quatorze villas e seus termos. Tão grande era

aquelle poderio que apenas reconheciam a sua dependencia da corôa pela cerimonia pittoresca de offerecerem um par de sapatos a El-rei quando visitava o convento.

«Mas os dominicanos da Batalha nunca tiveram grandezas de vida nem o culto na sua igreja excedeu a simplicidade que a ordem mendicante e os escassos recursos lhes permittiam.

«Os que desejariam ver abolido o culto na Batalha obedecem, segundo dizem, ao *sentimento nacional*, isto é, uma idea patriotica. Desejam ver a igreja de Santa Maria da Victoria transformada em museu e liberta das *profanações* que os padres alli teem feito, incluindo-se n'esta designação de *padres*, não só os modernos que para lá teem levado imagens mediocres, idolos sarapintados e theatraes, mas tambem os frades e outros que influiram na collocação de altares de estylos dispartados e em varias modificações e pseudo-restaurações que só contribuíram para desastrosamente alterar a pureza do magnifico edificio gothico.

«Estas profanações são lamentaveis. Mas não haverá meio de as evitar sem se lançar mão d'essa medida radical que transformaria o mystico e profundo templo em frio museu onde os homens entrariam de chapéu na cabeça e de cigarro na bocca, onde toda a gente pagaria o seu bilhete de admissão como n'um theatro e teria o direito de dizer ineptias em voz alta?

«E' um erro grave confundir-se o mysticismo

da Edade media com o catholicismo moderno. Quem pretender combater este ultimo expulsando os ritos sagrados das egrejas gothicas, assemelha-se ao cego que, para se defender do inimigo que o agride, vae bater no cão que o defende.

«Assombra-me que se chame a isto patriotismo; porém não acuso ninguem porque o tempo é tumultuoso e as opiniões são arrastadas no turbilhão dos acontecimentos. Só quem vive no isolamento póde julgar com alguma serenidade as coisas que se vão passando e encaral-as sem paixão.

«Assim como não deve confundir-se o mysticismo, da Edade-media com o moderno catholicismo, tambem é perigoso confundir-se o sentimento nacional de hoje com o do seculo XIV.

«Os soldados de Aljubarrota eram homens graves, religiosos, de limitada eloquencia e pouco dados a apotheoses. O seu amor patrio manifestavam-n'o elles com a abnegação e o heroismo no campo da batalha onde consideravam a morte, em taes condições, pouco merecedora de glorificação visto representar o cumprimento de um dever elementar. Alcançada a victoria rezavam, davam humildemente graças a Deus, na convicção profunda de que a Elle se devia o bom resultado da empreza e portanto era Elle e só Elle merecedor dos louvores.

«Depois de rezar, folgavam; esqueciam as horas de perigo e de angustia, divertindo-se.

« Não havia discursos nem jornaes; as coisas eram o que eram, simplesmente.

« Não digo mal do presente; cada epocha tem o seu espirito, e a sua orientação depende de causas profundas que, só depois da passagem do tempo, nos é dado julgar. Mas parece-me que deve ser elementar, no nosso estado de civilização, o respeito pela alma das grandes epochas mortas, não querendo separal-a das manifestações que d'ella nos restam.

« O criterio que prisidiu á construcção do mosteiro da Batalha, não foi o sentimento de orgulho nacional a commemorar uma victoria, mas simplesmente, candidamente, o impulso da alma religiosa de um povo erguendo as mãos unidas para Deus a agradecer-lhe a *Elle* o triumpho, a dizer-lhe que sem o seu auxilio, todo o heroismo dos pobres homens teria sido esteril.

« De resto, no decorrer da Edade-media, nem uma só vez se edificou um monumento grandioso a commemorar uma victoria dos homens, a glorificar um feito humano. Temos os arcos de triumpho dos romanos, como o de Constantino celebrando a derrota de Maxencio; temos depois, já em plena renascença, os arcos elevados em Paris em honra da grandeza de Luiz XIV; e mais tarde os monumentos magnificos ás victorias de Napoleão. Mas durante a Edade-media os homens abraçam-se de humildade e a pedra sobe, como um fumo de incenso, para o ceu.

« Querer dar a um templo gothico a significação de um arco de triumpho, é desconhecer o espirito do tempo e obrigar a pedra a mentir; querer privar-o do culto é arrancar-lhe a alma.

« É preciso pensar que na epocha em que surgiu a architectura gothica religiosa, não existia o Progresso, o deus omnipotente dos nossos dias, esse Moloch que nos devora, queimando a nossa actividade, esgotando-nos até á medulla, fazendo de cada homem um soffrego e insaciavel trabalhador de *placer*.

« É preciso pensar que a idea de progresso era então desconhecida; havia em seu lugar o sonho de belleza e o ideal de perfeição, coisas que o nosso tempo ignora e que eram moitas ardentes onde vidas inteiras se consumiam, desprezando os interesses da terra.

« A suprema condição da architectura religiosa é o sentimento de offerenda completa, incondicional, o desejo sem limites de dar tudo, de dar mais ainda, de ir além do possivel, de realizar prodigios, de exceder em riqueza, em trabalho, em harmonia, em graça, em belleza, em verdade, sobretudo, e em sinceridade, as proprias forças humanas. Esta condição quasi sobrenatural foi realizada pelo gothico, a grande e maravilhosa flôr do mysticismo.

« Hoje o progresso absorveu a alma humana e o sonho deixou de a animar. Não pensa o homem

já em produzir o melhor, mas em produzir muito. A ancia de lucro entrou-lhe no coração.

Não se deve portanto applicar ao mosteiro da Batalha o criterio moderno, modifical-o, catalogal-o, prival-o do que lhe resta de sonho.

«Diz-se que os padres alteraram com imagens e ornamentos anti-estheticos a pureza do estylo primitivo e, com certas cerimonias, mesquinhas procições de mau gosto, offendem a magestade do edificio. Mas essas alterações e essas offensas, apenas perceptíveis na grandeza do monumento seriam facilmente modificadas. O que são ellas comparadas com os males antigos e irremediaveis que affrontam o mosteiro da Batalha muito mais gravemente?

«São grandes os atropelos do estylo na *capella do Fundador*; maiores ainda no *claustro real* onde o delicioso gothico é ultrajado pelos tympanos dos arcos de pessimo e pesado manoelino. As *capellas imperfeitas* apresentam uma sobreposição de estylos que afflige: temos, sobre o gothico primitivo, ornatos manoelinos de tão grosseira e desastrada factura que mal se comprehende como alli se consentiram; e, por cima das severas ogivas, corre uma balustrada de renascença italiana e ergue-se um balcão do mesmo estylo que desconcertam e incommodam. O portico d'estas *capellas imperfeitas*, do mais puro e lindo manoe-lino, tem a gracilidade das linhas arabes e é de uma perfeita e minuciosa execução; mas como é alli disparatado!

« Estes erros são bem mais terríveis do que as modernas estatuas de gosto duvidoso e as barbaras procissões. No entanto sugereitamo-nos a elles; a arte dos nossos dias, suffocada pelo progresso, é incapaz de lhes dar remedio.

« Limitemo-nos a chamar á attenção de quem pode afim de se evitar que o gosto decorativo e a iconologia da rua de S. Sulpicio invada as sombras profundas do templo. E, os que falam da abolição do culto como de obra patriotica, lembrem-se de que mantel-o é, não só uma obrigação artistica elemental como justamente uma *obra patriotica*: pois não se concebe que por um *sentimento nacional*, se ultraje a memoria do Mestre d'Aviz e de seus filhos, cuja alma profundamente religiosa seria desacatada com a transformação do templo, sob cujas abobadas sagradas jazem as suas cinzas, em frio museu de onde a presença do *seu* Deus fosse expulsa.

---

No mesmo dia em que recebi esta carta do meu amigo Diniz, fui de tarde sentar-me no jardim enquanto as minhas criadas regavam os canteiros.

Estava lá havia pouco tempo quando ouvi gemer a cancella e, voltando-me, deparou-se-me um soldado, um expedicionario, com a sua farda cinzenta, ampla e bem talhada.

«O que virá aqui fazer este soldadinho portuguez que vae para França?» pensei eu.

O soldado encaminhou-se para mim, de boné na mão, todo risonho e com o andar desembaraçado de quem entra em casa amiga.

Só muito perto o conheci.

«Olha o Marcolino!» exclamei surprehendida.

«Bôas tardes, madrinha. A sua benção.»

«Deus te abençõe, meu rapaz. Põe o boné que a tarde está fresca e vens alagado em suor.»

O Marcolino, soldado! Não me habituara ainda ás surpresas da mobilização.

Fazia-lhe mil perguntas.

O Marcolino é meu afilhado de baptismo. Nascido n'uma humilde e honradissima familia de cavadores e sadio e forte de corpo e d'alma como toda essa bemdita gente do campo que trabalha a terra portugueza longe dos centros populosos e ao abrigo ainda do pseudo-progresso devastador das almas simples.

Vivia n'uma povoação distante mas era raro o mez que não vinha visitar-me. Da ultima vez participara-me o seu proximo casamento e apresentara-me a noiva. Ambos tinham alguma coisita de seu e como elle era um bom trabalhador e ella assejada, poupada e honesta, o futuro sorria-lhes.

«Já casaste?» perguntei eu.

«Eu já estava casado no civil havia oito dias, mas só me juntei com a minha Maria ha duas semanas depois de a receber na igreja.»

Hesitou, baixou os olhos.

«São costumes velhos;» continuou elle «e já agora, vou vivendo como o meu pae e mais os antigos, no temor de Deus.»

«E fazes muito bem, Marcolino. A Cezar o que pertence a Cezar, a Deus o que pertence a Deus. E quando foste chamado para a tropa?»

«Foi logo no dia seguinte, madrinha. Marchei logo para Cascaes...»

«Mas que grande desgosto! Logo no dia seguinte ao do teu casamento! Custou-te muito, não é verdade?»

Encolheu os hombros.

«Então... A gente tem de obedecer aos superiores. Foi assim que o meu pae me ensinou e nunca me dei mal. Lá custar, custou... Mas ao cabo de quinze dias pedi uma licença e logo m'a deram. O meu capitão é muito bom sujeito.»

«E quando partes para França?»

«Quando elles mandarem. Eu cá estou prompto.»

«Não tens medo?»

«Medo de quê, madrinha? A gente só morre uma vez.»

«Pensas em voltar ainda á terra antes de embarcar?»

«Cuido que não; elles dizem que a gente embarca para a semana. Mas eu disse á minha mãe e á minha Maria que ainda voltava. Assim custa menos. Da outra vez choraram tanto do coração

que até me custou a aguentar as lagrimas. E um homem não é feito para chorar. O homem é que deve dar animo ás mulheres.»

Calou-se uns momentos, pensativo. Depois, a evocação da guerra e do paiz extranho para onde ia, trouxe-lhe um tropel de ideas que me foi expondo, emmaranhadas, conforme lhe acudiam:

«Já lá tenho dois primos que foram como operarios. Quando chegar hei-de perguntar por elles a ver se posso ficar perto de onde andarem. Aquillo não ha-de ser tão grande que não saibam por lá onde elles assistem. E tambem hei-de tirar o retrato fardado para mandar á madrinha. Ha-de haver retratistas. Eu cá espero em Deus voltar. Vou trabalhar nos caminhos de ferro; não ha perigo. Os aeroplanos dos inglezes guardam a gente.»

Calou-se outra vez, a scismar, esforçando-se por conjecturar o paiz desconhecido e a guerra, e continuou com firmeza:

«A guerra está aqui está a acabar. Logo que os portuguezes lá chegarem, prompto! Se a madrinha soubesse o rôr d'homens que marcha para lá! Até mette medo! E' gente e gente capaz de cobrir a terra. A madrinha sabe o povo que se junta na villa quando é do arraial? Pois olhe que os soldados portuguezes ainda são mais. Os allemães em os vendo chegar, somem-se. E' bom para elles verem que os portuguezes d'agora ainda valem os antigos.»

Levantou para mim os olhos limpidos onde pairava uma duvida:

«Eu bem sei que os soldados allemães não teem culpa. São como a gente; fazem o que lhes mandam. Mas a gente tem que os matar para acabar com isto. De todo o modo é muito o mal que elles teem feito, não é verdade madrinha?»

«E a tua mulher e a tua mãe, como vão viver agora?»

Teve um sorriso resplandecente de confiança.

«O governo dá-lhes mais de vinte mil reis por mez enquanto eu andar na guerra.»

«E se não der?» perguntei eu.

Logo me arrependi perante o seu assombro.

«Então não ha-de dar, madrinha?! Então a gente não dá de tão bôa vontade o corpinho para a guerra?»

Disse-lhe que desejava offerecer-lhe uma lembrança para elle levar; pedi-lhe que me indicasse o que mais lhe agradaria.

Corou até á raiz dos cabellos.

«Eu não vim cá para a madrinha me dar presentes. Graças a Deus não preciso nada. Elles dão muito bôa roupa e tudo que é preciso. Eu vim para dizer adeus á madrinha. Só quero que seja sempre amiga da gente. . . e. . . Deus lhe dê saude.»

Atrapalhava-se, com os olhos cheios de lagrimas.

«Está bom, está bom,» disse eu. «Depois veremos. . .»

E para o salvar d'aquella commoção, mudei de conversa.

« Quando vocês voltarem é que vae ser! » disse eu. « Apenas desembarcarem em Lisbôa, o povo todo a dar vivas e musicas a tocarem e foguetorio... »

Interrompeu-me com um encolher d'hombros de indiferença.

« Isso lá!... A gente não vae por via d'isso. Eu cá, se voltar, mando rezar uma missa lá ao senhor prior em acção de graças e depois... tóca a pegar na enxada. Faz-se lá a nossa obrigação na guerra; depois os que voltarem vão-n'a fazendo como d'antes... Nem isto é coisa de admirar. Uns voltam, outros não voltam; mas ninguem ha-de ficar envergonhado, que a gente somos todos portuguezes. »

Conversámos um pouco mais; depois mandei-o para a cosinha descançar, conversar com as raparigas e beber um copo de vinho.

Subi, para o meu quarto, fechei-me por dentro e desatei a chorar.

Lembrei-me da carta do meu amigo Diniz sobre a Batalha.

Soldados d'Aljubarrota...

Ah! querido e santo povo dos campos da minha terra!...

*Julho de 1917.*



# Indice

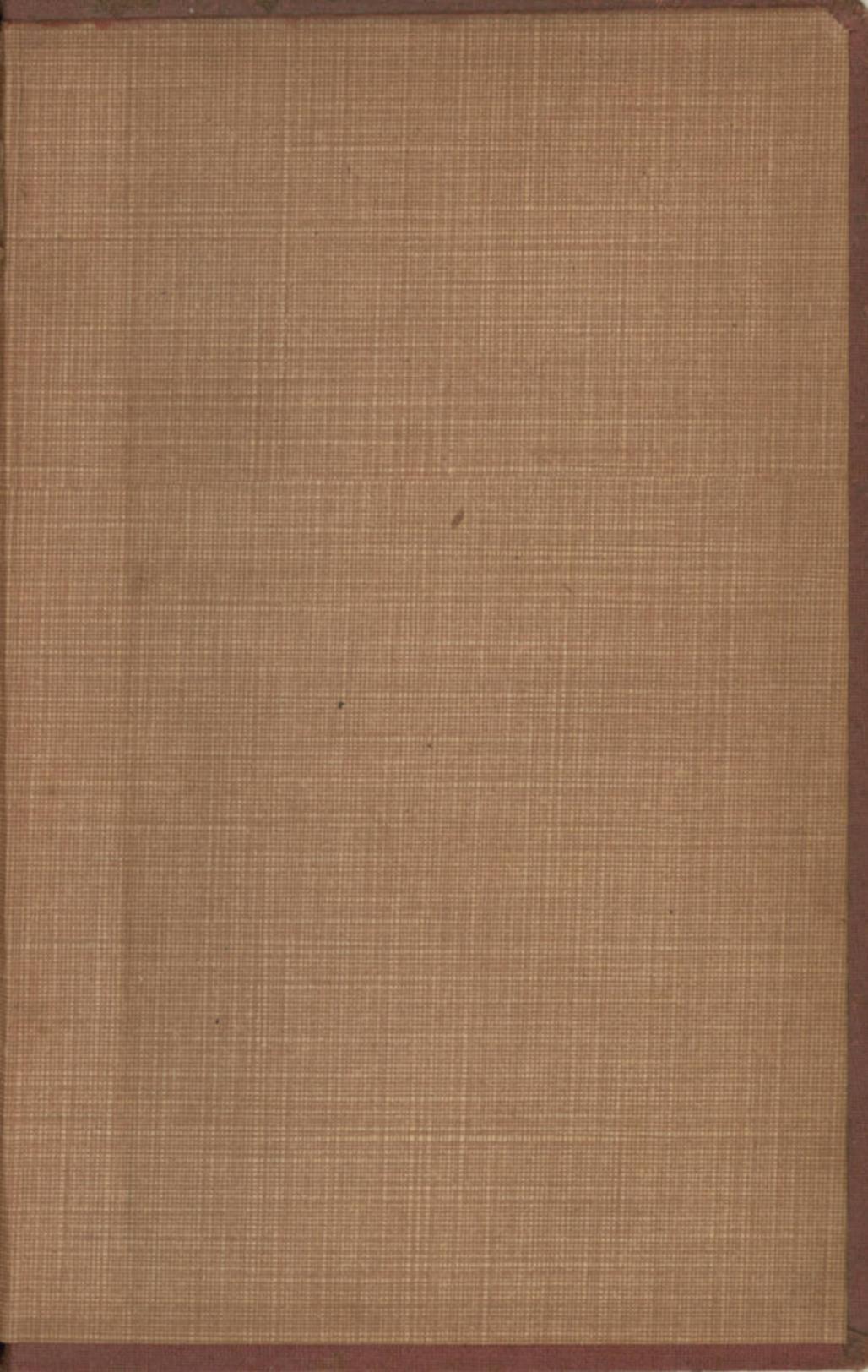
---

|  | PAGS. |
|--|-------|
| A PRAGA . . . . .                                | 9     |
| <hr/>  |       |
| OBRA DO DEMONIO. . . . .                         | 95    |
| <hr/>  |       |
| PAPEIS. . . . .                                  | 189   |
| Villasinha de provincia . . . . .                | 193   |
| A seara . . . . .                                | 198   |
| Vozes humildes . . . . .                         | 201   |
| As minhas criadas . . . . .                      | 204   |
| Sonhar . . . . .                                 | 207   |
| O meu amigo Diniz. . . . .                       | 210   |
| O' minhas irmãs, de quem será a culpa? . . . . . | 218   |
| Velhice . . . . .                                | 224   |
| A veneravel poltrona . . . . .                   | 228   |
| Como deve ser lindo o reino dos ceus! . . . . .  | 235   |
| O armario de carvalho. . . . .                   | 241   |
| Os meus moveis pobresinhos . . . . .             | 248   |
| Ah! se fosse ha vinte annos! . . . . .           | 251   |
| Por amor da Batalha . . . . .                    | 256   |
| O meu afilhado . . . . .                         | 266   |

---







NB



\*EFG0000452014\*